

Boletim da
Comissão
Catarinense

de

f
olclore

1956

Pede-se permuta
Pidesse canje
We ask for exchange
Si richiede lo scambio
On demande l'échange
Man bitet um Austausch
Oni petas intersangon

DIRETOR:

Walter F. Piazza

CONSELHO DE REDAÇÃO :

Almiro Caldeira de Andrada
Carlos da Costa Pereira
Oswaldo F. de Melo (filho)
Oswaldo R. Cabral
Victor A. Peluso Jor.

ENDERÊÇO:

Comissão Catarinense de Folclore

Casa de Sta. Catarina
Rua Tenente Silveira, 69
Caixa Postal, 301
Florianópolis — Sta. Catarina
Brasil

A capa dêste número foi desenhada pelo Prof. Aldo
Nunes — Florianópolis.



Florianópolis — Sta. Catarina — Brasil

Direção : Walter F. Piazza

ANO VI — Florianópolis, Janeiro de 1956 — N.º. 22

ÍNDICE

	Páginas
NOSSO FOLCLORE	
... do Folk teuto-brasileiro	T. C. Jamundá 4
Achêgas à poranduba catarinense	Lucas A. Boiteux 12
A pimenta	Carlos da Costa Pereira 23
Linguar de boiadeiro	Constantino Medeiros 28
Apontamentos sôbre os "pão-por-Deus"	Walter F. Piazza 31
FOLCLORE NACIONAL	
A festa dos Martírios	Felix Lima Júnior 47
Correio dos namorados	Victor B. Caminha 52
Proteção e restauração dos folguedos populares	Edison Carneiro 55
A lenda de S. Tomé	S. Suannes 65
Ditos e comparações gaúchas	Walter Spalding 76
Coisas do folclore sul-riograndense	Horácio Paz 81
FÓLCLORE DE OUTRAS TERRAS	
A passagem pelo vime	Manoel Greaves 84
O homem do guião	L. Machado Drumond 86
O conto angolano	Oscar Ribas 91
Música tradicional argentina	Fermin A. Anzalaz 85
NOTICIÁRIO	112
O QUE DIZEM DE NÓS	120

É permitida a transcrição de qualquer dos trabalhos contidos neste BOLETIM, desde que citados o Autor e a fonte.

* Após uma interrupção de um ano, volta o BOLETIM
* * DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, trazendo a sua contribuição à demopsicologia brasileira.

Vários motivos e várias injunções impediram a sua publicação, no decorrer de 1955.

Entretanto, torna a circular para cumprir — como até agora tem feito — a sua missão de divulgação cultural, para o bem de Santa Catarina e do Brasil, levando num cordial abraço a sua mensagem de Fraternidade, pois, outra não é a sua finalidade: melhor conhecimento dos povos, para sua mais íntima compreensão.

E registramos, aqui, os nossos mais sinceros agradecimentos, pela atenção que, a êste BOLETIM e à COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, dispensou a Administração do Excelentíssimo Senhor Irineu Bornhausen, que, neste mês, expira o seu mandato de Governador do nosso Estado.

Lembramos, nesta página, que, graças ao Convênio, assinado entre o IBECC e o Governo do Estado, representado por Sua Excelência, foi possível a publicação dêste BOLETIM, como até hoje tem sido feita, pela Imprensa Oficial do Estado.

Finalizando, almejamos que o Governo que se inicia seja, para a CCF e para o seu órgão, tão benemérito quanto o que expira.

A DIREÇÃO



... do Folk Teuto-Brasileiro

T. C. JAMUNDA

Os traços reveladores da religiosidade que norteia a família teuto-brasileira do meio rural da zona fisiográfica Vale do Itajaí, SC.; são, sobejamente, encontrados na organização peculiar da sua paisagem humana e também no recesso do lar. Fora as mostras que revelam a presença das igrejas cristãs nota-se o lastro ancestral que nutre a consciência religiosa. Assertiva desta revelação no lar, especialmente nêle, encontram-se os versos e as frases bordadas nas capas dos móveis e nos panos de paredes. Justamente, esta particularidade é alguma coisa de profundamente revelador do sentimento religioso. Trata-se de pedaços de fazenda, geralmente, dependurados à maneira de quadro, ornamentando. Encontram-se isolados num trecho da parede, sôbre a cômoda de canela, pesada e decorativa; sôbre as toalhas; sôbre o fogão e sôbre a parede onde fica o espêlho mais alto da cama de casal. Às vêzes são colocados acintosamente como num convite para serem lidos, entendidos e obedecidos; também encontram-se dêles pendurados discretamente. Uma coisa nota-se, e esta é a coerência das frases com a peça da casa. A frase que é própria para a sala de jantar é imprópria para o quarto de dormir; a da cozinha não serve para a sala de visita. É o imperativo do nexu.

É a importância da finalidade do verso ou da frase na educação religiosa, no estado de espírito da dona-de-casa com pronunciamento

dos valores morais. Existem frases e versos que destoam do sentido educativo ou seja do convite para a reflexão mística, entretanto é notado que êles consistem na minoria. Geralmente, a frase é de fundo moral e revela a religião dominante no lar. As letras são, comumente, bordadas, revelam as aplicações da dona-da-casa.

Registra-se que, comumente, chamam de “WANDSCHONER” em alemão para explicarem em língua vernácula: “Pano-protetor-de-parede”. As pessoas que podem opinar com certa base já por serem alemães e possuírem perfeito conhecimento da língua e da cultura, alemães, não concordam. Dizem que melhor é chamar “WANDSPRUCH” e traduzem: “Poesia mural”.

Registra-se que, realmente, a finalidade de proteger parede pode ter existido. Os panos com versos e frases bordadas anotados para a ilustração dêste artigo não tinham a finalidade precípua de proteger o local em que estavam. Tudo transparece que a existência das frases e dos versos nos retângulos de fazenda, conservados imaculados ao ponto de servirem de referência do grau de asseio, não ficava na finalidade de proteger parede. Notava-se sim o convite, a sugestão, o consêlho para os caminhos virtuosos e a lembrança das verdades bíblicas. Escritos quase sempre em alemão também encontram-se em língua vernácula. Dentre os detalhes percebidos notam-se: a elevação do padrão de vida, a urbanização do lar, a penetração de elementos culturais diferentes, como elementos modificadores do lar, digamos para exemplificar, tradicional da família teuto-brasileira. E a modificação operando por imitação do lar da área urbana, quase sempre despreza os versos e as frases bordadas em panos pendurados às paredes, à maneira de quadros, decorativos. Assim se pode dizer por que a área urbana, exceção dos lares menos interados ou que não perderam de todo os traços caracterizadamente rurais, o pano com verso ou frase, já não existe. O que significa “Der Wandspruch” já não é conhecido.

Seja “Der Wandschoner” ou “Der Wandspruch” coletamos alguns dos muitos encontrados e solicitamos a cooperação de teuto-brasileiros de famílias tradicionais em conseguir outros. Para ilustração passamos a êles no original em alemão e na tradução correspondente em língua vernácula:

- (1) “Wo Glaube, da Lieb; wo Lieb, da Friede;
Wo Friede, da Segen; wo Segen, da Gott; wo Gott keine Noth”.
- (2) “Zufrieden sein, ist grosse Kunst,
Zufrieden scheinen, bloser Dunst,
Zufrieden werden, grosses glück,
Zufrieden bleiben, Meisterstück”.
- (3) “Mit Gott fang an, mit Gott hoer auf,
Das ist der beste lebenslauf”.
- (4) “Der beste Schatz für einen Mann

ist eine Frau die kochen kann”.

- (5) “Ohne Fleiss, Kein Preis”.
- (6) “Wer auf Gott vertraut, der hat wohlgebaut”.
- (7) “Des Hauses Zier ist Reinlichkeit,
Des Hauses Ehr Gastfreundlichkeit
Des Hauses Segen Frömmigkeit
Des Hauses Glück Zufriedenheit”.
- (8) “Gott wacht, für alle Gross und Klein
Drum Schlafe ohne Sorgen ein”.
- (9) “Ist Die Küche rein,
Schmeckt alles fein”.
- (10) “Gott beschütze unser Haus
und die da Gehen ein und Aus”.
- (11) “Der treueste Führer in der Not,
Das ist und Bleibt der lieb Gott”.
- (12) “Morgenstund hat Gold in Mund.”
- (13) “Streu Blumen der Liebe zur Lebenszeit
Und bewahret einander vor Herzeleid”.
- (14) “Gott schirme mein Heim
Viel Glück herein”.

Este elemento decorativo do lar teuto-brasileiro das zonas rurais particulariza o ambiente doméstico. Os elementos de outras culturas, ingênua ou grosseiramente, por esta e outras particularidades, aplicam o qualificativo: “Casa de alemão”.

E esta qualificação pode ser um insulto, uma denúncia ou simplesmente um modo de explicar com laconismo. São flutuações próprias da paixão e do momento, sociologicamente, evidenciam o conflito mental.

A tradução dos versos e das frases que registamos em alemão, ao pé da letra para consideração do sentido, é a seguinte:

(Sala de visitas)

- (1) “Onde existe fé existe amôr, onde existe amôr existe paz,
Onde existe paz existe benção, onde existe benção existe Deus,
Onde existe Deus, tudo existe.”
- (2) (Numa sala de visitas)
“Estar alegre é uma grande sabedoria;
Aparentar alegria, simples ilusão;
Ficar alegre é ter a felicidade;
Viver alegre é o ideal.”
- (3) (Num quarto e numa sala de visitas)
“Iniciar com Deus e findar com Deus
É a melhor orientação para os caminhos da vida.”
- (4) (Numa cozinha)
“O tesouro ideal no lar é a espôsa que sabe cozinhar.”
- (5) (Numa sala de visitas)

- "A recompensa é conseqüência da aplicação."
- (6) (Numa sala de visitas)
"Fé em Deus roteiro certo."
- (7) (Numa sala de jantar)
"A limpeza é quem decora o lar ;
A hospitalidade é quem dignifica
Assim como, a devoção abençoa e
A felicidade traz alegria."
- (8) (Num quarto e na capa de uma preguiçosa)
"Deus vela por todos, durma sossegado."
- (9) (Numa cozinha)
"Tudo é gostoso quando a cozinha é assejada."
- (10) (Numa sala de visitas)
"Rogamos a Deus que proteja nosso lar e a todos que cruzam
nossa porta."
- (11) (Numa sala de visitas)
(Nem nos maus momentos esqueça de Deus,
Êle é o que sempre foi : o guia mais fiel."
- (12) (Numa sala de visitas)
"A madrugada sabe onde existe ouro."
- (13) (Numa sala de visitas)
"Semeia amôr por que não magoarás o próximo".
- (14) (Numa sala de visitas)
"Rogamos a Deus proteção e felicidade para o nosso lar."

O DESCASCAR-LARANJAS ("Der Orangenschälen")

Costume ido, quase esquecido e já fora do testemunho da geração na adolescência. Regista-se no acervo de lembranças de teuto-brasileiros que dobram a esquina dos trinta anos: "nas safras de laranjas e de tangerinas (anotamos que tangerina também conhecida por bergamota e mexerica) era comum ajuntamento de pessoas nos galpões dos engenhos da fabricação de açúcar. Tratava-se de reunião para descascar laranjas. O fim era fazer o doce chamado em alemão "MUS": purê de caldo-de-cana com frutas.

Nos tempos do acontecimento do "ORANGENSCHÄLEN" a fabricação do "MUS" se não era de laranjas era de tangerinas. Nos dias que correm faz-se com goiaba e banana, e misto de carambola com laranja.

O ajuntamento de pessoas para fazer "MUS" constituia uma atração para os adolescentes. O trabalho era alegre e regado com goles de KIMMEL e de cachaça com o caldo-de-cana quente. A época fria do ano contribuía para o consumo das bebidas. A reunião era alegre, os adolescentes cantavam as canções populares aprendidas na escola alemã ou nos lares. Entre as canções haviam as que che-

garam com os pioneiros do povoamento da região, provavelmente, algumas ainda da remotíssima coleção dos "LIEDS" do Folk Germânico.

Entre as muitas lembram-se que cantavam as seguintes: (1) — HEIDENRÖSLEIN, (2) — AM BRUNNEN VOR DEM TORE, (3) — DIE MÜLLERS FRAU, (4) — DIE PFLAUME UM BAUME, (5) — KOMMT EIN VOGEL GEFLOGEN, (6) — DER FASSBINDER.

São canções já esquecidas por muitos e nem conhecidas por grande parte dos adolescentes desta geração. Anotamos ainda os seguintes nomes de canções: (7) — DIE DREI LILLIEN, (8) — GOLD UND SILBER, (9) — ANNCHEN VON THARAU, (10) — IN EINEM KÜHLEN GRUNDE, (11) — ACH, WIE IST'S MÖGLICH DANN.

Quando os cantos não divertiam ritimados pelos calores do quimel de fabricação caseira, os mais idosos contavam trechos de histórias que sabiam ou mesmo a história dos dias difíceis diante da mata com seus habitantes. Fosse pelo quimel animador, cantando ou ouvindo histórias, a grande animação, o grande motivo, era o baile que encerrava a reunião para descascar laranjas. O baile era apelidado de "MUSBALL" o que queria dizer: O Baile-do-purê. Uma vez que "MUS" é um doce em ponto de purê. O baile era agradecimento do dono do engenho-de-açúcar, geralmente, o dono do "MUS".

"Der Orangenschälen" ou seja o acontecimento da reunião para descascar laranjas desde alguns anos passou para o acervo das lembranças. Já não acontece.

FESTA DA CUMEEIRA (Die Richtfest)

Quando o madeiramento para colocar o telhado fica inteiramente, armado é a oportunidade de fazer a Festa-da-Cumeeira. Ramos e palmas são amarrados em várias partes salientes do madeiramento, os operários, quando menos, pedem as cervejas comemorativas se o proprietário não deseja festejar com desafôgo. Via de regra a praxe é seguir o costume regional: convidar os amigos e comemorar com churrascada succulenta a armação da cumeeira. Consta nos bastidores dos supersticiosos que a festa-da-cumeeira, traz boa sorte.

Por outro lado consiste em motivo de exibição da vaidade e da satisfação de quem está construindo. Muito amigo das reuniões, com bebidas, o teuto-brasileiro mantém a sua "DIE RICHTFEST" e mantendo-a mata dois coelhos com uma paulada: reúne-se com boa rodada de amigos para um churrasco, à sua maneira, e também conquista a boa sorte para a sua construção.

Embora a parte diversional seja importante na festa-da-cumeeira, percebe-se por outro lado que os construtores e os operários de cons-

truções civís, não dispensam a folhagem amarrada nas saliências do madeiramento, especialmente, nas extremidades.

Indagados da finalidade respondem com precisão, sôbre boatos que ouviram algures: “o dono da construção não quiz comemorar a festa da cumeeira e, os operários também não deram a devida importância a praxe de, ao menos, pregarem um galho de árvore à cumeeira para espantar o espírito do mal. O resultado da indiferença não demorou: um operário caiu do madeiramento ao solo e perdeu a vida”.

Dalí ser praticada a ornamentação com folhagem, anunciando que a construção chegou à cumeeira, mais por parte dos operários que mesmo do proprietário. Satisfação de crença. Garantem-se de modo imaginoso que estão livres das ciladas do mal, da infelicidade de um acidente ou defendidos contra o sortilégio.

A festa-da-cumeeira pode ser notada tanto nas áreas urbanas como nas rurais. A sofisticação da aludida festa é circunstância natural; já assistimos festa-da-cumeeira que foi aproveitada coleta de fundos financeiros para fim nobre; assim não é desvirtuamento no entender dos seus festejadores, que sirva também para solução político-partidária ou quejandas. Não é popular tomar-se parte em uma delas que ocorra cerimônia particular com referências a cumeeira ou à colocação do telhado. A folhagem pregada lá em cima notifica na paisagem o festivo. Quem crê em bruxas entende que dalí elas estão afastadas pelas palmas amarradas ou pregadas no madeiramento; quem não crê entende apenas que alí o churrasco e a cerveja vão reunir um punhado de amigos. A sofisticação corre portanto do grupo reunido pela finalidade de festejar a cumeeira.

O TICO-TICO MANDRIÃO (“Plan’tit”)

A rica imaginação do brasileiro que o alemão encontrou civilizado nas terras do Vale do Itajaí, contribuiu significativamente para o folklóre do teuto-brasileiro. Particularmente, é o observado com o SACÍ ou SEM-FIM, (Ave da família CUCULIDEOS; “Tapera naevia”).

O Tico-Tico mandrião, é o mesmo chamado de SEM-FIM e SACÍ; nos arrabaldes de Recife, PE., êle tem o apelido de PEITICA, na Zona da Mata, pernambucana, chamam-no igualmente assim. Aqui no Vale do Itajaí ouvimos chamá-lo de Tico-Tico Mandrião, indagamos do motivo e obtivemos a resposta: “era um tico-tico malandro, cantava dia e noite”. Foi resposta do velho mestiço brasileiro descendente de família de veteranos nas terras de todos os Itajaís, nos primórdios da colonização já transitavam pelas picadas dos capoeirões e das matas. Repetimos a indagação e tivemos a mesma resposta ou que se tratava do “Sem-Fim”; “passarinho” muito difícil de ser visto.

Esse muito difficil de ser visto, encerrava algo misterioso, a ponto de pensar-se que se ouve o canto porém nunca se vê o "pássaro". Quanto mais perto parece o canto mais longe está a ave; quando se sai a procurá-la ou fica-se perdido ou volta-se cansado.

O canto insistente da dita ave é interpretado pelo teuto-brasileiro da zona rural, como um aviso que está no tempo de semear; daí o apelido onomatopéico: "PLANT'TÍT."

Já no nordeste brasileiro se diz que a Peitica diz no seu canto: "Buraco feito"; o que quer dizer — sepultura pronta. É de significado funesto ou azarento. Ouvimos também numa estiagem prolongada quando a dita ave cantava, que ela anunciava a estiagem ainda por muito tempo por que repetia, insistentemente: "Sem-Fim"...

O observável na interpretação do canto desta ave que, inegavelmente, pela insistência com que repete o assovio chama a atenção, é o gracioso e simpático da onomatopéia criada pelo agricultor teuto-brasileiro; fugiu ao funesto, ao cabalístico e ao dramático. Preferiu a poesia bucólica, em que as aves vivem como auxiliares do agricultor. Para êle, ela não é a Peitica agourenta, do nordestino; nem o Sem-Fim e nem o Sací registrado com origens na mitologia ameríndia.

É u'a ave amiga que avisa o tempo de semear, e, por isso canta insistentemente: Plan'tít... Plan'tít... — Dizendo: plantai... plantai... — Ou simplesmente: plantar... plantar...

Ilustramos que ouvimos pacientemente, muitos agricultores teutos-brasileiros ou não, desta região, sôbre a particularidade de terem visto a ave de canto tão impressionante, nenhum dos entrevistados viram, apenas conheciam-lhe o canto. E era justamente, quando ela cantava que praticávamos nossas inquirições. Procurávamos identificar a interpretação onomatopáica do canto, com o nome da ave e suas características, tudo que conseguimos foi o relato.

NOTA: Nas pesquisas e inquirições contamos com a cooperação expontânea dos interessados nas divulgações das coisas regionais, assim, colaboraram os teutos-brasileiros Marcus Rauh, Germano Brandes Jr., Nelson V. Gllsa, Helga Hemmer, Ruth Holetz, Ursula M. Kretzer e Ruth Jamundá (nata Odebrecht); os alemães Emil Schneider e Hans Schneider, o primeiro com a profissão em sua Pátria de jornalista e o segundo como professor de música e canto, nesta região catarinense.

O repertório do FOLK TEUTO-BRASILEIRO dos municípios de Ibirama, Timbó, Indaial e Blumenau, anotamos que entre outros vocábulos sobressaem KUCHEN, KIMMEL, KESSELHOLZ, FLAMRI, SCHWARTZSAUER, MUSBALL, estes principalmente, tomavam presença ativa no acontecimento do ORANGENSCALEN. O 'SCHWARTZSAUER' vem ser o mesmo que cabidela ou molho-pardo, o primeiro é corrente no nordeste e o segundo no sul; sua presença destacada vem ou chegava com o acontecimento do POLTERABEND (noite-do-barulho) justamente, na véspera do casamento. Para alimentar os convidados e que também contribuíam nos preparativos da festança doméstica: o dia do casamento. Providenciavam alentados painéles de molho-pardo (SCHWARTZSAUER). Nos

grupos em que a dominância de descendentes de pomeranos era maior encontrava-se ainda bem antes do dia do POLTERABEND um parente de um dos nubentes fazendo em versos os convites para o casamento. Era tratado por HOCHZEITSBITLER. Hoje já é rarissimo. Trataremos destes acontecimentos em artigo próximo.

Achêgas à Poranduba Catarinense

por **Lucas A. Boiteux**

A quem dóe o dente vá a casa do barbeiro.
A formiga quando se quer perder cria asa.
A quem Deus promete não falta.
A inimigo que foge ponte de prata.
A porta da rua é a serventia da casa.
A abelha procura sua parelha.
A pior cunha é a do mesmo páu.
A língua da bôca é o chicote do cu.
A pulga no cachorro gordo não morde.
A uns morrem as vacas; a outros párem os bois.
Antes cair em graça do que ser engraçado.
Atráz de mim virá, quem bom me fará.
Ao ruim não há mal que lhe chegue.
Árvore ruim não dá bôa sombra.
Ao velho recém-casado, reza-se a finado.
Amigo ruim é faca sem corte.
Aqui estaremos Adão até que chegue o verão.
Antes no gancho do que na forca.
Dois bicudos não se beijam.

Dois proveitos não cabem num saco só.
De gota à gota o mar se esgota.
Deus dá nozes a quem não tem dentes.
É como dona Tareja, quanto vê tudo deseja.
Em política e em amôr não há pudor.
Entre duas pedras não metas a mão.
Faze o bem, não olhes a quem.
Fôme mata, mas morre farta.
Mais é a fama do que a escama.
Macaco quando se coça quer chumbo.
Moça, fífa e chita não há feia nem bonita.
Não há feio sem sua graça, nem bonito sem jaça.
No dar e no arreganhar não devas abusar.
Mulher e cão de caça só pela raça.
Na bôca de quem não presta o bom não tem valia.
Mês de S. João, trigo na terra e não no surrão
Onde não há el-rei o perde.
Onde há gente não morre gente.
O que o diabo dá o diabo leva.
O pouco, com Deus, é muito; o muito sem Deus é nada.
O que o berço dá só a cova tira.
Onde há boi há cornada (Reg. Serrana).
Paz de cajado guerra é.
Paga o que deves e vê o quanto fica.
Pedra movediça não cria limo.
Pedrada não tráz letreiro.
Quem guarda com fome, vem o gato e come.
Quem dorme no mesmo colchão tem a mesma opinião.
Quem meu filho beija, minha bôca adoça.
Quem come capão, fica mijão.
Quem se aluga a S. Miguel não se assenta quando quer.
Quem muito lo quer o muito lo perde.
Quem anda aos porcos tudo lhe fede.
Quem tem medo vive de resguardo e acaba cêdo.
Quem não vai a guerra não morre nela.
Quem dá o que tem a pedir vem.
Quando Deus dá o trigo o diabo carrega o saco.
Quem dinheiro tiver fará o que quizer.
Amigos de bom tempo, mudam com o vento.
Há palavras oucas, orelhas moucas.
Água mole em pedra dura tanto dá até que fura.
Burro velho com cangalha nova, matadura certa.
Bôa romaria faz quem em sua casa jaz em paz.
Baiano, castelhano, cavalo tobiano e petiço raiano só dão bons por engano.

Cada coisa tem seu tempo.

Cesteiro que faz um cêsto faz um cento, havendo verga e tempo.

Casa de esquina, morte o ruína.

Comadre andeja, não vou a nenhuma parte que não a veja.

Casamento e mortalha no céu se talha.

De médico e louco cada um tem um pouco.

Dar, doe; chorar faz ranho.

Da laranja e da mulher o que ela quizer.

Dois pobres e uma porta não fazem negócio.

Depois do jantar nem uma pena levantar.

Deus é grande mas o mato é maior.

Enquanto o compadre vai e vem, a comadre mostra o que tem.

Fia-te na Virgem e não corras.

Fazer bem, pensar melhor.

Jogo de oito e nove, no fim só paga o pobre.

Maria Atalaia, por cima muito vestido por baixo só uma saia.

Má demanda é boa demanda, o escrivão da nossa banda.

Nunca percas por não falar.

Numa parte se põe o ramo, n'outra se vende o vinho.

No campo encontrei, no campo deixei.

Na arca do vilão só o diabo mete a mão.

Na pataca do usurário o diabo tem 320 rs.

O homem em casa, o diabo na brasa.

O melhor do melão é o calado.

Não é quem pena, mas a quem Deus ordena.

Não há sábado sem sol, nem noiva sem lençol, nem domingo sem missa, nem segunda sem preguiça.

Porta arrombada, trancas de ferro.

Pólvora pouca e chumbo até a bôca.

Para teres vista bela, olha o mar e mora em terra.

Quem tem quem lhe chore, morre todos os dias.

Quem não cria não pia.

Quem menos anda, vôa.

Quem ama a Beltrão, ama o seu cão.

Quem seu assento aluga, não se assenta quando cuida.

Quem empresta não melhora.

Quem muito fala pouco acerta.

Quem tarde vier come do que houver.

Quem me dá o osso não me deseja morto.

Quem mal não usa, de mal não cuida.

Quem a faca e o queijo tem, corta o naco que lhe convém.

Quem pariu Mateus, que o embale.

Quem cá fica come e bebe e a paixão logo se vai.

Quem canta seus males espanta.

Quem se assenta em pedra tres dias se renega.

Quem não tem bois... ou antes ou depois.
Quem não pode com o tempo não inventa modas.
Quem se pica cardos (alhos) come.
Quem espera, desespera.
Quem espera sempre alcança.
Quem não tem sangue não faz chouriço.
Quem não pode trapaceia.
Quem não bebe na taberna, folga nela.
Quem quer vai, quem não quer manda.
Quem me avisa meu amigo é; quem se engana é porque quer.
Quem deve a Deus paga ao diabo.
Quem tem capa escapa; quem capa não tem escapa também.
Quem tem pena fica sem pena.
Quem em pedra mexe, alguma lhe cai a cabeça.
Quem tem telhado de vidro não atira pedras no do vizinho.
Quem burro vai a Santarem, burro vai e burro vem.
Quem tem dinheiro não chora dinheiro.
Quem muito se apura pouco dura.
Quem não quer ser lobo não lhe vista a pele.
Ri-se o roto do descosido e o sujo do mal lavado.
Raposa que dorme não apanha galinha.
Remenda teu pano que durará um ano; remenda e torna a remendar,
 mais um ano ele torna a durar.
Santo de casa não faz milagre.
Se quizeres viver em paz, tua porta cerrarás e teu vinho louvarás.
Terra molhada, três dias ventada.
Tanto perigo corre o pau como o machado.
Só se veja quem só se deseja.
Não é quem pena, mas a quem Deus ordena.
Atrás do apedrejado correm as pedras.
A fome e o frio metem a raposa, a caminho.
A palavras loucas orelhas moucas.
As águas descem ao mar e todas as coisas ao seu natural.
Antes que o mal cresça corta-se-lhe a cabeça.
Antes dar ao carnicheiro que ao doutor.
Deus dá o frio conforme a roupa.
Cada um despende como seu braço se estende.
Depois do mal feito, chorar não traz proveito.
Fazer bem à mulher é deitar água no mar.
Manda e descuida, não farás coisa nenhuma.
Missa e maré se espera ao pé.
Minha casa meu lar, minhas perninhas para o ar.
Mulher doente, mulher para sempre.
Nordeste duro, pampeiro seguro.
Muito bem se canta na sé, uns sentados e outros de pé.

Não digas à língua por onde joguei a cabeça.
Não há fechadura segura se de ouro fôr a gazua.
Não há bem que sempre dure nem mal que não se acabe.
O macaco nunca olha para o seu rabo.
Para o sueste clareou, vento de lá soprou.
Tanto vai a raposa ao moinho que um dia lá deixa o focinho.
Todos os rios correm para o mar.
Velho de muitas bôdas, por causa de uma perde todas.
Mais é a fama do que a escama.

Não há sabado sem sol
Nem noiva sem lençol,
Nem domingo sem missa,
Nem segunda sem preguiça.

TROVAS

A BANANEIRA

(Pta. Grossa)

A folha da bananeira
de comprida chega ao chão;
a moça que tem má cara
também tem mau coração.

A folha da bananeira
tem direito e tem avêssô;
jurei amar-te, menina,
de pequenina do berço.

Não cortes a bananeira
sem o cacho estar de vez;
quem ama com falsidade
é melhor deixar d'uma vez.

A folha da bananeira
de verde ficou em tiras;
meu amor, fale a verdade,
não me andes com mentiras...

Bananeira chora, chora,
pelos filhinhos que tem;
cortam o cacho, morre a mãe,
ficam os filhos sem ninguém.

A folha da bananeira
de verde o sol não passa;
muito me pesa, menina,
eu não ser de tua graça.

A folha da bananeira
p'ra que banda está virada?

Para a banda da cachoeira...
Eu de lá não tenho nada.

Não me corte a bananeira,
nem lhe meta o machado,
que à sombra da bananeira
está o meu namorado.

SILVAS

(De Garopaba)

Se eu soubera d'aqui vir
P'ra brincar neste salão,
Para vir vos escutar
reclamos de louca paixão.

Vi bem que me desprezaste,
de mim não tiveste dó;
no mundo há mais quem eu amo,
você não é gente só.

Você não é gente só,
espere que estou zombando;
tome amor com quem quizer
qu'eu sem você vou passando.

Serei firme ao teu amor,
não amei a mais ninguém;
comigo se ha de haver,
se ele não vos tratar bem.

Com toda a minha pobreza,
tratei-te como podia;
Deus permita que não sintas
minha feita algum dia.

Triste vida me acompanha,
nada me alegra o sentido;
ninguém sabe o bem que perde
senão depois do perdido.

Fui solteiro, sou casado,
Nosso Senhor que casou;
dou-me por bem empregado
ser cativo de quem sou.

Namoraste em Abril,
Para casar em Janeiro;
já não tens liberdade,
és sujeito ao cativo.

O ó da serra lhe cobre,
a urtiga lhe causa dôr;
para teres sempre liberdade
não has de tomar amor...

Paixão de amor é veneno,
e mata de repente;
faz a gente vergonhoso,
tira a vergonha da gente.

Eu não te podia amar,
no amor era ferido;
e tanto mal me queriam
só de me seres querido.

Quando falei a teu pai,
Este não me deu resposta,
Dizem que quem cala consente,
quem consente é porque gosta.

Do meu pai eras querido,
amigo do coração;
por êle sereis estimado
não quiz te dizer — não.

Isto são **legungas** (?) vossas,
são luxos de quem namora;
Se isto são tudo legungas,
não tendes razão, senhora.

Dizeis p'ra vosso descarte,
que eu não tenho razão...
perdoai todos os agravos
de me não teres paixão.

Perdôo-te por todos os santos
que hai na côrte do céu;
levo teu nome gravado
no fôrro do meu chapéu.

De vós serei perdoado,
não tenho mais que pedir;
o meio dos vossos segredos
juro que eu hei de cumprir.

Quando vos queria bem,
o meu regalo era vêr-vos;
agora tanto me renda
ganhar-vos como perder-vos.

CANTIGAS

Quando eu não te conhecia,
Não sabia suspirar;
Agora que te conheço,
O suspiro me faz matar.

Lá vem o sol saindo
Debaixo da côpa rama,
Dando vivas que amanheça
Para alívio de quem ama.

Meu coração é leal
Para toda a criatura;
Não é como o teu falso,
Coração de pedra dura.

Na Deserta onde moro,
Aonde não mora ninguém,
Moro eu por ser cativo,
Por ser leal a meu bem.

Na Deserta estava eu,
Num cantinho escondido,
Quando foram me dizer
Que meu bem tinha marido...

Na Deserta estava eu,
Quando me foram chamar;
Se quizesse vêr o meu bem
Qu'estava p'ra se acabar.

Na Deserta estava eu
Quando me foram dizer,
Se quizesse vêr o meu bem
Que estava para morrer.

Olhos pretos, olhos pardos,
Olhos azues soberanos,
Estas três castas de olhos
Para mim foram tiranos,

Olhos pretos encantadores,
Para que não confessais
As mortes que tendes feito,
Os corações que roubais.

Se suspiros fôsem balas
Como não estaria teu peito?!
Todo cravado de furos,
Menina, por teu respeito,

Não há penas tão sentidas
Como as penas da graça;
No avô elas se depenam,
No apoiar se embaraça...

Teus cabelos da testa
São os que te dão toda graça
Parecem moedas d'oiro
Aonde o sol se embaraça.

Porque não me vês chorar
Tu me chamas de ruim;
Minha dôr não doe p'ros outros
Eu choro dentro de mim.

Dentro do meu peito tenho
Duas escamas de peixe:
Uma diz qu'eu não te amo,
Outra diz que não te deixe.

Menina dos olhos pretos,
De sobrançelha cerrada;
Mal empregado, menina,
Não seres minha namorada.

Bem vejo que não me amas.
Que não me tens amizade;
Bem sei que és ingrata,
Que não me tens lealdade.

Que não me tens amizade
Eu tenho toda a certeza,
Porque tens outro a quem ama
A quem tu guardas firmeza.

Eu não te posso amar
Porque já tens outro bem;
Não gosto de desmanchar
Os prazeres de ninguém —

Os prazeres de ninguém
Eu não posso desmanchar;
Bem que estás impedido
À outra não podes amar.

Coração como êste meu,
Como êste meu coração;
Está sempre levando golpes
Mas nunca caindo no chão.

Tua bôca é um tinteiro,
A língua pena aparada,
Os dentes, letra miuda,
Os beijos, carta fechada.

Oh! minha prenda querida,
Oh! minha mimosa flôr!
Algum dia veio-te a mente
De ser eu o teu amor?...

As telhas do teu telhado
Todas elas têm virtude;
Passei por elas doente,
Logo fiquei de saúde...

Tens o cabelo crespo
Todo cheio de anel;
Dizei-me se é de nascença,
Se é feito de papel...

Quando bebo nosso mate
Conserto bem a garganta,
Pois sou como passarinho
Quanto mais bebe mais canta.

Dos meus braços para fora
Quero bem a todo o mundo;
Dos meus braços para dentro
Só a um e sem segundo.

Levei um búzio ao ouvido,
Escutei o que êle disse:
— "Se pensas qu'ela te ama
É rematada tolice..."

Caninha verde plantei
No caminho do sertão;
Ao cabo d'alguns meses
A caninha deu pendão.

Aí vem o carro cantando
Cheio de palha de cana;
Não há nome tão bonito
Como o nome de Caetana

Maçanico pequeninho
Fez o ninho no banhado,
Quem não dança o maçanico
Não arranja namorado.

Saibam todos que aqui estão,
Que sou buzina altaneiro;
Por não achar bicho de unha
P'ra cantar de companheiro.

A essas casinhas de palha,
Se eu fôra fogo queimava;
A essas moças ciumentas,
Se eu fôra morte matava...

Adeus, que me vou embora,
Adeus, que me quero ir;
Dá-me cá os teus braços,
Que me quero despedir.

Minha bela menina,
Da minha veneração,
Teus carinhos, teus agrados,
Teus olhos penas me dão.

O amor da mulatinha
É de uma pomba ferida;
No ar derrama o sangue,
Cai no chão, derrama a vida.

O amor enquanto é novo
Ama com todo o cuidado;
Depois da pena na mão
Passa ao papel de enfadado.

Aí vão as velas brancas
Rompendo o mar azule,
São penas das gueivotas
Levadas p'lo vento sule...

Ó nuvem esconde a Lua,
Deixa ficar tudo escuro,
O beijo dado na treva
É mais gostoso e seguro.

Esta noite estava a sonhar
Que meu bem tinha morrido;
Me acordei toda assustada
Com outro já no sentido.

As telhas do teu telhado
As táboas do teu balcão
Elas te podem dizer
Se te quero bem ou não.

Lá vai a garça voando
Co'as penas que Deus lhe deu;
Contando pena por pena
Mais penas padeço eu.

Passarinho só tu podes
Com penas viver cantando;
Eu não posso ser assim:
Com penas vivo chorando.

Minha galinha pintadinha,
Meu gainho carijó,
Minha galinha veste saia,
Meu gainho paletó...

O cravo do meu craveiro
Já está ficando cinzento;
Quando os cravos mudam a folha
Quanto mais meu pensamento.

O vento que ventou ontem
Roeu-me a folha da palma;
O dia que não te vejo
Não tenho vida nem alma.

Menina, não vistas branco,
Que o branco sempre se suja;
Amarelo é côr de ouro
E na cidade se usa...

Eu quero bem à malícia,
Como coisa que já visse;
Nunca malicieei nada
Que tão certo me saísse.

A rosa, para ser rosa,
Há de ser d'Alexandria;
A moça para ser bonita
Deve chamar-se Maria.

Tanta laranja madura,
Tanto limão pelo chão,
Tanto sangue derramado
Dentro do meu coração.

Tanta laranja madura,
Tanto limão pelo chão;
Quem te ensinou estes versos
É caixeiro de balcão.

Laranjeira pequenina
Quando pega a abotoar,
É como moça solteira
Quando pega a namorar.

T'arrenego, cão tihoso,
Que me vens atentar,
Seja minh'alma p'ra Deus
E teu corpo para o mar.

Quando passares por mim
Faze o semblante bem triste,
Inclina os olhos p'r'o chão,
Faze que nunca me viste.

Diz-me porque estás tão triste
Com a mão chegada ao rosto,
Diz-me quem foi o causante
Deste tamanho desgosto.

Eu não quero amor do sítio,
Que enjoa a massa crua;
Quero amor da cidade
Que sabe pisar na rua.

Trocaste a mim por outro,
Trocaste o mundo todo;
Safiste das Águas-claras
P'ra te meteres no lodo.

Não me atires com pedrinhas,
Que eu nunca fui atirado;
Atira-me com teus beijinhos
Que com isto fui criado.

Lenço branco no pescoço
É sinal de casamento;
Menina, tira o teu lenço,
Que p'ra casar não falta tempo.

Meninas que andas de luto,
Dize-me quem te morreu:
Se foi pai ou se foi mãe?
Se foi amor, não fui eu...

As cantigas que eu sabia
Tôdas o vento levou...
Uma me ficou na memória
Que meu avô me deixou.

Não ha pessoa no mundo,
Nem mesmo pôde haver,
Firme, Peal e constante
E sem falsidade fazer...

Eu compro a minha vida
Com a côr do Beijo-frade,
Sempre tendo amor aos outros
Sem ninguém ter-me amizade.

Eu nunca passei trabalhos
Quando não te conhecia;
Hoje que és meu amor,
Trabalho todos os dias.

Um dia de manhã cedo,
Meu peito por ti chamou;
Comecei a suspirar
E suspirando inda estou.

Teu olhos me prenderam,
Teu coração me amarrou;
Sou cativo do teu corpo,
P'ra te amar aqui estou.

Nas tranças do teu cabelo
Meu coração se prendeu;
Dei tôda a minha amizade
Aos lindos lábios teus.

O Sol assim que aponta
Vem trazendo o seu clarão;
Meus olhos, quando te avisto,
Alegram meu coração.

A sereia quando canta
Faz perder embarcações;
Morena quando é bonita
Tem vinte corações.

Lá detrás daquela serra
Outra maior serra tem;
Por detrás dela tem outra
Onde mora o meu bem.

Dizei-me, minha menina,
Onde é sua moradia;
Desejo lhe visitar
De toda a semana um dia.

Menina, me dê o seu nome;
Você não demore muito...
Quando eu fôr p'ra sua banda
Eu já sei por quem pergunto.

Você diz que não me quer
Porque seu pai tem fazenda;
Não é seu pai assim tão rico
Nem você tão bela prenda.

Eu não quero mais amar,
Eu não quero, tenho dito;
Não quero amor dos outros
Pois o meu é mais bonito.

Menina, eu por ti soffro
Trabalhos, penas e dôr;
Hei de morrer te amando,
Morto, serei teu amor.

Te deixarei só por morte,
Se Deus me quizer matar;
Tres horas antes da morte
Quero contigo falar.

Eu morro por te amar,
Padeço por não te vêr;
Que teu coração é meu
Algum dia hei de dizer.

Eu sou como o peixe n'água,
Quando acha grande vão;
Eu sómente vivo alegre
Chegado ao teu coração.

Dormindo, estava sonhando,
Com teu delicado aspecto;
Desde a hora em que sonhei
Por ti eu vivo sujeito.

Me disseram que meu corpo
Nos teus braços ha de cair;
Não quero olhar para outro
Até isso se cumprir.

Por ti dou tantos suspiros
Como peixes ha no mar;
Amando estes teus olhos
Minha vida ha de findar.

Coração de pedra dura
Que nem pedra de amolar,
O ferro no fogo abranda
Só tu não queres brandear.

Se o papel consentisse
Letras incarnadas em si;
Eu escreveria com sangue
O amor que tenho por ti.

Na hora da minha morte
Se eu nada puder dizer;
Me botem nos teus braços
Pois neles quero morrer.

Unido viva teu peito
Junto ao meu coração:
Como vive o pé de arvore
Unido junto co'o chão.

Ninguém viu o que vi hoje
Debaixo da verde rama,
Duas donzelas a dizer
"Muito padece quem ama".

Briga de amor eu comparo
A'briga do mar co'os peixes;
Estão brigando, estão dizendo;
"Só quero que não me deixes".

Assim como eu o amor deixo
E depois torno a pegar...
Acabei...continuei...
Para nunca mais deixar.

Se os suspiros salvassem,
No céu, eu sei que já estou;
Sou salvo pelos suspiros
Que por teu respeito dou.

Para ti me vou chegando,
Delicias do bem querer,
Se eu te vêr gozar com outro
De paixão hei de morrer.

Hei de me gozar contigo,
Pois é todo o meu empenho,
Assim te vou mostrar
O grande amor que te tenho,

O grande amor que te tenho,
Não podia ser maior,
Pois dá luz como a Lua,
E alumia como o Sol.

Eu sempre te hei de amar,
Juro por Deus Nosso Senhor,
Que te serei sempre firme
Enquanto eu viva fôr.

Se pensas que por ausencias
De ti me tenho esquecido,
Abre meu peito verás
O teu retrato imprimido.

Se o querer-bem se pagasse,
Muito me estavas devendo;
Tu com dinheiro não pagas
O bem que te estou querendo.

Dentro de meu peito tenho,
Bem em cima do coração,
Uma letrinha que diz:
Morrer, sim; deixar-~~o~~? não.

Se não tivesse pela prôa
Os teus olhos a me guiar,
Qual farol, amigo certo,
Na costa eu ia dar.

Quero morrer em teus braços,
No teu peito me enterrar;
E com a luz dos teus olhos
Eu quero me alumiar.

Apesar de não ter a dita
Pega a chave do meu peito.
Abre e vê meu coração;
Nele acharás escrito.
Se eu sou leal ou não.

O meu peito está fechado,
As portas não quero abrir,
Se abro p'ra você entrar
E'para nunca mais sair.

^ minha vida é tua,
O meu coração também;
Se te dei a minha vida
E'porque te quero bem.

Vou despedir-me de ti,
Como a flôr que murcha cai;
Quem se despede da casa
E'p'ra não voltar nunca mais.

Primeiro, dei-te meu peito,
Ao depois meu coração;
Agora dou-te meus braços
Para a nossa união.

As cinco letras do teu nome
No meu peito estão unidas;
Só de ti me esquecerei
Quando não tiver mais vida.

Apezar de não ter a dita
Do teu coração vencer,
Assim mesmo desprezada
Hei de amar-te até morrer.

Ausente de ti, meu bem,
Não posso mais suspirar;
Por isso não tenho alívio:
Meu destino é chorar.

Se meus suspiros pudessem
Aos teus ouvidos chegar,
Dirias que uma saudade
Bem acaba de matar.

Nesse lugar aonde estás
Minha vista não alcança;
Já que lá não posso ir
Aceita minha lembrança.

Nesse retiro onde moras
O meu retrato nunca vi;
Dou-te provas de amor
Morrerei sempre por ti.

A Pimenta

Carlos da Costa Pereira

O nome dessa planta provém do latim **pigmentum** (de **pingere**, **pintar**), que no espanhol tomou a forma **pimienta**. O seu sentido originariamente era de “matéria corante”, passando depois a ter o de “especiaria aromática”, restringindo-se, por fim, a ser o designativo do fruto do **Piper nigrum**, nome científico da **pimenta-preta**, ou **pimenta-da-índia**, também conhecida entre nós por **pimenta-do-reino**, em virtude de, no tempo do Brasil-colônia, a importarmos da antiga metrópole, o reino de Portugal (1).

De um dos nomes orientais da **pimenta** proveio o grego **píperi** ou **péperi**, de onde o latim **piper**, etimologia do italiano **pepe**, do inglês **pepper** e do francês **poivre**, encontrando-se no português, derivadas do latim **piper**, as cognatas **piperáceas** (família botânica a que pertence

(1) Segundo autores citados pelo Conde de Ficalho, nas anotações aos **Colóquios dos Simples e Drogas da Índia**, por Garcia da Orta, ed. da Academia Real das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1895, vol. II, p. 251, — “as palavras (pimenta e pimienta) portuguesa e espanhola... derivam-se de **pigmentum**, que na **baixa latinitude** designou um vinho aromatizado e carregado em côr, **pigmentatum**, com diversas especiarias, depois passou a designar as especiarias, e depois a principal delas”.

o **Piper nigrum**), **piperáceo** (adj.), **piperato**, **piperazina**, **pipérico** (adj.), **piperina**, **piperonal**, **piperonilato**, **piperonílico** (adj).

As especiarias — as **pimenta** — que traficantes árabes e do Mediterrâneo, e depois os portugueses, iam buscar na Índia para distribuírem pelos mercados europeus, eram o gengibre, o açafraão, a canela, o cominho, a noz moscada, a cânfora, o cravo, o cinamomo e essas baguinhas de sabor picante, de tão grande procura que o seu valor excedia o de quaisquer outros produtos vegetais asiáticos. Daí, o termo genérico **pigmentum** passar a designar exclusivamente a preciosíssima baba, a **pimenta preta**, excitante do paladar dos povos ocidentais.

Na França, quando se queria exprimir o alto preço de um artigo, dizia-se — **caro como pimenta**. E, na Idade Média, à falta de metais preciosos, era a **pimenta** aceita como dinheiro, pagando-se com ela os impostos e os direitos feudais, o que deu origem à locução — **pagar em espécie**, que, com o tempo, passou a ter a significação de **pagar em dinheiro** (2).

De longa data, era a **pimenta** conhecida dos europeus, e a ela referiram-se Teofrasto, Dioscórides e Plínio. Conta-nos o Conde de Ficalho, anotador dos **Colóquios**, de Garcia da Orta, que foram os árabes que a introduziram na Europa medieval. Traziam-na do Malabar, através do Mar Vermelho e do Golfo Pérsico. Chegava o produto aos mercados ocidentais por um preço elevadíssimo, pois “os caminhos eram demorados, e, além de numerosas baldeações, as drogas estavam sujeitas a impostos pesados e repetidos” (3). — O comércio era dominado pelos árabes, no Oriente, e pelos venezianos e genoveses, no Mediterrâneo, excitando o tráfico da “especiaria por excelência” a coíba dos portugueses que “tinham um vivo desejo de o chamar para si”. Em 1456, em suas viagens ao longo da costa africana, encontraram eles uma espécie diferente de **pimenta** — a **pimenta-de-rabo** — que enviaram para a Flandres, onde, é de crer, não teve boa aceitação. Havendo, porém, Vasco da Gama ultrapassado a costa oriental da África, chegou, em 1498, ao “verdadeiro país da verdadeira **pimenta**”, e embarcou em Calicut “os primeiros sacos de **pimenta**, diretamente carregados na Índia em navios europeus”. A essa viagem, se-

(2) Larousse, **Grand Dict. Univ. du XIXe Siècle**. — Espécie, anteriormente espécie, de onde especiaria, significava substância e era também o nome de uns confeitos. Conforme Littré (**Dict. de la Langue Française**), outrora na França o litigante que obtinha ganho de causa, presenteava o juiz ou o relator do processo com certa quantidade dessa guloseira. Depois, o presente passou a ser efetuado em dinheiro, e, ato voluntário, tornou-se mais tarde, taxa obrigatória. — Há quem julgue tenha sido daí que o termo espécie, na expressão acima citada, tomou o sentido de dinheiro, na linguagem bancária.

(3) Nas primeiras páginas de **Fernão de Magalhães**, de Stefan Zweig, encontra-se uma síntese histórica do trajeto das especiarias — notadamente da **pimenta** — em busca dos mercados europeus.

guiu-se a de Pedro Álvares Cabral, que, depois de haver estado em Calicut, se dirigiu para Cochim, “a mor fonte de **pimenta** que há na Índia”. Voltando Vasco da Gama, em 1502, àquelas paragens, mandou duas naus à costa de Couvão, onde, “em poucos dias”, atestaram de **pimenta** a granel os seus porões. A despeito dos esforços dos portugueses em pretenderem monopolizar esse comércio, continuaram os “mouros” a contrabandear pelo Levante a droga para a Europa, adquirindo-a em Malaca, depois que aquêles os desalojaram do Malabar. Encontrava-se a ambicionada especiaria em Cananor e mais abundantemente em Calicut, Cochim e Couvão, e nas terras que iam findar no cabo Comorim. — O seu comércio, a princípio, com certas restrições, permitido aos particulares, passou pouco depois inteiramente para o estado, incorrendo em rigorosas penalidades quem, por conta própria, tentasse explorar o negócio. — Nem sempre os lucros compensavam os sacrifícios, bastando perder-se uma nau para acarretar grandes prejuízos, que não eram ressarcidos pelo preço elevado por que se viam forçados a vender a carga dos barcos que conseguiam chegar a salvo ao pôrto de Lisboa. Havia ocasiões, porém, em que os lucros eram compensadores. Contudo, levando-se em conta as despesas enormes com a administração na Índia, construção de navios, etc., “nós — arremata o Conde de Ficalho — chegaremos de certo à conclusão do sr. Oliveira Martins em um de seus estudos, isto é... “que a **pimenta** foi um mau negócio para o tesouro de S. A.” (4).

Demos no Brasil o nome de **pimenta** a diversas plantas pertencentes a diferentes famílias, isso, naturalmente, porque os seus frutos possuíam o sabor picante do **Piper nigrum**. São solanáceas a **pimenta-cumari** a **pimenta-de-cheiro** e a **pimenta-malagueta**; anonácea, a **pimenta-da-costa** ou **pimenta-de-macaco**, e poligonácea, a **pimenta-d'água**. Das piperáceas, a que pertence a **pimenta-do-reino**, vegetam no Brasil, entre várias espécies, a pariparoba, o jaborandi e o **Piper geniculatum**, que, com outras plantas tóxicas, entra na composição do curare, usado pelos índios do Amazonas para envenenar as pontas de suas flechas.

Afrânio Peixoto, em **Breviário da Bahia**, dedicou uma de suas “breves orações” à “comida baiana”, fazendo ali o elogio da **pimenta**, abundantemente empregada na culinária de sua terra. Deve-se, porém, observar que essa **pimenta** é das espécies do gênero **capsicum**, da família das solanáceas, principalmente a **cumari**, que, segundo o

(4) Além da **pimenta preta**, existia no Oriente a **pimenta longa**, esta multíssimo mais cara que a outra, pois “vinha de Bengala, e de regiões para além dos Ganges, isto é, dos lados de Quedá”. O Conde de Ficalho, em sua **Flora dos Lusíadas**, Lisboa, 1880, p. 69, examinando as passagens dos cantos IX, 14, e X, 123, diz que o poeta aludia, na primeira, à **pimenta preta**, e, na segunda, à **pimenta longa**.

mesmo autor, significa em tupi — “alegria do gôsto”, ou, na interpretação de Teodoro Sampaio — “o que excita a língua”.

O vocábulo **pimenta** contribuiu para o léxico com os seguintes derivados: **apimentar**, **apimentado**, **pimental**, **pimentão** (aumentativo e nome de uma solanácea), **pimenteira**, **pimenteiro**, **pimentinha** (diminutivo e sinônimo de **pimenta-cumari**), **pimento** (planta das solanáceas). — **Pimenta**, **Pimental**, **Pimentas**, **Pimenteira** e **Pimentel** são topônimos de vários lugares e acidentes geográficos de diversos Estados do Brasil. — **Pimenteira** foi também o nome de uma tribo de indígenas do Piauí. — **Pimenta** e **Pimentel** são sobrenomes de origem geográfica (5).

Tem ainda o termo **pimenta** o sentido figurado de “malícia” e “erotismo”, bem como os seus derivados **apimentar** (verbo) **apimentado** (adj.), o de “tornar malicioso” e “malicioso” — “apimentar uma frase”, “anedota apimentada”.

Como a mistura de sal com **pimenta** moída tem a coloração acinzentada, emprega-se a expressão **sal e pimenta** no sentido de grisalho, como se diz do cabelo preto mesclado de fios brancos. Dá-se também a denominação de **pimenta-do-reino** ao cabelo encarapinhado.

E, finalmente, encontra-se em nossa paremiologia o provérbio — “**pimenta** nos olhos dos outros não arde”, de fácil sentido na sua aplicação.

Recolheu José Maria de Melo (6) a seguinte adivinha, cuja resposta é — **pimenta-do-reino**:

Sou velha, preta, engelhada;
Na sala ninguém me quer,
Mas na cozinha sou chamada.

E a variante:

Eu vim de longe terra,
Negrinha, preta, engelhada;
Na cozinha sou querida,
Na sala sou desprezada.

(5) Com relação a **Pimentel**, diz Antenor Nascentes (Dic. Etim. da Língua Portuguesa, t. II (Nomes Próprios), Rio, 1952: “Trata-se evidentemente de um diminutivo de **Pimenta**, velho na língua”. Acrescenta que Leite de Vasconcelos achava ser de provável origem italiana, uma vez existir **Pimentel** na Itália como nome de lugar. Ao parecer de D. Carolina Michaelis, trata-se de uma alcunha aplicada a quem tinha “rosto vermelho” ou “nariz de pimentão”. Cita ainda A. Nascentes a informação de Sanches de Baena, de que **Pimentel** “foi alcunha posta por D. Afonso III a seu moço fidalgo Vasco Martins de Novais, por sua esperteza e alacridade de ânimo”. — Cf. Rosário Farani Mansur Guérios, Dic. Etim. de Nomes e Sobrenomes, Curitiba, 1949.

(6) **Enigmas Populares**, Rio, 1950, ps. 88 e 89.

Por isso mesmo, porque a **pimenta preta** fôsse mais desejável na cozinha que na sala, saíram portugueses e espanhóis à sua procura e descobriram novas terras e o caminho da Índia, e realizaram a primeira viagem de circunavegação.

Linguajar de Boiadeiro

Escreve: Constantino Medeiros

Na região serrana em Santa Catarina e nas campanhas, no Rio Grande do Sul, onde avulta a criação de gado vacum, o nome "touro" entre os boiadeiros e habitantes destas regiões, não é, somente, usado para designar o boi que não foi castrado, ou o reprodutor do rebanho. É também o sinônimo mais comum de homem valente, destemido e lutador, homem másculo e que exerce influência superior sobre os outros da localidade, basta a designação de "touro" ou "tourinho do lugar" para saber que se trata duma pessoa perigosa e respeitável. Vê-se frequentemente entre valentões à procura dum adversário, capaz para medirem as fôrças, frases como estas: — Quem é o "touro" daqui? Quem é que berra aqui neste rodeio?

Invertendo os papéis teremos o reverso, que é "terneiro" e "garraio", aquêlo o boi nascido até a idade dum ano, êste o bezerro de má raça e pouco desenvolvimento, que nunca chega a ser um boi destacado, permanecendo sempre como refugio de tropa. Chamar alguém de "terneiro" é chamá-lo de criança, incapaz e inexperiente. Se ouvimos dizer que alguém é um "terneiro" sabemos que se trata duma pessoa inexperiente, etc. "Garraio" representa um homem sem

méritos, sem boas qualidades, fácil de ser derrotado. É humilhar e rebaixar um homem dar-lhe a designação de “garraio”

Usa-se ainda o nome vaça, como sinônimo de vilão e afeminado. Ou mesmo para qualificar uma mulher grosseira e de máus tratos.

Como dizem que, “ a voz dos poetas é a voz do povo”, deixarei que eles falem por mim nalguns versos que colhi em vários desafios que presenciei e ouvi entre boiadeiros e campeiros.

Eu vivo correndo mundo,
Minha profissão é cantar.
Nunca encontrei um vagabundo
capaz de me atrapalhar,
No rodeio onde eu berro
Garraio não lambe sár (sal)

Na primeira peixada
Você já vai garrar o mato,
Vai sair em disparada
A procura, duma capoeira
Que seja bem serrada
Pra lá morrer de bicheira.

Mocinho vá se criar
Vá aprender o que não aprendeu.
Se quer mesmo cantar
Faça assim como eu
Que canço não me atrapaio,
E fique logo sabendo
Que você ainda é garraio.

Quando me pediram para cantar
Eu fiquei entusiasmado
Porque pensei em encontrar,
Um touro como eu, criado.
Mas cheguei desanimar,
Quando ví em minha frente
Um terneirinho desmamado.

Meu amigo vou lê dizer
Que pra cantar eu não me atrapaio
E quem se meter comigo,
Entra libuno e sai báio,
Onde berra êste touro
Não pode berrar garraio.

Na verdade meu amigo,
Sou terneiro desmamado.
Mas quem se meter comigo
Sai logo derrotado,
Não é a primeira vez
Que eu surro touro criado.

Se você pensa que é touro
Está muito enganado,
Garraio como tu
Sempre levei atropelado,
Mando escolher o chão
Eu fico de qualquer lado.

Eu me chamo José Caitano
Sobrenome de Medeiro
No rincão onde eu berro
Rola páu rola pinheiro,
Onde berra êste touro velho
Não pode berrar terneiro.

Você pode ter sido touro
No meio da garraiaada,
Mas hoje encontrou escoro
Vai perder tua vacada.
Você vai deixar o rodeio
Na primeira peixada.

Meu amigo está enganado
Já caiu na arataca
Você berra como touro
Mas pra mim você é vaca,
Se eu tivesse mêdo de grito
Eu correria de maitaca.

Libuno — Pêlo de cavalo — cor marrom.

Báia — idem — cor amarelada.

Nota: Determinados versos dêstes, aqui escritos, não correspondem com o primeiro, ou melhor, não é a resposta que o cantor devia ter dado ao outro. Êles têm a finalidade de mostrar a aplicação dos nomes "Touro", "Garraio", etc. como sinônimos engrandecedores e humilhantes. Note-se, pelos versos, que ter a classificação de "touro" causa orgulho e satisfação. O próprio cantor procura classificar-se como "touro" enquanto usa de todos os argumentos para classificar o adversário como "Garraio", "terneiro" ou "vaca".

Campos Novos, 15-10-1954.

Apontamentos sôbre os «Pão-por-Deus»

por Walter F. Piazza

O que se vai ler são alguns apontamentos, apenas.

É uma simples achêga a um interessante assunto, realizado por quem não possui engenho e arte.

O «Pão-por-Deus» já foi estudado por dois ilustres membros da nossa Comissão de Folclore e incansáveis estudiosos das coisas catarinenses: os drs. Oswaldo Rodrigues Cabral (v. BOLETIM nº2, pág. 26: «A respeito dos corações e dos «pão-por-Deus») e Henrique da Silva Fontes (v. BOLETIM nº 11, pág 16: «Corações e pão-por-Deus»).

A ORIGEM

É indiscutível a origem lusa dos «pão-por-Deus». E, hoje tendo em vista os resultados apresentados pelo inquérito realizado por esta Comissão, com a valiosa e imprescindível colaboração do Professorado Catarinense, podemos afirmar, pela área de sua maior incidência, no nosso Estado, que é a de colonização lusitana.

A AREA

O «pão-por-Deus» é encontrado em todo o litoral catarinense, desde São Francisco do Sul até Araranguá.

A sua penetração no interior é pequena. Assinala-se, entretanto, a sua persistência nos mais longínquos rincões da Terra Catarinense, como seja Dionísio Cerqueira, nas lindes com a República Argentina.

O processo de disseminação, abrange vários pontos do Estado e, às vêzes, incrustada no centro de uma região do colonização alemã ou italiana vamos encontrar uma população onde permanece o costume do “pão-por-Deus”: trata-se de gente de origem lusa.

OS TIPOS

Os “pão-por-Deus” são pedidos, formulados em versos, escritos em corações, recortados no papel. Podem, também ser **desenhados** ou **fechados**.

O primeiro tipo, mais difundido, já serviu de base aos estudos dos já citados membros desta Comissão de Folclore.

O segundo tipo é menos conhecido.

Dêle temos visto alguns exemplares e mesmo coletado em Biguaçu, Florianópolis e Tijucas, no litoral, e no planalto, em Curitiba-banos.

Em geral, são assim:

Num papel dobrado, apresenta-se uma chave desenhada, acompanhada da seguinte quadrinha:

“Pega esta chave,
Com tua mão;
Abre com ela
Meu coração”.

Abre-se a dobra e depara-se com um coração, também desenhado a côres, e, ao seu pé, lê-se:

“Vê como está,
Todo partido,
Por tua causa,
Todo ferido”.

E, desdobrando-se mais, tem-se diante dos olhos este “pão-por-Deus”:

“Meu coração disse,
Que eu sabia adivinhar,
Que eu pedisse
O que era capaz de pagar”.

Em Florianópolis, recolhemos, pessoalmente, um desenhado, cuja fachada estampava um coração, onde se lia:

“O coração vai saudoso
Saudar uma senhora.
Abre que hás de ver
Retratada uma viola”.

Aparece, então, a viola e esta quadrinha:

“Esta viola aqui
Neste papel retratada
Torna a abrir que hás de ver
Uma sereia encantada”.

Aparece a sereia e outros versos:

“Sereia canta ansiosa,
Nas ondas d’água salgada,
Quem descobrir a sereia,
Tem uma jovem delicada”.

E, o último desdobramento apresenta esta outra:

“Sereia canta ansiosa,
Vem um jovem no salão
Para pedir “pão-por-Deus”
Que retrate um coração”.

* * *

O TEMPO DA DISTRIBUIÇÃO

O tempo da distribuição do “pão-por-Deus” é, por excelência, a primavera: de setembro a novembro (finados).

Entretanto, como toda regra tem exceção, anotamos em Canudos (município de Biguaçu) a sua distribuição alcançando o mês de dezembro, em Dionísio Cerqueira (sede do município de igual nome) prolongando-se até o Ano Novo, e, excepcionalmente, em Barro Vermelho (distrito de Maracajá, município de Araranguá) sendo feita até o mês de Fevereiro.

A época da distribuição dos “pão-por-Deus”: a primavera, coincide com o florir do ipê, o que dá motivos, em Araranguá, que digam, ao verem a árvore florida:

“ — Pão-por-Deus!”

Ao que o circunstante responde :

“ — Pau nas costas!
Livre-nos Deus!”

* * *

VERSOS

Os “pão-por-Deus” são feitos em versos e exprimem um pedido. Vejamos, pois, alguns versos, mais comumente usados e as suas variantes:

O maior número de variantes se apresentam encabeçadas pela expressão: “Lá vai meu coração”.

Vejamos, pois, alguns versos dêste tipo:

“Lá vai meu coração
Já que eu não posso ir
Vai levar lembranças minhas
Pão-por-Deus vai lhe pedir”.

(Bernadete Costa, Armação da Piedade, Ganchos, Biguaçu e Hil-da S. da Silva, Costeira da Armação, Biguaçu e Jandira N. da Rocha, Ganchos de Fora, Biguaçu).

A variante que se segue, apresenta-se mais substancial:

“Lá vai meu coração
Já que eu lá não posso ir
Vai saudade, vai lembrança,
Pão-por-Deus mando pedir”.

(Jovelina L. Amorim, Rio Negro, Araranguá).

Outro:

“Lá vai meu coração
Passando altos e serra
Me mandais o pão-por-Deus
Linda flor dessa terra”.

(Tibúrcia da Silva, Areias, Guaporanga, Biguaçu).

As rimas podem ser apresentadas, assim, na 2ª e na 4ª linhas do verso:

“.....
Passando por um vergel
.....
Ao meu querido Manuel”.

(Demerval I. Rocha, Costa da Lagoa, Sombrio).

Ou esta:

“Lá vai meu coração
Atravessando mar e serras
Vão pedindo o pão-por-Deus
À linda flôr desta terra”.

(Virgínia G. Cardoso, Três Riachos, Biguaçu).

Pode-se, encontrar, também, uma variação que fale em “subindo morros e serras”, o que é comum.

Ou, ainda, esta:

“Lá vai meu coração,
Entre cravos e cravinas,
Vai pedir o pão-por-Deus
Àquela linda menina”.

(Jandira de Amorim, Encruzilhada, Biguaçu e Erta S. Caire, Santa Cruz, Biguaçu).

Desta, temos a variante seguinte:

“Lá vai meu coração
Arrodeado de flor
Vai pedir um pão-por-Deus
A quem pode e tem valor”.

(Carmelina de Souza Cardoso, Ilhas, Maracajá, Araranguá).

Pode ser que vá “enfeitadinho de flor” pedir “a quem tenho tanto amor” (Brasilício João Andrade, Rua Velha, Biguaçu).

E, dentro da era da velocidade:

“Lá vai meu coração
Na asa de um avião
Vai pedindo um pão-por-Deus
Nem que fosse um pão”.

(Osmarina L. Silva, Cabeceira dos 3 Riachos, Biguaçu).

Entretanto, da 2ª. linha, apresentam-se variantes, numa multiplicidade deveras atraente: ora é “na asa de uma andorinha” pedindo “à minha querida madrinha” ou “nem que seja uma sobrinha”..., ora “nas asas de uma marreca” pedindo “uma boneca”, ora, ainda, “nas asas de um beija-flor” pedir “a quem tenho tanto amor” ou “nas asas de um besouro” pedir “uma correntinha de ouro”.

Outro faz o pedido, assim :

“Lá vai meu coração,
Estrela da luz do dia,
Se eu não lhe quizesse bem
Pão-por-Deus não lhe pedia.”

(Jandira N. da Rocha, Ganchos de Fora, **Biguaçu**).

E, êst'outro :

“Lá vai o meu coração
Passear em seu jardim
Chega lá, bate na porta
Pede pão-por-Deus por mim !”

(Hilda S. da Silva, Costeira da Armação, **Biguaçu**).

Ainda, a mesma informante, nos dá mais estas variantes :

“Lá vai meu coração
Com prazer e alegria
Vai pedir o pão-por-Deus
Antes que se acabe o dia !”

“Lá vai o meu coração,
Cheio de necessidade,
Vai pedir-lhe que me mande
Um pão-por-Deus da cidade.”

E, ainda, uma outra ;

“Lá vai esta toalhinha
Não serve para o rosto seu
Serve só para pedir
Que me mande pão-por-Deus.”

Ainda, variando os motivos ornamentais do verso, temos do mesmo informante (Lindonor L. da Costa, Rio dos Porcos, **Maracajá**, Araranguá),

“Ai vai meu coração
Cheio de letra dourada
Vai pedir um pão-por-Deus
Ao meu amigo e camarada.”

“Aqui vai meu coração
Rodeadinho de flor
Vai pedir um pão-por-Deus
Minha prenda, meu amor.”

“Lá vai minha cartinha
Cheia de ramo de flor,
Vai pedir um pão-por-Deus
Ao meu querido amor.”

Na mesma localidade, o ante-penúltimo e o penúltimo versos apresentam as variantes seguintes (Atalir P. da Rocha):

“Ai vai meu coração
Porque lá não posso ir
Muita lembrança e saudade
Pão-por-Deus mando pedir.”

“Aqui vai meu coração
No jardim enflorado
Vai pedir um pão-por-Deus
Para o meu amor querido.”

Já o último tem, também, variante, encontrada em Pontão. Sombrio:

“Lá vai este bilhete
Na asa de uma andorinha
Mandando pedir pão-por-Deus
Para minha querida madrinha.”

Entretanto, este verso se apresenta, também, assim:

“Ai vai este bilhete
Nas asas de um passarinho
Vai pedindo pão-por-Deus
Ao meu querido padrinho.”

(Leopoldina M. da Silva, Costa do Rio Mampituba, Passo do Sertão, Sombrio).

Ao passarinho do verso pode ser um “bem-te-vi” e a rima, na 4.^a linha, se faz com a frase “Já que lá não posso ir”, ou, então, é um “beija-flor” e o pedido é “para o meu querido amor” (Edite Santos Gomes, Sanga da Toca, Araranguá).

Mas, no amor, êle — o pão-por-Deus — decide ou espera decidir os embates. Daf:

“Lá vai meu coração
Todo cheio de tristeza
Mando pedir pão-por-Deus
Quero saber uma certeza.”

(Maria Teixeira Bernardo, Serraria, Içara, Criciúma).

Apresenta-se, também, outra forma :

“Lá vai meu coração
Por este mundo sem fim,
Pedindo um pão-por-Deus
Prá que não esqueças de mim.”

(Rita dos Santos Borges, Ausentes, Içara, Criciúma e Ana Rosa de Jesus, Lombas, Içara, Criciúma).

Uma variante encontramos dêste verso, nas 2^a. e 4^a. linhas :

“.....
Por estes ares sem fim
.....
Rica flor de alecrim.”

(Dorly B. da Silva, São Rafael, Içara, Criciúma).

E, com igual comêço, ainda, anotamos mais os seguintes versos :

“Lá vai meu coração
Cheio de laço de fita
Mandai-me um pão-por-Deus
Rica prenda bonita.”

(Lucinda V. Frigo, Vila Operária, Criciúma).

“Lá vai meu coração
Amarrado com cipó
Mandó pedir pão-por-Deus
Nem que seja um pão-de-ló.”

(Isabel L. Rosa, Vila Nova, Içara, Criciúma).

“Lá vai meu coração
Dirigido a passear
Vai pedindo um pão-por-Deus
Por amor dêste lugar.”

(Carmela M. Milanezzi, Morro da Cruz, Criciúma).

E, um, cheio de saudade :

“Lá vai êste pão-por-Deus
Parar nas mãos do meu bem.
Diga que eu fiquei chorando,
Por não poder ir também.”

(Ana Rosa de Jesus, Lombas, Içara, Criciúma).

* * *

Vejamos, agora, outro motivo usado:

“Não peço por pedir.
Peço por conhecimento.
Não peço muita coisa
Eu com pouco me contento.”

(Bernadete Costa, Armação da Piedade, Ganchos, Biguaçu).

Ainda tratando de “pedidos”:

“O pedir é vergonhoso
Para quem vergonha tem.
Eu lhe peço pão-por-Deus
É porque lhe quero bem.”

(Jandira F. de Amorim, Encruzilhada, Biguaçu e Erta da Silva Caire, Santa Cruz, Biguaçu).

Deste verso temos uma variante, cuja modificação, está, unicamente, na 3.^a linha: “Mando-te pedir pão-por-Deus” (Edite Santos Gomes, Sanga da Toca, Araranguá).

Ou, então:

“Eu te peço um pão-por-Deus
Não é por necessidade
É só para experimentar
Se tu me tens amizade!

(Lindonor L. da Costa, Rio dos Porcos, Maracajá, Araranguá e Atalir P. da Rocha, na mesma localidade).

Dêste último verso apresenta-se esta variante:

“Se peço um pão-por-Deus
Não é por necessidade.
É para que fiques sabendo
Que ainda existe amizade.”

(Lucinda V. Frigo, Vila Operária, Criciúma).

Ou, então, temos êste tipo de versos :

“As palmas de tuas mãos
São lindas e deliciosas
Me mandais os pão-por-Deus
Meu lindo botão de rosa.”

(Tiburcia B. da Silva, Areias, Guaporanga, Biguaçu e José Santos Maciel, Sombrio).

Encontramos esta variante da 2.^a linha do verso : “... São feitas deliciosas” (Alaide L. de Amorim, Rio Farias, Antônio Carlos, Biguaçu).

Ou esta, para a 1.^a e a 2.^a linhas :

“Tens a palma da tua mão
Fina e deliciosa.”

(Jovelina L. Amorim, Rio Negro, Araranguá).

Quanto aos predicados físicos, entre outros, pela constância do uso, destaca-se êste :

“És bonito, és simpático,
Guarda a tua simpatia
Me mandas os pão-por-Deus
Antes que acabe o dia.”

(Maria de Lourdes Faria, Limeira, Biguaçu).

Ou, então :

“És bonito, estimado,
No lugar és o primeiro,
Me mandas um pão-por-Deus
Lindo jovem brasileiro.”

(Lindonor L. da Costa, Rio dos Porcos, Maracajá, Araranguá).

Dêste verso há uma pequena variante, na primeira linha, “és bonito és formoso” (Ana Rosa de Jesus, Lombas, Içara, Criciúma).

O verso, acima transcrito, apresenta uma mudança de gênero, de acôrdo com a pessoa que vai receber o pedido.

E, ainda, varia-se, assim :

“.....
No lugar és estimado
.....
Lindo jovem delicado.”

(Lucinda V. Frigo, Vila Operária, Criciúma).

Ainda, com relação aos predicados físicos :

“Cabelos de ouro fino,
Olhos de diamante,
Mandai-me os pão-por-Deus
Estrêla do céu brilhante.”

(Jandira N. da Rocha, Ganchos de Fora, Biguaçu).

“Minha flor, minha bonina,
Meu cravo, meu diamante,
Me mandas um pão-por-Deus
Meu querido amor constante.”

(Lindonor L. da Costa, Rio dos Porcos, Maracajá, Araranguá).

“És o mimo do Brasil
Do jardim és o primeiro
Me mandes um pão-por-Deus
Queridinho brasileiro !”

(Atalir P. Rocha, Rio dos Porcos, Maracajá, Araranguá).

Dêste verso há esta variante (Costeira da Armação, Biguaçu) :

“És o mimo do Brasil,
És o amparo da flor,
Mandai-me o pão-por-Deus
Prenda de tanto valor.”

Ou, então :

“És bonito como o sol
Que anda na vista de Deus
Pelo amor que eu te tenho
Me manda os pão-por-Deus.”

(Maria das Dores Langhammer, Santa Catarina, Biguaçu).

E, ainda :

“És bonito como um cravo
Do meu coração amado
Me mandais um pão-por-Deus
Com a vossa fineza eu pago.”

(Ana Rosa de Jesus, Lombas, Içara, Criciúma).

Ainda, na mesma sequência dos atributos físicos anotado em Espigão da Pedra, Maracajá, Araranguá:

“Pequenino, engraçadinho,
Viradinho para Deus
Para ser mais queridinho
Mandai-me um pão-por-Deus.”

Dêste verso há variante, onde só se processa a mudança de gênero.

Ou, ainda, esta variação:

“És pequeno, engraçadinho,
Do lugar és o primeiro,
Mando pedir pão-por-Deus
Mimosinho brasileiro.”

(Leopoldina M. da Silva, Costa do Rio Mampituba, Passo do Sertão, Sombrio).

Ou, então, êste:

“Eu bem sei que sou pequeno,
Não mereço agrados seus,
Mereço de suas mãos
Um bonito pão-por-Deus.”

(Maria Paula Rodrigues, Cachoeira, Guaporanga, Biguaçu).

E, arrematando êste tópico:

“És tão bonitinho,
Para Deus.
Ficarás mais bonitinho
Se me deres pão-por-Deus.”

(Nelson João de Pinho, Alsácia, Brusque).

“Os anjos pedem para os santos
Os santos pedem para Deus
Eu peço para minha comadre
Que me mande um pão-por-Deus.”

(Zuê Rabello, Araranguá).

Com princípio idêntico (as duas primeiras linhas) encontramos este :

“Também peço que me mande
Um bonito pão-por-Deus.”

(Hilda S. da Silva, Costeira da Armação, Ganchos, Biguaçu).

As variações dêste verso são múltiplas, principalmente, tendo em vista que, na terceira linha, mudam-se as designações, como : “Eu peço para a minha madrinha”, ou, então : “Peço para o meu padrinho”.

Nêste verso a alteração se dá, também, de outras formas, e, tanto assim, que um informante de Santa Rosa, Sombrio, escreveu :

“Eu peço ao dr. Oswaldo Cabral
Que me mande pão-por-Deus.”

Ou, então, a variação pode se dar na 1.^a linha, modificando-se, conseqüentemente, a 3.^a :

“Os justos pedem aos santos
Os santos pedem a Deus
Eu também ao Senhor
Que me dê o pão-por-Deus.”

(José Santos Maciel, Sombrio).

E, dentro desta técnica se oferece um bom número de variantes, como esta, anotada em Santa Rosa, Sombrio :

“Se os anjos do céu gozassem
Um olhar dos olhos teus
“Desciam do céu à terra
Se me desses pão-por-Deus.”

* * *

Ou, ainda, são os pão-por-Deus reflexos dos sentimentos amorosos, dos apaixonados :

“Sei que me és ingrata
De mim não te compadeces,
Mas tenho esperança
Que o pão-por-Deus não esqueces.”

(Maura da Luz, Rio Farias, Antônio Carlos, Biguaçu)

E este :

“Meu coração vai pedindo,
Nesta data, o pão-por-Deus,
Para provar que me lembro
De quem de mim se esqueceu.”

(Basilício J. Andrade, Rua Velha, Biguaçu).

Ou, então, este :

“Adeus, encanto da hora,
Estrêla da luz do dia,
Manda-me um pão-por-Deus
Prenda de tanta valia.”

(Dorly B. da Silva, São Rafael, Içara, Criciúma).

E, mais este :

“Por uma banda, cravo e rosa,
Da outra, flor em botão,
Me mandais um pão-por-Deus,
Prenda do meu coração.”

(Ana Rosa de Jesus, Lombas, Içara, Criciúma).

Por último, ainda, este :

“Meu coração vai fechado
Para a boa amiga além
Pedindo um pão-por-Deus
De quem muito te quer bem.”

(Adelia P. Dal Toé, Morro Albino, Içara, Criciúma).

* * *

E quanto às condições das pessoas :

“Por ser pessoa tão nobre,
Não mereço agrados seus,
Me desculpa a confiança,
De lhe pedir pão-por-Deus.”

(Hilda S. da Silva, Costeira da Armação, Guaporanga, Biguaçu).

E, quanto ao modo de pedir :

“Não te peço pessoalmente,
Mas te peço de cartão.
Me manda um pão-por-Deus,
Amigo do coração.”

(Atalir P. Rocha, Rio dos Porcos, Maracajá, Araranguá).

Ou êste, anotado em Espigão da Pedra, Maracajá, Araranguá :

“Por ser a primeira vez
Que minha letra vai lá
Manda-me pão-por-Deus
Que eu sei te recompensá.”

* * *

Outro assunto que apresenta bom número de pequeninas variações é êste verso, cujo modelo mais usual reproduzimos :

“Eu moro longe em distância,
Não posso dizer adeus.
Aceites minhas lembrança,
Me mandes um pão-por-Deus.”

(Lindonor L. da Costa e Atalir P. Rocha, ambos de Rio do Porcos, Maracajá, Araranguá).

* * *

E, encerrando, alinhamos ainda, êstes versos :

“Folha de malva maçã,
Delicado amor perfeito
Manda-me os pão-por-Deus
Se o coração fôr aceito.”

(Alzira de Souza, Palmas, Ganchos, Biguaçu).

“Meu coração pequenino
Saiu hoje, a passear,
Vai pedir um pão-por-Deus
Com esperança de ganhar.”

(Atalir P. da Rocha, Rio dos Porcos, Maracajá, Araranguá).

OS PRESENTES

Quem recebe essa demonstração da amizade, expressa pelo “pão-por-Deus”, fica na obrigação de retribuir com um presente, cujo valor não é limitado.

Nos Ganchos, município de Biguaçu, são os presentes, comumente, corações de massa de trigo, dados aquêles que pedem “pão-por-Deus.”

É, entretanto, necessário frizar que há uma certa obrigatoriedade no atendimento do pedido de pão-por-Deus, sob pena de Divino Castigo, visto não se dever negar aquilo que é solicitado em nome de Deus, como afirma o Povo.

* * *

E, finalizando esta desataviada arenga, aos meus amigos, digo:

“O prazo já está chegado,
O tempo já está vencido,
Quero fazer lembrar
Um pão-por-Deus esquecido.”



A Festa dos Martírios

Félix Lima Júnior

No seu trabalho sobre Maceió — “Cem anos de vida social” — informa Manoel Diégues Júnior que a festa em honra a Bom Jesus dos Martírios, velha de mais de cem anos, era anunciada, nos meados do século passado, numa evidente profanação, por bandos mascarados. Reproduz uma notícia publicada no Diário das Alagoas, de 24 de julho de 1861:

“No dia 4 de agosto próximo futuro haverá bandos de mascarados para anunciar a festa do Glorioso Bom Jesus dos Martírios”.

No aviso aludido informava-se ainda ao público que no pátio dos Martírios não se permitiria o ingresso dos escravos, durante as solenidades... Os cativos não podiam, para esquecer os seus sofrimentos, distrair-se um pouco com os fogos de vista, os cosmoramas, a retreta, os anjinhos da procissão...

O Coronel Levino Costa, escrivão do juri e das execuções cri-

minais, relembrava, em 1918, pouco antes de morrer, certo delegado de Polícia de Maceió, que, no fim do século XIX, não consentia que os moleques se sentassem nos bancos das praças quando nelas havia retreta. Os bancos — afirmava êle, convencido — “eram para os que pagavam impostos”, como se tôdas as pessoas, mesmo as mais pobres e mais modestas, não contribuissem, direta ou indiretamente, para os cofres públicos...

Última década do século XIX. Em princípios de julho, mal terminados os festejos joaninos, a população de Maceió — de Maceió, não! de grande parte do Estado de Alagoas — começava a falar na festa dos Martírios e a se preparar para ela. Os pobres pais de família, os maridos sem grandes recursos, os senhores de engenho e proprietários agrícolas no Pilar, São Luiz do Quitunde, Atalaia, Santa Luzia do Norte, Alagoas, Muricí, Viçosa e União, torciam as orelhas com os pedidos de dinheiro para vestidos, chapéus e sapatos, pois somente deixava de comparecer à festa quem estava doente, de luto ou na **pindaíba**...

Êsses festejos foram lembrados num livro de versos futuristas do dr. Virgílio Guedes, publicado em julho de 1930, com prefácio do saudoso poeta conterrâneo dr. Jorge de Lima.

Naqueles tempos o largo dos Martírios vivia abandonado, cheio de jurubebas e mussambê, com poças de lama aqui e ali. A Intendência, porém, nos começos de outubro mandava limpá-lo cuidadosamente. Mal se iniciava o mês de novembro construíam-se dois corêtos para as bandas de música Minerva e Artistas.

A Sociedade Filarmônica Minerva, com sede à rua do Comércio, 111, mais ou menos onde negociam hoje Carvalho & Pedrosa, era dirigida, em 1896, pela seguinte diretoria: João Martins Ferreira, presidente; Serapião Camerino, vice; Adolfo Guimarães e Leopoldo Macêdo, secretários; Manoel Rodrigues de Oliveira Lima, tesoureiro; José Valente, arquivista; Justino Figuerêdo e Macário Vieira, diretores. Regia a música o professor Benedito Silva, Benedito Piston, como era conhecido.

A diretoria da Sociedade Recreio Filarmônico Artistas era a seguinte: Cel. Jacinto Paes Pinto da Silva, presidente; Cândido de Almeida Botelho e Afonso Vasconcelos Gonçalves, diretores. A sede, ao que me informaram, era na entrada da Cambona (rua General Hermes). O mestre da banda de música era o professor Valério Pinheiro.

Ambas desapareceram com o século XIX.

Depois dos corêtos iam surgindo os botequins para os caldos de cana do Antônio França Morel e do Sabino; o cavalinho do Petronilo, com um realejo mais velho do que a Sé de Braga, **assassinando** trechos do Barbeiro de Sevilha, do Guarani ou d'A Africana; a Casa Inglesa, onde se bebia esplendida gengibirra; a

mesa do leilão em benefício da igreja de Bom Jesus. Certa noite apregoaram uma surpresa, afinal arrematada depois de muitos lances. Era uma caixa de sapatos, enfeitada de papel dourado, na qual encontraram uma ninhada de oito ratos recém-nascidos...

A meninada corria ansiosa para o cosmorama do Pedro Vandeval, localizado no andar térreo daquele velho sobrado junto ao Palácio do Governo, onde está hoje, mal instalada a Prefeitura de Maceió. A entrada custava 100 réis. Exibiam-se vistas estrangeiras, através de uma empanada de algodãozinho da fábrica de Fernão Velho.

Durante a festa, o cruzeiro, em frente à igreja, era ornamentado diariamente com flôres naturais. À noite iluminavam-no com velas e lanternas de papel de sêda. No largo enfiavam ouricuris arrancados no Peperipetra, no Páo d'arco, no Reginaldo, na Chã de Bebedouro, nêles colocando lanternas e bandeiras de várias côes.

Organizavam-se as comissões encarregadas dos festejos de cada noite: dos solteiros, dos casados, dos funcionários públicos, do comércio de Maceió, do de Jaraguá, das moças, dos artistas. Pelo Corrêio Mercantil, de 17 de novembro de 1895, a comissão encarregada da noite dos caixeiros — Júlio Lôbo, Manoel Souto Fontan e José Maria de Melo — apelava para os demais membros da classe afim de contribuirem para o maior brilhantismo das solenidades.

Com a igreja repleta, às 7 1/2 da noite, iniciava-se a novena, com orquestra dirigida pelo mestre capela José Barbosa de Araújo Pereira, residente à rua da Floresta, nº. 7. As músicas tocadas anualmente eram as mesmas, jamais foram mudadas. O Capelão era o padre Manoel Antônio da Silva Lessa, que morreu Monsenhor. Servia como sacristão "seu" Liberato, que tinha um parafuso de menos ou muito frouxo, e de quem o comendador Firmo Lopes até pouco tempo narrava coisas incríveis ..

Depois da novena saíam os devotos, com os filhos pequenos, para comprar sequilhos, brôas de goma, alfinin, manuês, cocada, rolêtes, pão-de-ló, queijadinha, amendoim cosido ou torrado, pintinguirra nos taboleiros das pretas vendedoras, iluminados com **mexiriqueiros** de querosene, dos quais se desprendia terrível fumaça, enquanto os foquetes subiam aos céus, com risco de furar a cabeça de quem se divertia, como aconteceu, certo ano, com distinto moço de conhecida família.

No domingo celebrava-se missa cantada com grande solenidades e muitas girandolas de foguetões, além de bombas em quantidade. Às 4 da tarde iam chegando as irmandades, alertadas pelos sinos que batiam, que chamavam, dêse às 3 horas.

Aparecia a do Livramento, vinda pela rua da Boa Vista, com opa azul-celeste; Sidronio Herculano de Santa Maria, Júlio Lopes Ferreira Pinto, Antônio Lopes Viana e outros.

Na de São Benedito, entrando no largo pela rua do Apolo, viam-

se, entre outros, os seguintes irmãos: Leonencio Novais de Castro, Noberto Braga, João da Silva Antunes.

A de Nossa Senhora do Rosário, com opas amarelas, vinha lentamente pela rua do Sol: Manoel Simões, único sirigueiro da cidade; mestre Félix Camões, ganhador de profissão, que tinha uma vista perdida, o que justificava a alcunha; Olímpio Raposo, muito magro, proprietário de um **sêbo** afreguesado; Júlio Mesquita, ensaiador de pastoris, antecessor do Severiano Cândido; Joaquim Francisco Moreno, carteiro dos Corrêios e diretor do jornal "O trocista".

Pela mesma artéria surgia depois a confraria do SS. Sacramento: Dr. Sócrates de Moraes Cabral; major Semeão, que residia no Jacutinga; Dr. Manoel Lopes Ferreira Pinto, recém-formado; Antônio Pinto; Mestre Teodosio, sapateiro na rua do Comércio, que fôra rico e tudo perdera, sendo na época o fornecedor dos mais finos calçados à parte rica da população; Braz Prospero Jeová da Silva Carroatá, sub-delegado do Farol, que se encarregava de arranjar papéis para casamentos.

A dos Martírios estava formada na sacristia: Firmo da Cunha Lopes, futuro comendador pela Santa Sé; Dr. Francisco Pontes de Miranda; Joaquim Pereira da Silva; Francisco José dos Passos, marceneiro, com oficina na rua do Sol, que seria substituído, na irmandadê, pelo filho, telegrafista Joaquim José dos Passos; Hemetério de Vasconcelos Brínguel; José Augusto da Silva Cardoso.

Saía a procissão, ao repicar dos sinos, sendo acompanhada pelo Governador do Estado, Secretários, Intendente Municipal, altos funcionários, além da guarda de honra do Batalhão Policial, com banda de música, enviada pelo comandante, Coronel Joaquim Rodrigues Pereira, veterano do Paraguai; e muitos anjos, além de pessoas com os pés descalços, em pagamento de promessas.

Ao passar o cortejo em frente ao atual Palácio do Govêrno, então em construção, Lucio Suteriano, Voluntário da Pátria que fizera a campanha contra Solano Lopez, já muito bebedor, encostado a um poste da Companhia de Luz, gritava, repetindo o que dísse muitas vêzes sob a influência do álcool: "No Brasil não há soldados suficientes para prender todos os ladrões. Sou Liberal! Viva o Imperador! "Perto dêle, também alcoolizado, Elias Bacalhoadá ridicularisava o "Pensamento", tipo popular que tocava, na sua flauta recém-lavada na sargeta, a última valsa do Benedito Piston.

À meia noite soltavam os fogos de artifício, fabricados por Agostinho da Costa Mendes, na rua dos Fogueteiros, Ildelfonso de Araújo Lima, José Correia de Araújo, Ricardo Francisco da Silva, artistas mais conhecidos e mais afreguesados da capital, além dos vindos de Alagoas e do Pilar, produtos das oficinas de Augusto José Amancio, Ernesto José da Costa, Matias Gomes do Nascimento e outros pirotécnicos. Primeiro punham fogo nas rodas e nos bonecos,

logo depois num navio que corria num arame, tudo isso no meio de uma fumaceira infernal e da barulhada, assovios, gritos e vaias dos moleques, quando enguiçava uma das peças. Terminava com um grande painel, no qual aparecia a efigie de Bom Jesus, enquanto repicavam os sinos do templo fronteiro.

Em 1891, governando o Estado o coronel Pedro Paulino da Fonseca, era chefe de Polícia o dr. Francisco de Paula Leite e Oiticica. Não havia entusiasmo, havia loucura pelas duas bandas de música, acima citadas. Cada qual tinha o seu grupo de admiradores, de entusiastas, numa loucura coletiva. Pessoa alguma podia ser neutra: tinha de optar por uma delas, se não queria ser apontado como inimigo das duas...

Na noite do domingo, depois da procissão e dos fogos, foi aumentando o entusiasmo, os ânimos foram se exaltando. As músicas tocaram sem parar, sem repetir partitura, num desafio *sui-generis*... De repente explodiu o barulho — correrias, pancadas, quedas, gritos, o diabo! Um exaltado partidário da Minerva, que era a melhor das duas, incontestavelmente, armado com a lança do estandarte, invadiu o corêto, onde a outra tocava, tentando furar o bombo, no que foi impedido pelo sr. Manoel Boaventura, que apanhou terrível sova, adoeceu dos pulmões, em consequência, e morreu meses depois. As casas próximas, da rua do Sol, Boa Vista, Comércio e Apolo se encheram dos que fugiam receiosos, inclusive de músicos, procurando abrigo seguro. No outro dia debaixo da cama do sr. Honorio de Albuquerque, encontraram um trombone...

Às 10 da manhã da 2ª. feira ainda tocavam as duas músicas e ninguém podia prever como terminara a disputa. Interferiu sensatamente o chefe de Polícia e saíram ambas ao mesmo tempo, tocando. Acabara-se o barulho...

Meio dia, sol a pino. O sr. Manoel Gonçalves Martins, português estabelecido com uma padaria na rua do Comércio, perto do largo, ouviu uma gritaria e distinguiu bem o seu nome. Foi ver que era, saber quem o chamava em altos brados. Ao chegar ao meio do largo soltou boa gargalhada: era o Giovanni Puzzi, engraxate italiano, filho legítimo do Deus Baccho, que ainda curtia a carraspana. Acordara, com o sol batendo no rosto, e não conseguira se orientar, andando sem direção, tropeçando aqui e ali. Gritava como um desesperado:

— Marin! Me cuda, Martin me cuda que eu tá perduto!

Auxiliado por outras pessoas Martins levou o páo d'água para o seu estabelecimento onde recolheu a caixa, as escovas, as láticas de graxa, o pano de lustrar.

Alguns anos depois dessa barulhada, a festa foi perdendo a animação. Continuaram rezando a novena, mas a parte externa perdeu o brilho. Nunca mais teve esplendor a festa dos Martírios, ainda hoje lembrada com saudade...

Correio dos Namorados

por Victor B. Caminha

Ao acaso, num 12 de junho, dia dos namorados, tive em mão o livreto de "cordel" com o título acima, também denominado "Novíssimo dicionário das flôres".

É tradicional, amiúde reeditado, não sei se com aplicação, mas sempre estimado entre os da roça.

Não compreendemos como nasceram os significados lá enfileirados e como exóticos vegetais, até raízes, tiveram interpretações, mas muitos estão dentro de alguma lógica, das várias noções do passado, embora estas tenham, também, nas mais expressivas uma complexidade a constatar.

Assim, porque a acácia significa "sonhei contigo"?; já a azeitona (só a verde) = prazer, venturas e alegrias (o caso virá da Grécia ou de mais longe?).

No selecionamento de certas afinidades de sentido (?) com o nome das plantas apresentamos: abóbora = esperança vã, talvez por ser ôca; agulhas = intriga; o alecrim, nas suas várias espécies, como ocorre com outros vegetais, tem vários significados; alface = vaidade (aí a explicação dos "alfacinhos" em Portugal); jacinto = dôr;

almeirão = impaciência (por amargor?); algodão em rama = amisade verdadeira (por ser branco?); amor perfeito = existo só para ti; araçá de pedras = tropêços; arruda = castidade (a arruda é de sortilégios, **dando sorte**); babosa = enredos (por ser gomosa pegando nos dedos?); banana maçã = merecimento (talvez pela fama de digestibilidade); bainetas (têm outra denominação?) = tem dó de mim; beldroegas = variedade; balsa de pastor = prevenir; boquinha de moça = aflição; borraragem = modestia; cajú = paixão desgraçada (pelo travo?); canas doces = repitamos (pela sequência da mastigação?); cará mimoso = cativar (e porque o vegetal tem aquêlê nome?); carrapicho = malícia; cabelo de Vênus = simpatia; côco de dendê = tudo é teu (pelas oferendas africanas?); couve = estou com sono (tem fama de indigesto...); cravo de defunto = pouco me resta viver; cravo branco = inclinação afetuosa (já o rajado significa súplicas); cruzeiros de Malta = martírio; damas azues = ternura; dormideira = incerteza; ervilha de cheiro = prazer delicado (pelo suave perfume?); esporas brancas = apressa-te; favas = fazer seleção (daí a locução “ir às favas”); flôr de laranjeira = afabilidade; flôr de lís = poder ou grandeza d’alma (vejam portanto a correlação nas armas antigas da França); fôlhas de loureiro = premiar; fôlhas de parreira = fidelidade e amôr (a consultar a devoção de Adão); funcho = sofrimento (lembrar a expressão “enfunchado”); fruta de pão = fastio de amôr; girasol = fugir do amôr; goiaba = apêrtos (é adstringente); grêlo de maracujá = acordei com sobressaltos (e é sedativo para o caso...); grêlo de nabos = arranhos como gato (reparem como é áspero mesmo...); grinaldas (é vegetal?) = cadeia de amôr; incenso = lágrimas; Isabel entre sonhos = mimos de amôr; jaboticaba = vem me ver (olhos de jaboticaba...); laranja da terra = amarguras; limão azêdo = crueldade (no ponto de vista de azedume); lírio branco = ardor (como devocional); loureiro = triunfo (é típico na Grécia Antiga); madresilva = respeito; lírio dos vales = és leviana (na forma de alastrar-se?); mal me quer = amôr oculto; marmelo = arrependimento; mamona = impertinência (é o caso típico da “carrapateira”); manga = ora, não fales nisso! (é proverbial: “estar mangando”...); maravilhas = admiração; martírios = sofrimento; maxixe = libertar-se; melindres = delicadeza; monsenhor branco = não quero mais amar; mostarda = furor (ver a locução “subir a mostarda ao nariz”...); miosotis (o **forget me not**) = não te esqueças de mim; narciso = amôr próprio; papagaio (planta) = não fales sem pensar; pepinos = fazer acintes (arrebido êle é, como, também, molestador); pimenta malagueta = estar ardendo; pitangas = passeio (encontradiça em tal caso); primavera = desejo amar; resedá = tuas qualidades encantam (pelo rescender?); rosa branca = afeição (realmente tem louçania); romã (fruta trazida por conquistadores?) = ambição; rosa de todo o ano = continua e ven-

cerás; sabugueiro = último recurso (é remédio anti-febril); saudade roxa = melancolia; saudade branca = sinceridade; suspiro (vegetal) = até quando?; palma de Santa Rita = ofereço minha mão; trepadeira branca = pela janela; trigo = dias de casamento (Ceres e outras analogias com Roma Antiga); tulipa = honestidade (os holandeses têm tais pendores de cultivo...); uvas moscatéis = contentamento; violeta = candura (mesmo as roxas são de tal expressão nítida); vanilha (baunilha) = amôr extremoso (tem esta ou não o perfume enebriante?).

Revisamos toda a primeira parte do livreto e aí estão pontos curiosos, merecendo maiores comentários, além dos feitos entre parêntesis.

Mas, nos nomes de vegetais em que nada encontramos de expressivo, talvez sendo pura convenção, ainda que de origens remotas e diversificadas, o manual está cheio. Vamos, pois, exemplificar: salsa = não desanime; tomates = querer; trevo = vem segunda feira; tinhorão = a ninguém mais amo; xuxú = há novidades em casa; rabanetes = repreensão; pêssego = docilidade; pimentão maduro = amas a todos; malvas = acautela-te; melão = nós nos queremos; lima da Pérsia = vontade; jaca mole = não me importa; gervão = esperança baldada; magnólia = não entendo; gergelim = vivo para ti; giló = singelesa; fôlhas de limeira = mexerico; flôr de macieira = voluptuosidade; fôlhas de laranjeira = raiva; côco da Bahia = não sejas ingrato; côco de catarro = chega à janela; camélias = aceito com alegria; aveleira = reconciliação; banana da terra = antipatia; ananás = meiguice (mas para tanto espinho?!); ananás de coroa = vitória; açafraão = há diferença na amizade; aipim com casca = temor de desgraça; abacate = traição; etc., etc.

Limitamos êstes curiosos registros de dúvidas, para os que quiserem tentar algo explicativo.

Notamos, também, que, nas flôres, em que existe o branco e, também, espécies vermelhas, estas últimas têm significado oposto; exemplificando: margarida branca = é tua a minha mão (já com relação à vermelha = estou prometida).

Vimos, também, nomes de plantas que são, talvez, especiais de Portugal e côres que, realmente, são de surpreender, como cravo verde e rosas azues...

No mesmo livreto uma parte final tem indicativos (aí bem convencionais) para marcações de horas, significados de pedras preciosas (já os orientais faziam suas conclusões!!), referências emblemáticas das côres e até o telégrafo amatório (pelos gestos), além das espécies de amôr, com as suas descritivas e os motivos que em tais casos devem preponderar em cartas.

Proteção e Restauração dos Folguedos Populares

Edison Carneiro

Situação nacional dos folguedos

Chegou o momento de pensar, com seriedade, e de maneira prática, no problema da proteção aos nossos folguedos populares. Como tornar efetiva a proteção, sem que, no processo, os nossos folguedos percam as suas características? Sabemos que a proteção em si mesma implica numa intromissão erudita no campo do folclore e, entre os perigos que comporta, está o de poder levar à mais rápida liquidação de toda esta riqueza das gerações. Peritos em artes populares, convocados pela UNESCO (*La protection et le développement des arts populaires*, 1950), declaram, em estudo perfeitamente aplicável ao nosso caso, que o desenvolvimento dessas artes exige, ao mesmo tempo, intervenção e liberdade — “muita liberdade”. De que maneira harmonizar êste desejável comedimento (“uma extrema discreção”) com a necessidade imediata, inadiável, de promover e estimular as manifestações lúdicas da nossa gente?

A situação nacional desses folguedos não apresenta condições que nos indiquem uma solução única. Em geral, inclinamo-nos facilmente a admitir que os nossos folguedos — e esta palavra abarca jo-

gos, autos, danças e cortejos folclóricos — estão em decadência, senão em franco processo de desaparecimento. Este é, certamente, um fenômeno dos nossos dias, mas de modo algum um fenômeno geral, válido para todo o país. Senão, como explicar a permanência e o esplendor dos folguedos populares em Estados aparentemente tão diversos na sua fisionomia como São Paulo e Alagoas?

Outrora, o bumba-meu-boi, o terno de Reis, o maracatu, as pastorinhas, as congadas, organizavam-se com dinheiro angariado no bairro ou na localidade, os parcos tostões do homem do povo e as gordas notas da gente rica. Não se tratava de uma simples contribuição, mas de uma demonstração de confiança no grupo. O dinheiro bastava, por pouco que fôsse, para ligar a população à sorte do folguedo, que se transformava, assim, numa diversão quase familiar, quase pessoal, que saía à rua tanto para distrair os brincantes como para retribuir a munificência dos ricos e justificar as esperanças da plebe. O povo solidarizava-se com os seus folguedos. Daí o entusiasmo com que se amanhecia, na Lapinha e na Penha, na Bahia, durante a exibição de ternos e ranchos; daí que os parãenses se esbofeteassem bravamente nas ruas de Belém, em defesa do seu boi... Se esta forma de manutenção do folguedo desapareceu em alguns Estados, mantém-se viva, e bem viva, noutros e em geral em todo o interior. O fenômeno da decadência e do desaparecimento dos folguedos populares parece circunscrever-se às capitais, embora com as honrosas exceções de Maceió, de Belém, do Recife e do Distrito Federal, e estar em desenvolvimento há menos de 25 anos.

Os quadros conhecidos da estratificação social sofreram, com efeito, a partir de 1930, alterações de certa importância, em consequência da inflação, do êxodo rural, da fortuna fácil dos anos de guerra, da carestia da vida, da insegurança política. Alterações de superfície, que não modificaram, essencialmente, o arcabouço antiquado e incapaz da nossa economia, sacrificada ao latifúndio e ao comércio de exportação. Onde estas modificações de superfície tenderam a reforçar a exploração econômica tradicional, os folguedos populares permaneceram, florescendo, readaptando-se, preenchendo novas funções. Onde, porém, as transformações diversificaram, inferiorizam ou incaracterizaram a economia local, produzindo desequilíbrio e insatisfação, tem-se a impressão — talvez falsa — de que os folguedos populares estão sendo sistematicamente suprimidos, quando não substituídos por folguedos e diversões não nacionais, trazidos a bordo dos navios que visitam o litoral atlântico.

Dêste modo, se em certos casos teremos de proteger os folguedos populares, em outros deveremos restaurá-los. Podemos, pois, estabelecer de duas maneiras os dados e a solução do problema, criando uma norma geral, cuja validade, em cada caso particular, precisa ser aferida em relação com as circunstâncias locais.

Proteção e estímulo

O primeiro caso seria o dos Estados de Alagoas e São Paulo, da Amazônia, do Distrito Federal, do Recife e de algumas cidades do interior do Paraná, de Santa Catarina e de Minas Gerais. A exploração econômica fundamental, a despeito de certos fatores de expansão, a despeito do acréscimo de elementos diversos ao quadro antigo, continua, em essência, a mesma. Tôda a indústria de São Paulo — o exemplo mais extraordinário — não conseguiu retirar a êsse Estado a sua posição de produtor de café. Por enquanto, — até que se tente uma ocupação humana em grande escala, — a Amazônia brasileira haure os seus recursos, como antigamente, da borracha, da juta, da castanha do Pará, do couro de jacaré, do guaraná, do pirarucu, do casco de tartaruga. Quanto a Alagoas, tôda a sua economia gira como sempre em tórno da cana de açúcar. O Distrito Federal aumentou a sua população, multiplicou os seus recursos, marcou mais fundamente a separação entre as classes sociais, mas não será difícil reconhecer nêle as mesmas características de antes de 1930, como o grande centro de comércio e de consumo do país. Do Recife pode-se dizer o mesmo — por baixo das suas pontes escoo-se, como outrora, a produção de todo o Nordeste. Nestes lugares, os nossos folguedos vivem da contribuição popular, local, — e daí as acaloradas disputas entre partidários do azul e do encarnado em Maceió, os milhares de pessoas que se aglomeram para assistir ao desfile das escolas de samba no Distrito Federal, as levas de gente que acompanham maracatus e cabocolinhos pelas ruas do Recife... Em São Paulo, Estado mais rico, os folguedos populares também vivem da contribuição popular, mas têm mais possibilidades de apresentação e, portanto, de recursos econômicos. Os caiapós, os moçambiques, as congadas, o batuque, os cantadores de cururu, os grupos que dançam a catira, o samba de lenço, a caninha verde e o jongo, viajam por todo o Estado, solicitados e aplaudidos pela população de aldeias e cidades, Cunha, Jundiá, Taubaté, Iguape, Tatuf. Festivais como os de Atibaia ou da aldeia jesuítica de Carapicuíba só encontram símile nas grandes festas anuais do Largo do Bebedouro, em Maceió. Êstes exemplos mostram que os sinais de decadência e de desaparecimento — que levianamente generalizamos para todo o país — não se evidenciam nos pontos em que, a despeito da concorrência de outros fatores, a exploração econômica fundamental permaneceu a mesma. Aliás, um dos fenômenos de superfície mais comuns nestes últimos 25 anos — o êxodo rural — trouxe para o Distrito Federal, através de emigrados capixabas, fluminenses e mineiros, as folias de Reis, que estão conquistando rapidamente o favor dos cariocas.

Como tratar os folguedos populares, nestes pontos do território

nacional? Espontâneamente, São Paulo dá a resposta. Bastará multiplicar as suas oportunidades de apresentação, na cidade e na zona, com aquela “extrema discreção” recomendada pelos peritos da UNESCO, deixando aos brincantes liberdade, “muita liberdade”, na sua organização. O desfile no Parque do Ibirapuera, São Paulo, com que se encerrou o Congresso Internacional de Folclore, constitui um exemplo que se não deve perder. Estas oportunidades, que são o estritamente necessário para prestigiar os folguedos populares, podem multiplicar-se de tal modo que não sòmente o reisado de Maceió possa exhibir-se em Viçosa e o reisado seja convidado a apresentar em Maceió, como já acontece, mas também que um grupo de cabôclos parâenses, homens e mulheres, venha dançar o catimbó em São Paulo, traga a marujada de Bragança para o Rio de Janeiro ou leve o seu boi Flor do Campo a Curitiba ou a Fortaleza; que os caiapós de Piracaia possam tocar a sua busina e báter a sua caixa nas ruas do Distrito Federal ou que uma escola de samba carioca participe do Carnaval do Recife... Sem plano, e aos azares da sorte, já se podem registrar casos dêsse tipo. As folias de Reis, que reproduzem a jornada dos Magos, são naturalmente andejas. A Escola de Samba Unidos do Salgueiro, sob o comando do veterano Calça Larga, seguiu de trem, a fim de participar do Carnaval paulista no ano do centenário da cidade, logo depois de haver desfilado sob os aplausos dos cariocas. E, se agora já não podemos falar em decadência ou desaparecimento dos folguedos populares nestas zonas, não poderemos fazê-lo depois. Estas medidas garantirão a sua permanência e, mais ainda, o seu florescimento.

Restauração dos folguedos populares

Tem mais complexidade o problema nos pontos em que o interesse econômico principal se transferiu da exploração tradicional para outros ramos de atividade. A liderança das classes, os deslocamentos de população, as dificuldades gerais de vida, — tudo parece ter criado uma situação insustentável para os folguedos populares. Como êsses folguedos eram, em geral, estacionais, — coincidindo com o Natal e a festa dos Reis, como os bailes pastoris e os ternos e ranchos, ou com o Carnaval, como o afóxé da Bahia, — o intervalo de um ano entre uma e outra apresentação se revelou demorado demais em relação com o ritmo com que se processavam, sob a premência da hora, as transformações econômicas de superfície. Os ricaços de outrora, que patrocinavam as diversões populares, passaram de repente a sofrer a concorrência de grupos mais ousados, que, na indústria, no comércio de exportação, nas casas bancárias, na especulação com imóveis, gêneros alimentícios e mercadorias de bom preço, em breve lhes tomaram o lugar. A classe média teve as

suas dificuldades agravadas e, quanto ao povo, o salário real baixou, com as grandes levas de trabalhadores empobrecidos dos campos que buscavam trabalho nas cidades. Houve, assim, de um lado, a diminuição das possibilidades econômicas da parte da burguesia das cidades que promovia os folguedos populares e, de outro lado, o empobrecimento e a redução numérica dos elementos do povo que participavam ou contribuíam diretamente para a sua realização. Significará isto que êsses folguedos tenham mesmo desaparecido, que já não seja possível recuperá-los, reintegrá-los no seu antigo esplendor ?

Os mestres, os entendidos, — cantadores, dançadores, músicos, — estarão vivos, na sua cidade natal ou em outras cidades, desejando, mais do que qualquer outra coisa, uma nova oportunidade de realizar a sua brincadeira. Foi o que demonstrou, na prática, José Loureiro Fernandes, que, roubando ao silêncio e ao esquecimento as congadas da histórica cidade paranãense da Lapa, fêz reviver todo o folguedo. Os ternos e ranchos de Reis estavam desaparecendo na Bahia, de tal modo que somente um dêles se exibiu nos palanques da Cidade em 1953. Entretanto, um simples apêlo, secundado pela imprensa, fêz voltar às ruas o multi-campeão dos anos anteriores a 1930, o antigo e celebrado Terno do Arigofe,

... o Arigofe
não tem barriga,
não tem tripa,
não tem bofe...

e já outros ternos e ranchos anunciam o seu reaparecimento em 1955. Uma simples demonstração de interesse, prudente, bem conduzida, bastou, nestes casos, para ressuscitar folguedos aparentemente mortos. Não devemos aproveitar estas experiências no tratamento dos folguedos populares onde a nova situação econômica produziu a sua decadência ou o seu desaparecimento ?

Encontrar os antigos animadores dos folguedos constitui por si só uma tarefa mas o importante será convencê-los e interessá-los na sua reorganização. Há, atualmente, nas cidades, uma receptividade muito maior para as diversões populares. Se a população cresceu, a sua composição não mudou. E é certo que o crescimento maior se produziu nas camadas inferiores da população, herdeiras e portadoras do folclore. A classe média, aturdida a princípio com as decantadas maravilhas de outras terras, afligida pela insegurança econômica e farta das sensações civilizadas do futebol e do cinema, começa a revalorizar as coisas nacionais — e um vigoroso sinal desta tendência é o interesse crescente pelas nossas manifestações folclóricas. Entre as classes abastadas, em parte por snobismo, em

parte por boa vontade e compreensão naturais, não será difícil encontrar apoio para os folguedos populares — apoio real, na forma do dinheiro, de materiais ou mercadorias, de facilidades. A imprensa e o rádio, se mobilizados, poderão ajudar eficazmente nesta tarefa de convicção. Há, igualmente, repartições municipais e estaduais e organizações privadas que, ora por benemerência, ora por obrigação, podem concorrer para interessar no ressurgimento dos folguedos populares, concedendo subvenções, instituindo prêmios, criando oportunidades de apresentação. Novamente, aqui, — e aqui mais do que em qualquer outra ocasião, — teremos de levar em conta o binômio intervenção e liberdade para que os folguedos populares possam reassumir o seu caráter de legítima expressão do povo.

A intervenção deve fazer prova de “uma extrema discreção”, limitando-se a encontrar os mestres, a convencê-los da conveniência da reorganização dos seus folguedos, a ajudá-los no que necessitem e a promover a sua apresentação em público, inclusive para a conquista de troféus e prêmios em dinheiro se fôr necessário — como o será em muitos casos — montar o folguedo, será útil fornecer, de preferência, fazendas, instrumentos musicais, adereços, lanternas, etc., e muito pouco, quase nada, em dinheiro de contado, e assim mesmo para fins determinados, confecção de vestimentas, preparo de estandartes e insígnias, pequenas despesas. Se se puder conseguir a doação de certas coisas ao grupo, será proveitoso fazer com que os brincantes mesmos as peçam e as recebam das mãos do doador e que, entre a obtenção e a entrega, e a fim de destruir a impressão de facilidade, ocorra um intervalo razoável. A ajuda em caso algum deve cobrir tôdas as despesas — uma parte delas será da responsabilidade pessoal dos componentes do grupo — nem as deve dar a impressão de que possa continuar todos os anos. Pelo contrário, será vantajoso insistir no caráter excepcional da ajuda, mostrar que da iniciativa do grupo é que decorrerão as possibilidades da sua manutenção futura e, ao falar da perspectiva de diminuição e suspensão da ajuda, indicar como as oportunidades de apresentação poderão compensar a sua redução ou falta. E, para dar responsabilidade ao grupo, deve-se exigir a prestação de contas de todo o dinheiro ou material que lhe tenha sido entregue. Esta calculada parcimônia evitará a exploração e, principalmente, o desleixo na reorganização do terno de Reis ou da chegada. Embora, com a intervenção, se restaure o folguedo, jamais se deve esquecer que êste pertence ao povo e tem de ser mantido, de então por diante, com a sua iniciativa.

Tôda esta intervenção exige a concessão da mais ampla liberdade, “muita liberdade”, aos mestres, aos entendidos, aos animadores, em tudo o que diga respeito ao folguedo em si. Não poderemos pedir que o terno ou o bumba-meu-boi saiam à rua como o faziam em 1920

ou em 1928, nem a ninguém cabe o direito de propor que se dance, cante ou toque isto ou aquilo, desta ou daquela maneira. Possivelmente, depois de tantos anos de falta de oportunidades, o grupo não conseguirá reinstalar-se imediatamente no esplendor antigo: os jovens não terão o mesmo entusiasmo, às canções talvez falte a ingenuidade de outrora, parte da dança ou da representação estará esquecida ou estropeada. Que importa isto? A prática — o hábito de sair nos dias determinados — e a concorrência dos grupos do mesmo gênero em pouco tempo corrigirão os erros e as deficiências. O interesse popular que o reaparecimento desses folguedos suscitará certamente lhes trará o concurso, a crítica construtiva e talvez a participação de outros velhos mestres e entendidos porventura não alcançados nos primeiros contratos visando o ressurgimento do **ludus**. Os responsáveis pela intervenção deverão ter a difícil, mas salutar continência de servir ao folguedo trazendo-o novamente para a sociedade em toda a sua pureza popular, ou seja, como o faria o povo, se por si mesmo tivesse a possibilidade de fazê-lo. Temos o exemplo de todos os folcloristas que entraram em combinação com os folguedos populares de vários pontos do país para a sua apresentação coletiva no Parque do Ibirapuera, São Paulo, em 1954.

Os brincantes, nesta fase inicial de restauração dos folguedos populares, merecem atenção constante, mas discreta, e sobretudo oportuna, de modo a que jamais se sintam como crianças num orfanato. Somente no caso de mestres, entendidos e animadores já idosos, sem recursos, doentes, — seria uma injustiça sobrecarregá-los, a título gracioso, com a tarefa de treinar o grupo, — essa atenção deve tomar a forma de ajuda financeira direta.

Então, como consequência destas medidas, o problema da proteção aos folguedos populares, nas zonas em que se nota a sua decadência ou o seu desaparecimento, reduzir-se-á ao mesmo denominador. E bastará multiplicar as oportunidades de apresentação para que os tenhamos, afinal, bem vivos, como parte integrante da paisagem cultural, — exatamente como sucede nas zonas em que os folguedos populares ampliam a sua área de penetração, ganham novas forças, progridem e florescem.

Associações civis

Um aspecto do problema que, dadas as condições especiais do Brasil, não se poderá subestimar, sob pena de pôr em perigo todo o esforço, é o do desenvolvimento do espírito associativo. Aliás, esta é uma necessidade nacional, que se reveste da mesma importância para todos os ramos de atividade, mas que, no campo do folclore, pode fixar e dar unidade a grupos tantas vezes heterogêneos, fugazes e ocasionais e, portanto contribuir para a permanência, o floresci-

mento e a perpetuação dos folguedos populares. A cooperação entre os brincantes, fomentada através de associações civis, propiciará o treinamento dos jovens, aprimorará a perícia dos mestres e dos entendidos, formará quadros administrativos e, afinal, criará uma base econômica estável para o folgado. Eleições de rainhas, bailes, feijoadas, sortes, etc., são atrações para interessar o público — e trazer dinheiro para os cofres da sociedade.

Em geral, são as relações de parentesco ou de amizade que determinam as normas do folgado. A disciplina das congadas, das folias de Reis e das pastorinhas, por exemplo, tem esta explicação. Poder-se-á dizer o mesmo do batuque, do moçambique, do jongo, do bumba-meu-boi. Estas normas têm servido até agora para fazer do folgado uma escola, tanto para os jovens como para os velhos, mas não têm podido acabar com a precariedade econômica responsável pelos colapsos parciais ou totais do grupo. As escolas de samba desde cedo se organizaram como sociedades civis e, nesta qualidade, com as vantagens e garantias de que desfrutam as sociedades civis, consolidaram as suas forças e proliferaram com tal ímpeto que não há bairro carioca que as não possua. E daí partiram para novas e mais altas formas de associação, como a União Geral, a Federação e, afinal, com a fusão destas duas, a Associação Geral, que harmonizou quase toda a família do samba. A esta forma legal de associação, que dá unidade, fixidez e responsabilidade ao grupo e lhe amplia a base econômica, tornando permanente a contribuição ocasional dos amigos, terão de chegar, mais cedo ou mais tarde, por força das circunstâncias, todos os nossos folguedos. Só assim poderão sobreviver, com possibilidades de resistir a qualquer embate adverso. Se desejamos protegê-los, estimulá-los e restaurá-los, não será avisado induzi-los, desde já, a tomar o caminho da sociedade civil?

A mesma cautela (“uma extrema discreção”) ter-se-á de observar neste capítulo. Não poderemos esquecer que estas associações civis nada mais são do que uma forma de organização do folgado, visando a sua permanência e o seu florescimento, e, portanto, devem gozar de liberdade, “muita liberdade”, sem que a intervenção passe do preparo da papelada indispensável ao registro, de acordo com a vontade dos brincantes e com a lei. Basta um exemplo recente. Um político carioca fundou, com objetivos puramente eleitorais, a Confederação dos Reisados, entregando a sua direção a auxiliares imediatos. Os mestres de cerca de setenta folias de Reis jamais pagaram um tostão, sequer, de aluguel da sede ou de outras despesas, e todas as quarta-feiras escutavam discursos políticos e mirabolantes de ajuda, mas sobre os seus problemas específicos pesava o mais absoluto silêncio. Perdida a eleição, o patrono abandonou os reisados. Os mestres saíram da aventura demagógica do mesmo modo que nela entraram — sem o registro individual das suas folias, sem o registro

da Confederação e sem experiência no comando de uma associação civil e, portanto, no trato dos problemas comuns. Todos êsses mestres trabalhadores, homens responsáveis, acostumados a dirigir os seus foliões durante a **jornada dos Reis**, podiam contribuir para a associação com idéias e esforço, senão, certamente, com dinheiro. Agora, as folias de Reis, vencendo tôdas as dificuldades, estão tentando refazer o caminho por si mesmas. Teremos o direito de criar uma sociedade como esta — de cima para baixo ?

A associação civil constitui um elemento de fixação dos folguedos populares. E êste tipo de associação deve ser estimulado mesmo quando, como acontece, por exemplo, com o moçambique e as congadas, há inequívocos impulsos religiosos na organização e na apresentação do folguedo.

Pesquisa e registro

Há outro elemento de fixação, tão urgente quanto a proteção em si mesma, que não pode ser esquecido. Trata-se da pesquisa e registro dos folguedos populares, nos mais variados aspectos do fenômeno, especialmente música, texto literário, coreografia e história. A documentação pormenorizada de cada folguedo, além do seu valor intrínseco, pode servir de norma para a sua possível restauração ou, se esta se tornar impraticável no futuro, para a sua encenação por brincantes não tradicionais, como vem acontecendo na Inglaterra e em geral na Europa. Não é improvável que o interesse erudito na documentação do folguedo, em vista das oportunidades de trabalho em conjunto que propicia ao grupo, contribua, poderosamente, — e isto depende de ser bem orientado, — para estimular ou restaurar a brincadeira popular.

A pesquisa não colide com a proteção, completa-a.

Dispomos, atualmente, de uma vasta literatura especializada, embora nem sempre de acôrdo com as normas da boa técnica, que infelizmente se encontra dispersa em tôda sorte de publicações nacionais. Êste material, valioso como parece, é insuficiente, pois, na maioria dos casos, não cobre todos os ângulos do fato considerado. A lacuna mais freqüente refere-se à coreografia. Nada temos ainda, nesse particular, dos folguedos alagoanos, tão exaustivamente estudados por Théo Brandão. Dos folguedos paulistas, a que Rossini Tavares de Lima e a Comissão Paulista de Folclore dedicam tanto carinho, não se pode dizer outra coisa, a não ser para o samba rural (Mário de Andrade), para o moçambique de Aparecida (Lourdes Borges Ribeiro) e para a dança de São Gonçalo (Geraldo Brandão). Trabalhos que se aproximam do padrão ideal são os de Oswaldo Cabral em tôrno do vilão, do pau de fitas e da jardineira de Santa Catarina e de José Loureiro Fernandes acêrca das congadas da Lapa,

Paraná. Poderemos prescindir da coreografia do maracatu, dos bailes pastoris, do côco, dos cabocolinhos, do catêrê e do jongo? Muito pouco, quase nada, está documentado em filmes ou em fitas de gravação. O Paraná dá o exemplo, com três ou quatro filmes sonoros, realizados por um técnico em cinema, o velho Wladimir Kozak. Da mesma espécie há um filme pernambucano sobre o bumba-meu-boi. Em São Paulo, graças à operosidade da Comissão Paulista de Folclore, e no Distrito Federal, em virtude da extrema dedicação de Zaide Maciel de Castro e Arací do Prado Couto, há filmes e gravações dos folguedos mais importantes. No Espírito Santo e em Alagoas Guilherme dos Santos Neves e Théo Brandão têm gravado a música e a literatura dos folguedos locais, a que podem acrescentar muitas e sugestivas fotografias. Considerando o muito que há a fazer, e que precisa ser feito com urgência, não podemos lembrar aqui a imagem da gôta d'água no oceano?

A pesquisa de que necessitamos supõe equipes armadas do aparelhamento mecânico indispensável — câmara fotográfica, máquina de filmar, gravador de som, etc., — e com treinamento razoável em trabalhos de campo, a fim de captar, em todos os seus detalhes, e no menor tempo possível, o **ludus** nacional. A documentação científica constitui, obviamente, uma forma de preservação dos folguedos e uma cautela sobre o futuro. E, se esta tarefa exige técnicos, que dizer das tarefas práticas, mais delicadas, mais permanentes, em que será necessário contato íntimo e constante com os grupos folclóricos, como a proteção e a restauração dos folguedos populares e o incentivo ao espírito de associação?

Uma tarefa para folcloristas

A proteção aos nossos folguedos, nas condições peculiares em que se encontra o Brasil, torna-se um dever urgente e irrecorrível para todos os folcloristas.

Proteger significa intervir, e normalmente seria paradoxal que a intervenção fôsse aconselhada ou efetuada por folcloristas, mas, se soubermos usar de “uma extrema discreção”, garantindo “muita liberdade” aos folguedos, a intervenção — pelo interesse eminentemente nacional de que se revestirá, devolvendo ao povo, sem lhes violentar o caráter, as suas costumeiras ocasiões de prazer, — pode ser perdoada. Estaremos prestando ao Brasil um serviço que ninguém mais lhe poderá prestar.

Cabe à Comissão Nacional de Folclore iniciar e orientar um amplo movimento em favor da solução do problema dos folguedos populares.

A Lenda de São Tomé

S. Suannes

Contavam os brasilíndios que um ádvena altamente sábio e santo denominado Sumé ou Zumé ou ainda Tumé, em época não sabida, havia convivido com os filhos das florestas produzindo milagres, profetizando, fazendo o bem e ensinando muitas cousas úteis, entre as quais o cultivo e o aproveitamento da mandioca, do milho e do algodão. Relatavam ainda os aborígenes que qualquer laje que pisasse nela deixava êle a impressão da planta dos pés é que o mesmo havia chegado e se retirado misteriosamente.

Um esclarecimento se enquadra aqui por oportuno. Algumas hordas tapuias, mórmente os puris e os aimorés (botocudos), que as cabildas tupi-guaranis reputavam bárbaras, não se dedicavam à agricultura.

Era tradição correntia entre o gentio do Maranhão que um Caraíba (Sábio), procedente de longínquas e ignoradas plagas, estivera no vale do rio Maracá-Sumé, ou seja rio do "chocalho de Sumé", no Gurupí e em outras paragens empolgando as populações com seus feitos extraordinários e com suas santas prédicas. Falava no dilúvio, predizia que outros homens brancos como êle viriam em

missão divina, ensinava o uso do fogo e o aproveitamento das raízes, frutas e folhas alimentícias, inclusive da erva-mate (caé), cuja propriedade mortífera eliminou tostando-a ao calor do fogo. Mandou dar sepultura aos cadáveres de muitos índios na margem esquerda de um curso de água, em sítio hoje conhecido por Cemitério do Pai Zumé. Deixou impressos os sinais dos seus pés numa laje em que costumava pregar às multidões* (1).

Os agrupamentos tribais do litoral fluminense davam-lhe por residência a Casa-de-Pedra (Itaoca), ao norte de Ponta-Negra (2), em pitoresca região que servira de teatro para suas surpreendentes proezas. Asseguravam que, dotado de poderes sobrenaturais, transformara densos matos nas colossais pedras abruptas que lá se encontram e que a superfície plana das existentes na beira-mar exhibe rastros oriundos dos seus pés. Tais pegadas eram conhecidas por Mairapé que, no parecer de uns indionólogos, significa “trilha do homem branco” e, no de outros, “trilha do homem misterioso”.

O célebre aventureiro inglês Antônio Knivet andara à caça dos tupinambás ao apagar das luzes do século XVI. Estando no local, ouviu aí a lenda que posteriormente veio a consignar no volume em que descreve sua odisséia (3). Contudo, antes dêle, João de Lery, em sua HISTÓRIA DE UMA VIAGEM FEITA À TERRA DO BRASIL, impressa em La Rochelle em 1578, aludia a um adventício lendário a quem era atribuído o ensino de algumas práticas religiosas em uso entre os aborígenes da Guanabara (4).

Não estará por certo fora de propósito assinalarmos de passagem que o vocábulo “carioca” (caraí-oca) significa à letra “casa do branco” ou “casa do sábio”. Como se sabe, branco e sábio se equivaliam outrora. Isto nos leva a suspeitar que essa voz tenha sua gênese na tradição indígena em apreço.

Monsenhor Pizarro, a despeito de nada dizer com relação ao mito, informa, entretanto, que de uma casa de pedra de teto abobadado, erecta por francêses na ponta sul da barra de Cabo-Frio “se originou a denominação de Casa-de-Pedra com que ficaram conhecidos os grandes penedos situados em terra firme.” (5)

Os selvícolas do sudoeste brasileiro também se referiam a um alienígena de singulares poderes e de vida exemplar que ministrava edificantes ensinamentos. Vindo da orla atlântica, percorrera o vale

(1) Francisca de Basto Cordeiro — BRASILIDADES, 160/161, Tip. do Patronato; Rio de Janeiro, 1943.

(2) Há outra Casa-de-Pedra no vale do Paraguaçu, na Bahia.

(3) Teodoro Sampato — PEREGRINAÇÕES DE ANTÔNIO KNIVET NO BRASIL DO SÉCULO XVI, Livraria J. Lette; Rio de Janeiro s/d.

(4) Tradução de Sérgio Millet. Livraria Martins; S. Paulo, 1941.

(5) MEMÓRIAS HISTÓRICAS DO RIO DE JANEIRO, II, 112/113, Instituto Nacional do Livro; Rio de Janeiro, 1945.

do rio Paraná, entre o Paranâpanema e o Iguaçu, desaparecendo em misterioso caminho rumo ao oeste. Afiançavam os íncolas que o "trajeto do Carafba ficou indelêvelmente assinalado por milagrosa estrada de oito palmos, que se ia abrindo a sua passagem." (6). Querem alguns que tal via de penetração seja o **peá-beiu** (caminho sinuoso) dos Carijós, que ligava São Vicente a Assunção do Paraguai.

Concluindo êste parágrafo, recordemos que na mitologia incáica figuram personagens semelhantes. Referimo-nos a Manco Cápac e a Mamma Ócolo, cujos sensacionais feitos são assaz conhecidos.

* * *

Quem se der ao trabalho de manusear as primitivas crônicas pertinentes ao nosso país certificar-se-á de que os autores se contradizem no que concerne à crença professada pelos brasilíndios. Assim é que enquanto uns declaram que êles eram incrêus outros, como André Thevet, Miguel de Montaigne e os Padres Ivo d'Evreux, Fernão Cardim e Simão de Vasconcelos asseveram que os mesmos possuíam religião ou feiticismo, admitindo a existência de Deus, do Diabo e dos espíritos e crendo na sobrevivência da alma.

A respeito do assunto, conta curioso fato o eclesiástico Francisco Lopez de Gómara, secretário de Cortês no México e autor de notável obra sôbre os amerabas. Diz o autor sevilhano que o índio Otiguara ou Origuara percorrera em 1533 e 1534 as tabas, inclusive as da costa catarineta (Ibiaçá), entoando hinos que compusera em louvor da inocência e anunciando a próxima chegada de missionários. Encarece o referido autor a obra do poeta místico, a qual veio facilitar sobremaneira a catequese iniciada alguns anos depois por franciscanos espanhóis. Legiões e legiões de indígenas procuravam pressurosas os **Itapu-tarebes**, isto é, os exterminadores dos pecados, os catequistas.

Logo que o Novo-Continente foi descoberto, os teólogos se apressaram em declarar que sua gente era de ascendência adâmica tal qual as demais, não sendo, por conseguinte, autóctone. O Papa Paulo III baixou ñada menos que três Bulas em favor dos americanos. Pela VERITAS IPSA QUAE NEC FALLI NEC FALLERE POTEST, de 1537 concedia-lhe igualdade civil, declarando que eram êles "verdadeiros homens" e pela SUBLIMIS DEUS reputava herética a opinião de que os mesmos eram irracionais e portanto incapazes da fé cristã.

Verifica-se por outro lado que os índios não eram tidos como gente má. Muito pelo contrário. Os escritos probatórios da tese abundam. Dentre êles, vamos escolher e estudar os que maior interesse oferecem.

(6) Apud. Francisca de Basto Cordelro, **Obra citada**, 159/160.

A NOVA GAZETA DA TERRA DO BRASIL (7), aparecida na Europa em 1515, consigna esta informação :

“...quanto mais para o Cabo tanto melhor gente, de bom tratamento, de índole honrada. Não há neles nenhum vício, a não ser que um povoado guerreie o outro.

.....
Dizem que o povo é de muita boa condição, não havendo naquelas costas leis, nem reis, a não ser que ouvem os velhos e lhes obedecem...”

O Padre Manoel da Nobrega costumava dizer: “Eu se houver de ser mártir há-de ser à mão dos nossos portugueses e não dos Brasis”. Miguel de Montaigne, versado na índionologia brasílica como poucos do seu tempo, não hesitou em tecer entusiásticas loas aos naturais de Pindorama. É o que se verifica do Capítulo XXX — Dos Canibais — em seus magníficos ENSAIOS, estampados em 1580, em Bordéus (8). Admirava-se êle de, entre os índios, os “vocábulos que significam a mentira, a traição, a dissimulação, a detratção, o perdão” serem completamente ignorados. “Quantos encontraram a república (de Platão) imaginada distante desta perfeição!...” — exclamava embevecido.

Com referência à antropofagia, abominável prática que nivela o homem ao bruto, salientava o emérito moralista e eminente filósofo que os antigos citas e os europeus seus coetâneos cometiam atos ainda mais repugnantes e bárbaros que os horrorosos festins canibalescos. João de Lery advertia dois anos antes, isto é, em 1578:

“Tedavia todos quantos lerem horríveis cousas diariamente praticadas entre as nações bárbaras da terra do Brasil refleitam, também, no que se faz por cá entre nós.”

Registra, em prosseguimento, casos de antropofagia ocorridos em França na chacina da Noite de São Bartolomeu (24 de agosto de 1572). Como na América, comia-se a carne do inimigo...

Do exposto se deduz que os primitivos americanos pautavam seu comportamento por princípios religiosos e preceitos morais compatíveis com sua incipiente organização social. É óbvio que os mesmos lhes foram transmitidos por seus remotíssimos antepassados através das gerações que se sucediam. Estavam, pois, no estágio de uma civilização primitiva que se mantinha estacionária à vista do regime isolacionista impostos pelo meio físico. O povo, ao aquilatar

(7) Gustavo Barroso — O BRASIL NA LENDA E NA CARTOGRAFIA ANTIGA, Companhia Editora Nacional; São Paulo, 1941.

(8) Luis da Câmara Cascudo — MONTAIGNE E O ÍNDIO BRASILEIRO, Cadernos da Hora Presente; S. Paulo, janeiro de 1940.

as virtudes dos homens nus que, segundo Colombo, estavam vestidos com os trajes da inocência, tomava-as como fruto opimo da predicação de algum emissário do Senhor.

* * *

Levados pela semelhança fônica dos vocábulos, pelas obras singulares e ainda pelos imperfeitos conhecimentos relativos à situação geográfica do Brasil, os primitivos colonos viram em Sumé o desconfiado Apóstolo que só cria no que via, São Tomé.

À guisa de esclarecimento, salientemos que Tumé ou Sumé significava para o eminente indianista Batista Caetano "o absoluto" e pode ser interpretado por "pai que veio de terra estranha". Vale dizer missionário alienígena.

Em 1508 já estava feita a identificação. Uma crônica dêsse ano reza o que abaixo se lê (9):

"Eles (os índios) têm também memória de S. Tomé e quiseram mostrar aos portugueses as pegadas (impressas na pedra), assim como uma cruz posta (por êle) no país."

É simplesmente notável o que acêrca do assunto veicula a já mencionada NOVA GAZETA, de 1515:

"Eles (os brasilíndios) têm recordação de S. Tomé. Quiseram mostrar aos portugueses as pegadas de S. Tomé no interior do país. Indicam, também, que têm cruzes pela terra a dentro. E, quando falam de S. Tomé, chamam-lhe o Deus Pequeno, mas que havia outro Deus Maior. É bem crível que tenham lembrança de S. Tomé, pois é sabido que está corporalmente por trás de Malaca; jaz em Siramath, no golfo de Ceilão."

É óbvio que o tratamento requer explicação. Em primeiro lugar, frisemos que autores há que aludem ao encontro de estranhas cruzes nos sertões do Brasil, Peru e México. Em segundo lugar convem que se saiba que a tradição eclesiástica assevera haver o Apóstolo ido evangelizar as tribos partas, tendo estado na Índia, onde sofreu martírio em Calamina, também denominada Mellapor. (10) A propósito, lê-se no canto X, dos LUSÍADAS, de Camões, estas belas rimas:

(9) Apud. F. T. D. — ELEMENTOS DE HISTÓRIA DO BRASIL (Curso Superior), Livraria Francisco Alves; Rio de Janeiro s/d.

(10) Mellapor, cidade do antiquíssimo Reino de Narsinga, na costa do Coromandel, ao sul de Madrasta. Escreve João de Barros nas DECADAS DA ÁSIA:

"Trouwemos aqui esta memória para que se saiba que estando a cidade de Mellapor doze léguas há mil e quinhentos e tantos anos afastada do mar, comeu êle tanto da terra que, ao presente, está um tiro de pedra desta povoação'.

“Olha que de Narsinga o sombrio
Tem as relíquias santas e benditas
Do corpô de Tomé, barão sagrado,
Que a Jesus Cristo teve a mão no lado.

Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapor, fermosa, grande e rica;
Os ídolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente inica;
Longe do mar naquele tempo estava,
Quando a fé que no mundo predicava,
Tomé vinha pregando, e já passara
Províncias mil do mundo, que ensinara.

Chegando aqui, pregando e junto dando
A doente saúde, a mortos vida,
A caso traz um dia o mar, vagando,
Um lenho de grandeza desmedida;
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer dêle madeira, e não duvida
Poder tirá-lo à terra com possantes
Fôrças de homens, de engenhos, de elefantes.

Era tão grande o pêso do madeiro,
Que só pera abalar-se nada abasta;
Mas o nuncio de Cristo verdadeiro
Menos trabalho em tal negócio gasta;
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No tronco e fâcilmente o leva e arrasta
Pera onde faça um suntuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabia bem, que se com fé formada
Mandar a um monte surdo, que se mova,
Que obedecerá logo à voz sagrada,
Que assim lho ensinou Cristo e êle o prova.
A gente ficou disto alvoraçada:
Os Brâmanes o tem por cousa nova;
Vendo os milagres, vendo a santidade,

São êstes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha inveja;
Buscam maneiras mil, buscam desvios,
Com que Tomé não se ouça ou morto seja.
O principal, que aos peitos traz os fios,
Um caso horrendo faz, que o mundo veja,
Que inimiga não há tão dura e fera,
Como a virtude falsa da sincera.

Um filho próprio mata e logo acusa
Do homicídio Tomé, que era inocente;
Dá falsas testemunhas, como se usa;
Condenaram-no à morte brevemente.
O Santo, que não vê melhor escusa
Que apelar para o Padre Onipotente,
Quer, diante do Rei e dos senhores,
Que se faça um milagre dos maiores.

O corpo do morto manda ser trazido,
Que ressuscite e seja perguntado
Quem foi seu matador, e será crido
Por testemunho, o seu, mais aprovado.
Viram todos o moço vivo erguido
Em nome de Jesus crucificado;
Dá graças a Tomé, que lhe deu vida
E descobre seu pai ser homicida.

Êste milagre fez tamanho espanto
Que o Rei se banha logo na água santa
E muitos após êle; um beija o manto,
Outro louvor do Deus de Tomé canta.
Os Brâmanes se encheram de ódio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta
Que persuadindo a isso o povo rudo
Determinam matá-lo em fim de tudo.

Um dia que pregando ao povo estava,
Fingiram entre a gente um arroido:
Já Cristo nesse tempo lhe ordenava
Que padecendo fôsse ao Céu subido.
A multidão das pedras, que voava,
No Santo dá, já a tudo oferecido;
Um dos máus, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa."

Conta a tradição que, ao ser condenado, São Tomé predisse:

"Outro Apóstolo há-de vir quando o mar vir ter ao sítio em que eu morrer." Meliapor estava, pois, distante do mar, como canta o épico luso. Em terceiro e último lugar, saibamos que nesse tempo se pensava que o Brasil estivesse ligado à terra dos Rajás. É exactamente o que se depreende das transcrições abaixo:

Consta da NOVA GAZETA este passo:

"Este (o piloto de uma embarcação) diz-me que do tal Cabo do Brasil não há mais que 600 milhas para Malaca.

Acham, também, que a Terra do Brasil continua, dobrando o Cabo até Malaca".

Tratando da situação geográfica do Brasil, escrevia Miguel de Montaigne no aludido Capítulo XXX:

"... ter a navegação dos modernos quase descoberto que não é uma ilha e sim terra firme, continente, ligado à Índia Oriental, por um lado..."

É geralmente sabido que Colombo falecia em 1504 julgando haver descoberto o Industão, que procurava.

O Ceilão, a antiga Trapobana, esteve sob o domínio de Portugal de 1507 a 1580, quando passou para os Filipes, de Espanha. Isto explica em parte as tradições alusivas ao Santo. Além das já referidas, avuitam outras, igualmente interessantes, que apresentam a circunstância de também dizerem respeito ao Buda, que nunca lá andou. Assim é que um dente venerado num templo é pelos cingalêses considerado como sendo da divindade industânica enquanto que os lusos dali são de parecer que o mesmo pertencera a um dos maxilares do Apóstolo. O mesmo sucede com as famosas pegadas existentes no cume de Sumana-Cuta, a mais alta montanha da ilha.

* * *

Os primitivos jesuitas chegaram à Bahia em 29 de março de 1549, vindos com Tomé de Sousa. Tão logo iniciaram a catequese ouviram a versão a respeito de São Tomé. É, pois, o sue se infere da carta do Padre Manuel da Nóbrega, escrita na Cidade-do-Salvador em 10 de agosto dêsse milésimo e dirigida ao Dr. Navarro, seu ex-professor na Universidade de Coimbra (11).

"Têm (as hordas selvagens) notícia igualmente de S. Tomé e de um seu companheiro e mostram certos vestígios

(11) CARTAS DO BRASIL, edição da Academia Brasileira de Letras; Rio de Janeiro, 1931.

em uma rocha que dizem ser dêles e outros sinais em S. Vicente, que é no fim da costa. Dêles contam que lhes dera os alimentos que ainda hoje usam, que são raízes e ervas e com isto vivem bem; não obstante dizem mal do seu companheiro, e não sei porque se não que, como soube, as flexas que contra êle atiravam voltavam sôbre si e os matavam."

O provincial refere-se à Capitania de São Vicente, que tinha comêço na barra do Macaé, ficando, assim, em seu território a Casa-de-Pedra. Estava ainda em tal circunscrição político-administrativa a serra de São Tomé das Letras (sul de Minas), onde se vê uma pedra cheia de cifras perfeitas que, como o topónimo indica, se atribuem ao Apóstolo. Está porém fora de dúvida que o eminente inaciano ignorava a existência de tal elevação, que só veio a ser descoberta nos primórdios do século subsequente.

Parfíssimos são os escritores que se ocupam do companheiro do Santo, do índio que o acompanhou em suas peregrinações pelos sertões do Brasil. Ao que se diz, era o mesmo conhecido por São Sepê (12) ficava em lugar do mestre, quando êste fôra evangelizar a Índia; e no apostolado recebera a palma do martírio. Uma pedra encontrada na zona central do Rio Grande do Sul é tida como pertencente ao túmulo do místico em apreço.

Os jesuítas do Guairá recolheram a lenda indígena acêrca do misterioso Caraíba e chegaram à conclusão de que o mesmo não podia ser outro que o desconfiado discípulo de Jesus.

O Padre de Vasconcelos, provincial e cronista da Companhia de Jesus, que residiu cerca de 65 anos no Brasil, onde faleceu em 1671, discorrendo acêrca da versão, escreveu estas linhas:

"Com que aparência de razão poderiam ser os índios da América condenados se o Evangelho nunca lhes foi pregado? Aquêles que enviou os seus Apóstolos por todos os recantos do mundo não pretendeu deixar de fora a América, que representa quase a metade do mundo. O Evangelho, portanto, deve ter sido aqui pregado em obediência a essa ordem. Mas por quem foi êle pregado? Não pode ter sido por outro Apóstolo, Paulo, Pedro, João, etc. Logo, deve ter sido Tomé." (13)

(12) Não confundir o milenário São Sepê com Sepê Tiaraju, que foi a'feres corregedor-prefeito e comandante das forças das reduções jesuíticas do Rio Grande do Sul e que morreu em 1756 em combate em Calbaté, nas imediações de São Gabriel.

(13) Apud. D. P. Kidder e J. C. Fletcher — O BRASIL E OS BRASILEIROS. II, 226, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1941.

Um escritor vê na permanência do Apóstolo nesta parte do planeta o cumprimento de um severo corretivo (14):

“...foi a missão no Brasil uma merecida expiação, pois que havia, com obstinada descrença, duvidado da ressurreição de Cristo e, daí, lhe haver competido converter os povos mais endurecidos e descrentes do mundo.”

São Tomé era santo muito venerado em Portugal e Tomé chamou-se o primeiro Governador-Geral do Brasil, em cuja fecunda administração teve início a evangelização metódica de nossa Pátria. O Apóstolo tinha igualmente muitos devotos entre os colonos. Assim, foi dado seu nome a conhecido cabo do litoral fluminense e à Capitania de Pero Góis da Silveira (Paraíba do Sul). São Tomé veio a se chamar o caminho dos Carijós que ligava a costa atlântica ao Paraguai. Existe a serra de São Tomé das Letras.

Os loiolistas, que divulgaram *urbi et orbe* a tradição referente ao Santo, não podiam deixar de homenageá-lo e chamaram São Tomé a uma das reduções da Província do Uruguai (Rio Grande do Sul). (15)

* * *

As versões pertinentes à visita do referido emissário de Jesus são encontradas nos países da América do Sul, onde o mesmo, como na maior parte do mundo, é conhecido por São Tomás. Tratando das mesmas, o erudito Luiz Pericot Y Garcia, que acha tudo análogo a desinteressante fábula, acentua em sua AMÉRICA INDÍGENA (16):

“Tomavam-se como indício disso a existência da Cruz na América, certos pormenores das tradições, inclusive as da religião dos aztecas e peruanos, as impressões dos pés do Apóstolo em algumas rochas; a representação da Santíssima Trindade em vasilhas peruanas em que aparecem três cabeças, etcétera.”

Acrescentemos nós que é fama no Peru haver o vulcão Arequipa lançado fora, e inteiramente intactas, a capa e as sandálias que o Santo usava.

(14) Apud. Alcindo Muniz de Sousa, HISTÓRIA DO BRASIL, 25, Companhia Editora Nacional; S. Paulo, 1951.

(15) Não é a vila argentina fronteira a São Borja. A redução jesuítica de São Tomé, uma das dez que constituem a Província do Uruguai, ergula-se à beira do rio Ibicuí, afluente da margem esquerda do Uruguai. Alfredo Ellis Junior — MEIO SÉCULO DE BANDEIRISMO, 147, E. G. 'Revista dos Tribunais', São Paulo, 1938; Basílio de Magalhães — EXPANSÃO GEOGRÁFICA DO BRASIL COLONIAL, 158, Espasa, Rio de Janeiro, 1944.

(16) Volume I, pág. 368, Salvat Editores S/A.; Barcelona, 1936.

- 2 -

Não padece dúvida que as tradições não se baseiam em provas irrefutáveis mas em conclusões dedutivas tiradas de vários vestígios. Elas naturalmente constituem matéria sumamente interessante não só para os que vêem na lenda a nebulosa da história como para os que se dedicam ao estudo das cousas atinentes à demopsicologia ou demótica.

O folclore paraguaio, tal qual o nosso, propicia rica messe. Delicia-se o povo guarani com um cantar de autor anônimo intitulado SANTO TOMÉ, que é, sem nenhum favor, uma das mais belas composições poéticas moldadas no harmonioso idioma de Cervantes. Por certo, aumenta-lhe de muito o valor a circunstância de aparecer nela a Religião consoladora ungiendo a Pátria estremecida. Eis, pois, aqui a lindíssima cantiga popular :

“Santo Tomé iba um dia
orillas del Paraguay,
aprendiendo el guaraní
para poder predicar.
Los jaguares y los pumas
no le hacían ningún mal,
ni los jejenes ni avispas,
ni la serpiente coral.
Los chontas (17) y motacúes
palmito y sombra le dan ;
el mangangá (18) le convida
a catar do su panal.
Santo Tomé los bendice
y bendice el Paraguay
ya los indios garaníes
le prolaman capitán.

Santo Tomé les responde :
“Os tengo que abandonar
porque Cristo me ha mandado
otras tierras visitar.
En recuerdo de mi estada
una merced os he de dar,
que es la hierba paraguaya,
que por mí bendita está.”
Santo Tomé entró en el río,
y en peana de cristal
las aguas se lo llevaron
a las llanuras del mar.
Los indios, de su partida,
no se pueden consolar,
y a Dios siempre está pidiendo
que vuelva Santo Tomás.” (19)

(17) Índios.

(18) Vespão.

(19) Apud. Lidia Rosalia de Jijena Sánchez, POESIA POPULAR Y TRADICIONAL AMERICANA, 159/160, Espasa-Calpe Argentina S/A. Buenos Aires, 1952.

Ditos e Comparações Gaúchas

Coletadas e anotadas por **Walter Spalding**.

Nas minhas viajadas pelo interior deste nosso Rio Grande, no convívio com esta indiada guapa e buenacha, muito causo e muita cousa tenho recolhido, como estas três bonitas lendas — “Rio das Lágrimas”, “Ibajé” e “O Negrinho”, que não é o “Negrinho do Pastoreiro” e nem aquele outro negrinho lá das bandas do Caverá, aquele que o patrão matou a páu porque não quiz surrar a senhora branca, mulher do patrão, e depois jogou no arrôio do Caverá cujas águas ficaram pretas por êsse motivo. Pegaram a côr da pele do negrinho.

Bueno. Mas vamos ao que importa, a recoleta de mais um lote de ditos e comparações gaúchas, usadas nos mais diversos recantos do Rio Grande do Sul, sendo que a maioria delas conhecidas em todos os bolichos, em tôdas as estâncias, em todos os pousos.

CHURRASCO SEM CHIMARRÃO É COMO LAÇO SEM ARGOLA — A cousa só é boa quando completa.

SINUELO AFASTADO, TRABALHO DOBRADO — (sinuelo é o animal manso que serve de guia à tropa que o acompanha e segue. Se o sinuelo se afastar da ponta, todos os animais o acompanham e, não raro, dá-se dispersão. Por isso o sinuelo deve ser cuidado em

viagem de modo especial). — Além do sentido próprio, serve para dizer que o trabalho mal feito faz perder tempo e duplica o serviço.

CARRETA CHIANDO, É EIXO QUEIMANDO — A falta de graxa, resseca o eixo e provoca a queima. É sinal de relaxamento. — Aplica-se às cousas feitas com desleixo e para advertir provocadores.

BRADO QUE NEM LAGARTO (dizem: largato) **MELANDO** — (Melar: tirar mel; colher mel). — O lagarto quando está melando, é furioso, ou parece furioso. É que, para não ser atingido pelas vespas, corre, pula e dá com a cauda violentamente. Quando o lagarto encontra a "lixiguana" (*chantengus brasiliensis*), que faz sua colméia em folhas de árvores, junto ao chão, ou em folhas de ervas rasteiras, investe contra ela, dando com a cauda no ninho, e foge aos pulos e rabanadas para que a vespa não o pique. O mel que essa vespa produz é bastante agradável e para colhê-lo é fácil: basta sacudir, com uma longa taquara, por exemplo, o galho ou planta em que está a colméia, pois as vespas saem tôdas, abandonando o favo por completo. Duas ou três toçadas são suficientes para que elas desapareçam. Pode-se, então, colher calmamente, e sem perigo, o mel. — É o que faz o lagarto: dá duas ou três rabanadas na planta ou no favo e foge. De longe, cuida. Quando as vespas desaparecem tôdas, vai, com muita calma, sugar o nectar. — Dizem que êle também meia nos cortiços da "iramirim" ou simplesmente "mirim" que faz sua colméia em buracos, no chão. Essa "iramirim" fornece mel de ótima qualidade, mas só é conhecida na região missioneira do Rio Grande do Sul. — Aplica-se a comparação — "brabo que nem lagarto melando" — ao animal ou homem que se finge valente, que ameaça céus e terras mas nada faz, ou a quem se finge de brabo para aproveitar-se da situação...

TIRAR CAMOATIM SEM PONCHO — Camoatim é a vespa "*Polybia scutillaria*" que faz sua abelheira ou cortiço no beiral dos telhados. A ferroadada é dolorosa. Essa vespa não raro persegue a quem lhe toca no cortiço. O mel nada vale. Mas as abelheiras são retiradas porque a vespa, sobretudo no verão, é sempre violenta. Tira-se com fogo, à noite, quando tôdas estão juntas. — Tirar camoatim sem poncho — é ser fatalmente ferroadado pelas vespas. — Diz-se de quem passa trabalho na vida, e também de quem faz tolice e se atrapalha, por isso. — Imprudência...

FURADO QUE NEM CASCA DE MELANCIA EM GALINHEIRO — Diz-se de roupa rasgada, com furos; pala ou poncho furado por balas ou traças, etc. — Pessoa bixigosa (que tem muita marca de varíola). — Também, figuradamente, se emprega para designar o indivíduo de vida muito irregular ou suja: Tem a alma furada que nem casca de melancia em galinheiro.

FEIO QUE NEM RODADA DE CUSCO EM LANÇANTE — (Rodada: queda; — cusco: cachorro ordinário; lançante: ladeira,

rampa ingreme na encosta de cerro ou coxilha, especialmente). — Variante: “Feio como rodada de cusco rabão em ladeira (esta variante foi colhida entre alunos do Curso de Formação de Oficiais da Brigada Militar do Estado). — Cão que roda em lançante, sai rolando como bola. — Aplica-se às cousas que prometem máus resultados: aquilo vai ser feio que nem rodada de cusco em lançante.

FIRME QUE NEM MOIRÃO EM CANTO DE MANGUEIRA — O moirão de canto é sempre bem cravado e, além disso, escorado. — Diz-se de pessoas de caráter, de vontade firme e decidida. — Também de cousas bem feitas ou difíceis de ruir.

MAGRO QUE NEM CUSCO DE CARRETEIRO — O cão de carreteiro é magro porque ao carreteiro falta o essencial pro gaúcho, em geral: a carne para churrasco. O carreteiro come quase que exclusivamente feijão e arroz com charque (arroz de carreteiro). Além disso, caminha muito. — Diz-se de pessoa ou animal fraco, ou excessivamente magro. Também de festa sem fartura, ou festa magra.

ABICHORNADO QUE NEM VIUVO QUE SE DEU BEM EM CASADO — (Abichornado: triste, abatido). — Diz-se das pessoas ou animais de aspecto tristonho; de pessoas de pouca conversa e que não denotam interesse por nada.

QUENTE QUE NEM FRIGIDEIRA (ou panela) SEM CABO — Diz-se, de modo geral, de tudo que aborrece, como o calor excessivo, por exemplo: o dia estava quente que nem frigideira sem cabo. — De discussões acaloradas; de festas ou carreiras com brigas. — Também no sentido exato quando, por exemplo, alguém agarra algo muito quente e se queima.

ATIRADO QUE NEM REBENQUE DE VELHO — ou — **ATIRADO QUE NEM REBENQUE VELHO** — No primeiro caso: Pessoa muito velha já dificilmente monta: o rebenque, portanto, fica atirado, inútil. — No segundo caso, por estar o rebenque estragado. — Diz-se de cousas ou pessoas abandonadas.

SER COMO ALPARGATA DE GRINGO QUE NÃO TEM LADO E SERVE PRA QUALQUER PÉ — Não ter caráter. — É frase muito usada para mencionar políticos, ou pessoas que mudam de partido ou não sabem o que querem ou pretendem.

SER COMO BOI DE POBRE QUE SERVE DE QUALQUER LADO E TEM MARCA DE REGEIRA NAS DUAS ORELHAS — O pobre que somente tem dois bois, ajouja-os indistintamente à direita ou à esquerda... — Tem o mesmo emprego da frase anterior. Parecidos, entretanto, mais expressiva e contundente...

SEM VERGONHA COMO PETIÇÃO DE GURI — (Variante colhida no Centro de Formação de Oficiais da Brigada Militar: Safado que nem petição de guri) — Petição: cavalo pequeno, anão, geralmente domado e amestrado para uso de crianças. Tais petições criam baldas e só obedecem ao dono, ou tornam-se tão mansos que até em casa

são capazes de entrar e, mesmo apanhando, não recuam. — Diz-se de pessoa introneteada, de maus hábitos ou de maus costumes.

GORDUCHO QUE NEM BECHIGA DE GRAXA — Diz-se de pessoa ou animal excessivamente gordo. — Bexiga de graxa: era a bexiga, outrora, depois de sêca, e limpa, o recipiente da graxa bovina para exportação ou venda nos armazens e bolichos.

SALTANDO QUE NEM PIPOCA EM FRIGIDEIRA — Diz-se da pessoa que costuma fugir de tudo e que para tudo tem desculpa. — Também se emprega para destacar animal, em especial cavalo, bom saltador, ou ainda para dar idéia dos saltos de cavalo em doma.

FAZER MAIS FÔRÇA DO QUE VACA ATOLADA — Diz-se de pessoa que se esforça por alguma cousa ou para algo conseguir ou ou para de algo se livrar. — Um doente, por exemplo, dirá: Fiz mais força que vaca atolada pra me livrar da cama.

BOTAR A COLA NO LOMBO — Disparar, fugir. — O cavalo, quando foge, levanta a cola de tal forma que parece tê-la sôbre o lombo. Dai a comparação.

REFUGAR A PORTEIRA — Esquivar-se, desistir de algo depois de comprometido. — Diz-se também de pessoa desconfiada, que duvida de tudo, e de pessoas que falham à última hora. — O animal que refuga a porteira é o que, levado até ela, não entra e procura evadir-se por todos os meios.

CAIDO QUE NEM ORELHA DE PERDIGUEIRO — Diz-se tanto de pessoa aleijada, como de bêbado, como de inclinação amorosa.

LOUCO QUE NEM GALINHA AGARRADA PELO RABO — Galinha agarrada pelo rabo, salta e grita horripelantemente. — Diz-se de pessoa espinoteada, sem juízo ou leviana demais.

CHEIROSO QUE NEM ZORRILHO — (Zorrilho: Mephitis suffocans Liche). — Referência ao mau cheiro que êsse quadrúpede expele. — Tem sentido pejorativo e aplica-se a seres e cousas de aroma desagradável.

COLA FINA — Os cavalos de trato, cavalos de cocheira, cuidados com carinhos especiais, como os de prado, por exemplo, ou do andar de elegantes citadinos, têm, por isso, a cola fina, lisa, lustrosa. — Essa a razão pela qual o gaúcho denomina de “cola fina” o homem da cidade, ou o que não entende da vida de campo.

MAIS DOCE QUE MACAXIM — Expressão ouvida em Bagé, e assim explicada pelo Dr. Felix Contreiras Rodrigues: — “Macaxim é o nome que dão à batatinha do trevo branco, silvestre. É sumamente adocicada. Êste trevo e mais o rosa, quando superabundam, indicam inverno frio e úmido (chuvoso). Quando superabunda o de côr amarela, significa inverno frio e sêco, com geadas. — Esta explicação foi confirmada por diversas pessoas da região.

BATER QUE NEM SINCERRO EM PESCOÇO DE ÉGUA MA-

DRINHA — A égua madrinha sempre leva uma sineta ao pescoço, de modo que, caminhando ou pastando, ela sempre bate. — Diz-se das pessoas insistentes, dos ruidos contínuos e inoportunos, e substitui o que em linguagem mais elevada se exprime com o termo — “martelar”, “martelar em...”

CURTO QUE NEM ALEGRIA DE POBRE — É o contrário daquêle — “cumprido que nem esperança de pobre”... — Alegria de pobre, dizem, não dura. Por isso, quando alguma coisa boa tem pequena duração, é curta como alegria de pobre... — Alegria em casa de pobre dura pouco...

SER MAIS CONHECIDO QUE ÁZ DE BARALHO (de bolicho) — O áz dos baralhos de jogo, nos galpões, bolichos e armazéns do interior, de tão sovados, é sempre conhecido porque marcado e re-marcado de tódo o jeito. — Aplica-se às pessoas cujos vícios são conhecidos. Também aos animais. E ainda a pessoas populares na região.

Bueno, amigos. Me vou que já se faz tarde. Muito agradecido por tudo e até outra vista, se Deus quizer.

Coisas do Folclore Sul-Riograndense

por **Horácio Paz**

PERGUNTAS

- 1 — O que é que é ?
— Campo branco, (papel)
gado preto, (letras)
cinco bois (os dedos)
e uma chaveta. (caneta)
- 2 — O que é que é ?
— Campo grande, (O céu)
gado miudo, (as estrelas)
moça formosa (a Lua)
e homem carrancudo. (o Sol)
- 3 — O que é que é ?
— Empresta-me o seu aceso
pra acender meu apagado;
depois, do meu aceso,
ficarei muito obrigado. (O cigarro)

- 4 — O que é que é?
— Preta por fora,
vermelha por dentro,
alça a perna
e bota dentro. (As botas)
- 5 — O que é que é?
— Nasci da verde rama
pra servir uma madama,
comendo comidas finas,
muitas vêzes regalada,
mas presto um juramento
que ainda nunca comi
nada. (A mēsa)
- 6 — O que é que é?
— O que é que nasce branco,
preto fica por natureza,
a morte lhe dá alegria
e a vida dá tristeza. (O corvo)
- 7 — O que é que é?
— Me chamam de Ana
e Ana não é;
moro em touceiras
e cana não é. (Ananás)
- 8 — O que é que é?
— Na água nasci,
na água me criei;
se nágua me botarem
nágua morrerei. (O sal)
- 9 — O que é que é?
— A Mãe é verde,
a Filha é incarnada,
a Mãe é mansa,
a Filha é danada. (A Pimenta)
- 10 — O que é que é?
— Verde foi meu nascimento
mas de luto me cobri,
para dar gôsto ao mundo
pelos ares me sumi. (Fumo-cigarro)

- 11 — O que é que é ?
— Vamos, minha menina,
fazer o que Deus mandou: (menina dos olhos)
Junta pêlo com pêlo... (as pálpebras)
Menina dentro ficou. (Dormir)
- 12 — O que é que é ?
— Tem dente mas não tem
boca,
tem cabeça e não tem pés,
tem barba mas não tem
queixo :
— êste bicho é monta-
nhês. (O Alho)
- 13 — O que é que é ?
— O que é que é uma caixi-
nha
de muito bom parecer,
mas que não há carpini-
teiro
que a possa assim fazer. (Amendoim)
- 14 — O que é que é ?
— Ponchinho de bichará,
pescocinho de violão ;
salsejo à meia perna
e olhinhos de botão. (Avestruz)
- 15 — O que é que é ?
— Dois peludos, (Dois bois)
um pelado, (o arado)
e um que calca no rabo. (o lavrador)
- 16 — O que é que é ?
— Que faz o homem baixar
as calças
e a mulher levantar o
vestido. (Sal amargo)
- 17 — Que é que dá um pulo
e vira do avêso. (A pipoca)



A PASSAGEM PELO VIME

Manuel Greaves.

Era uma velha crença popular, hoje em desuso em ilhas dêste Açôres, passar, através dum vime em arco, uma criança que apresentasse sinal de rendedura (hérnea), o que às vezes acontece nas crianças.

São necessários para a cerimônia um João e uma Maria, virgens, afim-de a operação obter resultado seguro. Depois, pega-se num vime e faz-se dele um arco, ligando os extremos com um cordel, e corta-se a pele do vime pelo interior, de modo a ficar a face branca.

Duas pessoas mantêm o arco na mão, enquanto João e Maria se colocam a cada lado dêle. Então, a mãe da criança entrega-a à Maria. Esta, passando-a a João através do arco, diz:

— João, em nome de S. João, pega o menino quebrado e dá-me são...

E João, tomando a criança, passa-a depois à Maria, dizendo:

— Maria, em nome de S. João, pega o menino que veio quebrado e já vai são...

Por isso, um dia, aconteceu que um comerciante das Flores, pro-

prietário e de negócios sólidos, tendo sofrido uma pequena quebra de dinheiro, dirigiu-se a um amigo:

— Ó Fulano, estou quebrado!

— Oh! diz que quebrado... Eu já passei, quando novo, uma criança pelo vime... mas, tu, amigo, estás mui gordo!

E estava mesmo.

Tradições e Costumes Terceirenses

O Homem do Guião

L. Machado Drumond

Aqueles que, pela primeira vez, viram a luz do dia neste último quarto de século, já não conheceram os costumes em que foram embalados os pais.

O modernismo da época atual, essa poeira incolor que tenta subverter tudo e todos, talvez na esperança de impedir os novos de estabelecerem um confronto das suas qualidades com as que tinham os seus antepassados, tem-se encarregado de modificar as características morais e espirituais da gente rustica.

Quem se der ao trabalho de fazer um estudo comparativo entre os hábitos praticados pelos nossos pais e avós e os da época atual, encontrará diferenças bastante profundas.

O resultado desse exame será favorável aos nossos antepassados, pois, encontraremos neles mais educação, mais delicadeza e melhor carácter, qualidades essas que, infelizmente, se vão obliterando cada vez mais.

Há uns quarenta a cinquenta anos, o povo terceirense tinha costumes bons e maus, tal como ainda hoje sucede. Porém, não podemos deixar de afirmar que a maldade não andava tanto à tona de água como agora. Analizando os seus hábitos, constatamos neles mais moral e mais simplicidade.

Ainda no princípio do atual século, quando se realizava, em qualquer das freguesias rurais desta ilha, a procissão do Senhor dos Passos, havia um fato que prendia as atenções de quase todo o povo da localidade e arredores — Era a condução do enorme guião que abria o cortejo.

Não era qualquer pessoa que se encarregava de levar tão pesada insígnia. A sua escolha constituía uma das prerrogativas da Mesa da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, instituição esta que existia em quase todas as freguesias da ilha.

Normalmente, num dos domingos anteriores, reunia-se aquela Mesa, a fim de designar os irmãos que deveriam conduzir o andor do Senhor dos Passos e os que se encarregariam de enfeitar os Passos — pequenos nichos construídos nas ruas do trajeto, nos quais se colocava uma estampa alusiva ao percurso de Cristo para o Calvário.

Era nesta reunião que se nomeava, por sorteio, dentre dez ou doze dos irmãos mais fortes, aquele que teria o difícil encargo de conduzir o guião.

Recebida a nomeação, o sorteado dirigia-se à igreja paroquial na tarde do sábado anterior à procissão, acompanhado de alguns parentes e amigos íntimos, a fim de experimentar as suas forças e exercitar-se.

Nesta experiência, era habitual elevar o guião e dar algumas voltas ao templo, baixando e elevando aquela insígnia para poder passar através dos arcos que separavam as naves.

Este pequeno ensaio, embora decorresse bem, não conseguia desfazer as apreensões de toda a família, pois, o guião e a respectiva vara tinham um tamanho tão exagerado que causavam receio a muita gente boa.

No **Domingo de Passos**, o nosso homem ao dirigir-se à igreja, com o seu hábito de pano da terra e os enormes sapatos feitos alguns anos antes pelo sapateiro da localidade, despedia-se de todas as pessoas da família e dos vizinhos que, num forte aperto de mão, lhe desejavam muita sorte na difícil empresa.

À hora marcada para a saída da procissão, aparecia à porta do templo o enorme guião, que era conduzido pelos extremos das varas por três irmãos terceiros.

Chegados ao largo fronteiro à igreja, os que deviam conduzir os cordões colocavam-se nos seus lugares, dois atrás e dois adiante, e o encarregado de levar aquela insígnia, traçando a capa do hábito por

cima do ombro, pegava na vara do guião e arvorava-o com toda a sua força até à vertical.

Em seguida, um irmão terceiro, que fazia de ajudante, pegava na vara e assentava-a no chão, enquanto os outros esticavam os cordões a fim de manterem a estabilidade.

Tanto o ajudante como os que seguravam os cordões eram escolhidos entre os parentes ou amigos daquele que conduzia o guião e por isso, não admira o facto de, quando este último era mais fraco, os da retaguarda puxarem os cordões para o ajudarem.

Esta cerimónia era presenciada por muita gente que perdia a última parte do sermão só para ir admirar o jeito e a força do valentão que, algumas vezes, sob a ação de uma excitação nervosa, tremia como varas verdes.

Atravessar as ruas de uma localidade com um guião de dimensões exageradas, não é empresa fácil, especialmente quando o vento sopra com uma certa velocidade.

Por isso, não admira que na histórica Vila de S. Sebastião da Ilha Terceira fôsse habitual, há uns quarenta anos, convidar para dirigir a condução daquela insignia, na procissão do **Senhor dos Passos**, um velho pescador da vizinha freguesia do Porto Judeu, chamado José Tomás, o **Barba Vermelha**, homem conhecedor dos ventos e experimentado na manobra dos barcos à vela.

O José Tomás, que praticava este serviço gratuitamente aceitava o encargo com agrado.

Na citada Vila, além dos elementos do clero, unicamente tomavam parte na procissão do Senhor dos Passos os membros da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, os quais, formando duas enormes colunas, imprimiam ao cortejo uma grande imponência, pois, com os seus hábitos negros, de **pano da terra**, faziam lembrar autênticos frades (1).

Logo que as duas filas de irmãos terceiros chegavam ao largo fronteiro à igreja, o ajudante elevava o guião e entregava-o ao que o devia conduzir, o qual iniciava a marcha através das ruas da Vila, atendendo mais às recomendações do **Barba Vermelha** do que à boa ordem da procissão, da qual se desligava por vezes.

De vez em quando, o grupo fazia uma paragem a fim de aguardar o restante cortejo e também para o homem do guião poder limpar as grossas bagas de suor que lhe corriam pelo rosto.

As pessoas da família do nosso homem ao verem desfilar pela sua frente a imagem do Senhor dos Passos, imploravam chorosas a proteção divina para que o filho, o irmão ou o marido se saísse bem daquela espinhosa missão:

— **Senhor dos Passos, dai sorte ao meu filho!**

(1) — Chegavam a incorporar-se mais de trezentos irmãos terceiros.

As vêzes, faziam-se promessas pelo bom êxito de tal empresa. Uma delas consistia em fazer todo o percurso da procissão debaixo do andor, a qual se cumpria com o tradicional manto, que os costumes modernos já fizeram desaparecer das freguesias rurais terceirenses e até da cidade.

Quando acabava de recolher a procissão, aquele que tinha conduzido o guião recebia à porta da igreja as felicitações dos parentes e dos amigos, que não poupavam os abraços e os apertos de mão, em sinal de regozijo pelo bom êxito obtido.

Alguns faziam os seus comentários sôbre o modo como êle se tinha portado durante o trajeto.

— Ó José, aquilo que tal foi? Tu ias pálido...

— Não, vocês pensam q'aquilo é algum brinquedo!

— Tu, ali no Passo, enquietaste-te p'ro aguentar!

— Ora não! E cria ver o que é que tu fazias!

E os curiosos acercavam-se do grupo para ouvirem os comentários.

O Domingo de Passos era dia de festa em casa do homem que tinha levado o guião.

Logo que êle chegava a casa, lá estavam os parentes, os vizinhos e os amigos para o cumprimentarem, repetindo-se a cena dos abraços e dos apertos de mão.

Era usual apresentar aos visitantes os típicos biscoitos de massa sovada, que nesta festa tinham a forma de losango, inhames cozidos e vinho de cheiro.

Estas visitas duravam cêrca de duas horas, impedindo, assim, o nosso herói de descalçar os malfadados sapatos que, não contentes de lhe terem martirizado os pés, tinham feito tanto barulho através o piso irregular das ruas da Vila que até se ouviam a uma distância de cem metros.

Pudera! Se eles apenas saíam à rua três ou quatro vêzes no ano!...

* * *

Há uns quarenta anos, a mesa da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, daquela Vila de S. Sebastião, tendo procedido ao competente sorteio, nomeou para conduzir o guião do Senhor dos Passos, o Francisco Pereira Leal, um dos valentes da localidade.

O sorteado, apesar de homem forte e esperto, recebeu a incom-bência com certo alvoroço.

Para não fazer má figura, o Leal procurou alimentar-se bem e, segundo afirmam as más línguas, durante a semana que precedeu o Domingo de Passos, êle comeu um alqueire de milho torrado em grão.

À hora da saída da procissão, o nosso homem chegou ao largo fronteiro à igreja rodeado pelos seus parentes e, como de costume, o José Tomás, do Porto Judeu, apresentou-se para dirigir a manobra.

Porém, o sogro do Leal, Luíz Paim da Câmara, homem presunçoso,

julgou-se apoucado com a oferta e disse-lhe que dispensava os seus serviços, acrescentando :

— Aqui na Vila ainda há homens para dirigirem o guião !

Afastou-se o **Barba Vermelha**, sem contudo perder de vista o grupo de homens que levavam aquela insígnia.

Arvorado o guião, sem grandes dificuldades, seguiu o Leal pela Rua Direita abaixo, acompanhado de perto pelo sogro que ia dirigindo aquela parte do cortejo.

Ao chegarem à esquina da Rua da Fonte, a falta de casas permitiu que o vento soprasse mais forte e impelisse o guião para o lado.

Prevendo um acidente grave, o Luíz Paim, que nenhuma prática tinha daquele serviço, gritou aos que levavam os cordões para que agentassem o guião.

Porém, todos eles começaram a puxar ao mesmo tempo, de modo que o pobre do Leal passou pelo desgosto de ver o guião a roçar por sôbre uma pequena casa fronteira à Rua da Fonte.

Convencido da sua inaptidão para dirigir tão difícil manobra, o Luís Paim achou melhor pedir o auxílio do **Barba Vermelha**, que, com alguma satisfação, tinha presenciado o desaire por que passara o Leal.

A soberba tem, às vêzes, destes castigos !

Ilha Terceira, (AÇORES), Dezembro de 1955.

O CONTO ANGOLANO

Oscar Ribas

Membro titular da Sociedade Brasileira
de Folk-lore.

O Conto Angolano, ao invés do que muita gente supõe, não constitui uma produção morta, sem beleza imaginativa. Não. O conto angolano — fábula ou fantasia — representa uma bela concepção de engenho.

Na fábula, onde os animais procedem como homens, existe vivacidade, graça, uma imagem da vida. Como autênticos senhores — circunstância que não acontece nos contos europeus, as personagens figuram em ambiente de respeitabilidade ou afabilidade.

Conforme as regiões, assim sua dignidade se envolve dum tratamento. E este, por vezes, obedecendo à gerarquia da corpulência. É o senhor Leão ou o respeitável (1) Elefante, avó Pacassa ou tia Onça, amigo Macaco, amigo Coelho.

Nos contos de fantasia, o poder inventivo aumenta de colorido. Contos há que semelham os das "Mil e Uma Noites".

Dirão os incrédulos, ou antes, os negadores da capacidade inte-

(1) — Kota.

lectual do Negro: "Isso é o resultado ou sobrevivências da primitiva ocupação portuguesa".

A esses detractores, responderemos: sobrevivências, sim, mas duma civilização perdida no abismo do tempo. Sobre a cultura negra, cujos alicerces estão sendo escavados mais activamente, muito nos revelarão os próximos anos.

Do que verificámos, os contos negros trescalam a árabe. No nosso livro "Missosso", brevemente a vir a lume, oferecemos bastante matéria sobre o assunto. Nele apresentamos alguns contos com ares das "Mil e Uma Noites": sucessão de histórias dentro da mesma história; bailado da morte, intenso brilho da ação.

No conto angolano, a assistência participa da narrativa, o que redobra o interesse da escuta. E como participa ela? Nas cantorias. É que, ordinariamente, o canto entra nessas narrações: em certos passos, pergunta-se cantando, responde-se cantando. A poesia também ocupa lugar importante.

Com semelhante movimentação, como não se tornarão mais encantadores os contos angolanos? Já por si atraentes, hão de forçosamente despertar maior entusiasmo. Portanto, o conto angolano encerra magnetismo — a fôrça viva da beleza.

O poder electrizante não fica por aqui. Em determinados contos, até se dança. Até se dança — repetimos. Dança o contador, dança o ouvinte.

O início e o fecho não se fazem abruptamente. Existem frases pragmáticas. Assim, na abertura: "Digam o nome da história (2)". E a assembléia determina: "Venha uma qualquer!! (3)". No encerramento, diz-se: "Já pus a minha história. Se é bonita, se é feia, vocês é que sabem". Quando a história é pequena, finaliza-se: "Uma criança não põe uma história comprida, senão nasce-lhe um rabo!".

Na ação, entram os mais variados figurantes: homens, animais, sereias e monstros. Monstros de só metade do corpo, isto é, com um só olho, uma orelha, um braço, uma perna, etc. — camucala. Monstros de enorme cabeça, a qual, por decepamento, logo se reproduz, embora limitadamente — diquixi. Monstros com o corpo de fera, mas pés humanos — quinzári. Seres encantados, com jimbambas (4) na testa. E até a célebre varinha mágica, muito da inventiva negra, conforme já expusemos num comentário inserto num jornal de Angola.

Os contos não se narram de dia. Ao contador — alegam — nasce um rabo. É ao serão, ao luar ou em redor duma fogueira, que os contam. Compreende-se: de dia, prejudicaria o trabalho. E onde ganham intensidade, é nas reuniões dos óbitos. As multas em

(2) — Tênu-dlu.

(3) — Dize.

(4) — Busio pequenino.

dinheiro ou alimentos, a quem se rir ou coxilar, constituem um dos atrativos das petisqueiras, ressaltando, no fundo, o respeito por quem fala. Então, que trejeitos do contador ou dançador!

*
* *
*

O NATAL EM ANGOLA

Que grande dia, o Natal! Início de uma era fraterna, vibra nas almas em resplandecências de amor. No mundo cristão, como que por milagre, cada peito se transforma em altar, na cordialidade se fundem os sentimentos. E uma doce alegria, filha do sofrimento de outrora, em nome de Jesus, os homens irmana.

Natal! Só seu nome, que poesia! No magnetismo do amor, as famílias se juntam, em melhor compreensão os homens se aproximam. E consolidando o pensamento, forma-se uma corrente de preces: os votos de "Festas Felizes".

Angola, como parte do orbe messiânico, também vive a grandeza espiritual desta data. Um mês antes, e até mais, as lojas, pela profusão de brinquedos, constituem a tentação das crianças. Então é ver algumas mamãs, ao quererem sair dum estabelecimento, sentirem-se atrapalhadas perante a choradeira do petiz, que teima em levar um brinquedo que ela não pode comprar. E nessa irritação, vai ele pela rua. Mas esses divertimentos, cada ano mais sedutores pelas novidades, vão-se sumindo na razão inversa da aproximação do glorioso dia.

Para que a infância desprotegida não deixe de receber a bênção da alegria, vários organismos, de que especializamos o jornal "Diário de Luanda", angariam brinquedos para distribuição grátis. Há uns quinze anos, e isso durante umas três vezes, essa festazinha revestia-se de eletrizante regozijo; em determinado lugar, organizavava-se um cortejo predominantemente infantil, o qual, comandado por "Papá Noel", rompia em coro para o recinto da distribuição.

No dia 24, a azáfama redobra pelas ruas. Homens e senhoras, de embrulhos nas mãos, ultimam as suas aquisições. Caminham satisfeitos. No ar, já se sente o oloroso cheiro dos tradicionais fritos. Entretanto as "Boas Festas" — brindes de vária ordem, geralmente bebidas — continuam ser expedidas pelas casas comerciais.

Que satisfação para os contemplados! E tal é o hábito, que muitos fazem as suas compras depois da oferta, a fim de não adquirirem o que já possuem. Demais, os estabelecimentos encerram as portas à meia noite. Convém notar que esses presentes constituem, na maioria dos casos, a produção dos votos de felicidade. Para boa colheita, tal manifestação de fraternidade chega a semelhar um autêntico bombardeamento.

À missa do galo, acorre gente. De regresso às casas, grupos indígenas entoam cânticos. A noite enche-se de beleza...

Ave, Ave,
Ave-Maria!...

Em muitos lares, ceia-se à farta. Não falta a canja de galinha, nem o cozido de bacalhau. Quebram-se nozes e amêndoas, estoiram garrafas de espumoso. Nalgumas, figura a vistosa arvorezinha — o enlevo da criançada.

Na mesma participação, punhados de indígenas divertem-se cantando e dançando nos seus batuques. Por cotização, também têm a sua ceia. Por toda a parte, o vinho não descansa.

Em certas localidades do interior, os Naturais passam a noite em permanente cantoria, quer em hinos sagrados, quer em canções do seu folclore. Para estes, só o vinho basta. As tabernas não têm mãos a medir.

Na manhã seguinte, que delírio para a petizada! O brinquedo sonhado ou solicitado em bilhete ao Menino-Jesus, lá está no sapattinho! É a bola, é a boneca, é a corneta, é o carrinho... E os papás, num gozo espiritual, igualmente se sentem felizes por aqueles momentos.

Os templos enchem-se. Os fiés apresentam-se com os seus melhores fatos. No presépio rodeado de animais, o Deus-Menino repousa nas palhinhas. No final da solenidade, em respeitosa peregrinação, cada assistente Lhe depõe no pézinho o seu ósculo de homenagem.

Enquanto na metrópole se abatem perus, aqui a vítima é o leitão e o cabrito. O indígena também melhora a sua refeição com uma "funjada" de carne de vaca, isto é, guisado de carne com a acompanhamento de massa cozida de farinha de mandioca fermentada.

Grande dia, o Natal! Na mesma comunhão, todos, embora diversamente, o festejam condignamente.

Música Tradicional Argentina

La zamba de Vargas (*)

Por Fermin Alfredo Anzaiaz

El 10 de abril de 1867, en Pozo de Vargas, lugar situado al norte de la plaza principal de la ciudad de La Rioja, se enfrentó el ejército nacional con el de las "montoneras". Antonino Taboada y Felipe Varela han dejado un recuerdo imperecedero de aquella extraordinaria lucha civil. Es, en verdade, una de las battallas más singulares que se hayan registrado en el noroeste argentino, no solamente por los contendores, sino por el contenido intrínseco de la misma, pues de ella dependia el destino de un pedazo de tierra argentina que estaba bajo la férula de las huestes que capitaneaba Varela.

El combate de Pozo de Vargas es un acontecimiento histórico

(*) Los lectores que deseen estudiar el aspecto histórico del combate de Pozo de Vargas — ya que el presente ensayo es de carácter absolutamente folklórico, — pueden consultar los libros y artículos periodísticos, que por su importancia nos permitimos mencionar al final en una "bibliografía general".

que, dentro de las acciones de nuestra epopeya patria, se vincula directa y hondamente a la provincia de La Rioja, pues en el mismo tuvieron activa participación personalidades de arraigo en la sociedad, en defensa del honor de su pueblo, amenazado constantemente por las acciones guerreras de las "montoneras".

La información que hasta ahora nos han suministrado los historiadores da cuenta de este acontecimiento diciendo que se vivía en un estado tal de anarquía y desorientación que las familias que habitaban la Ciudad de Todos los Santos de la Nueva Rioja, se guarecían en las iglesias, para salvarse de las extralimitaciones del caudillismo prepotente. Con el propósito de evitar estas humillaciones, el general D. Bartolomé Mitre dispuso que el Ejército del Norte, que estaba bajo el mando del general Antonino Taboada, se trasladase de Santiago del Estero a La Rioja para reducir a las fuerzas anárquicas que capitaneaba el coronel José Felipe Varela.

* * *

El 9 de abril, Varela y sus tropas llegaron de a pie a Mesillas, lugar distante veinte kilómetros de la ciudad de La Rioja. El día 10 se trasladó con su "montonera" a Pozo de Vargas, donde debía medirse con el ejército enviado por Mitre. En este lugar es donde el general Taboada emplazó sus tropas para desbaratar los proyectos de la "montonera" de apropiarse de la ciudad.

Primeramente, Varela en una nota amenazante le hacía ver al general Taboada, la "conveniencia" de que abandonara la capital riojana para evitar que la sociedad fuera víctima de los horrores de la guerra.

Anticipándose Varela a la rotunda negativa de Taboada, en la misma carta le indicaba un lugar de las afueras de la ciudad, donde debía realizarse la lucha por la posesión de La Rioja.

El ejército de Taboada estaba compuesto por más o menos dos mil hombres, y el de Varela por cuatro mil.

Justamente el 10 de abril de 1867, a mediodía, cuando un bochorno abrasador ahogaba a las tropas de ambos ejércitos, se libraba la batalla más singular y cruenta en el lugar denominado Pozo de Vargas, donde fué derrotado Varela. El campo quedó sembrado de muertos, armas y otros pettrechos, así como de banderas y estandartes de las huestes anárquicas. Las armas y demás "implementos" útiles recogió el ejército nacional, llevándose las posteriormente a Santiago del Estero como verdaderos trofeos.

Derrotado y disperso por completo, el resto del ejército rebelde se retiró hacia el norte de la provincia llevando consigo una bandera con listas coloradas, la que tenía la siguiente inscripción:

Defendemos la ley jurada.

Son traidores los que la combatan.

! Mueran los traidores !

En una carta de D. Manuel Taboada también se hace mención a otra bandera, en la que se había escrito:

! Federación o muerte !
! Viva la Unión Americana !
! Viva el ilustre capitán Urquiza !
! Abajo los negreros traidores a la Patria !

El triunfo del Ejército del Norte satisfizo a la mayoría de los riojanos, ya que recién entonces sus familiares, que permanecían ocultos en las iglesias, pudieron salir de sus interiores.

Despejado todo peligro de subversión, el general Taboada dispuso que su ejército se retirara a las inmediaciones de la ciudad, a fin de que se eligiera gobernador. El resultado de la elección favoreció a D. Cesáreo Dávila, que fué ungido primer mandatario de la provincia de La Rioja con todas las "atribuciones constitucionales".

Conocida esta novedad, el general de las fuerzas nacionales, con fecha 3 de mayo de 1867 dirigió una nota al nuevo gobernador, en la que le decía, entre otras cosas: "Me complazco altamente de que el pueblo riojano, levantándose de su postración, haya entrado a su regeneración política principiando por hacer práctica su libertad a la altura de los pueblos soberanos; mis esperanzas por su felicidad es ya una realidad, desde que los riojanos, animados de verdadero patriotismo, han concurrido en comunidad con su particular cooperación para elevar a la primera magistratura de su país al ciudadano que mayor confianza y mejores esperanzas les supo inspirar".

Asegurada la tranquilidad en todo el territorio riojano, el jefe del Ejército del Norte dispuso que sus tropas regresaran a su provincia natal, Santiago del Estero, pues ya era innecesaria la permanencia de éstas en suelo riojano, dado que todo se hallaba en absoluta calma.

Antes de hacer abandono del lugar donde se verificó el histórico combate, del que salió airoso el ejército enviado por Mitre, el general Taboada dirigió esta proclama:

"RIOJANOS: Pronto a terminar la misión que me condujo a vuestra provincia, cumplo mi deber declarando en paz y libertad al pueblo riojano; réstame únicamente resignar el mandato de la autoridad nacional para restituir a las provincias de Tucumán y Santiago del Estero las fuerzas nacionales que se me confiaron.

"La victoria de Vargas ha afianzado vuestra tranquilidad y los traidores que ayer humillaron el suelo riojano pisan hoy la co-dillera en fuga precipitada.

"Os halláis libres del bárbaro dominio y, desde luego, en pleno goce de vuestra soberanía, y para alejar de entre vosotros hasta aquella amigable influencia que pudieran ejercer mis subordinados,

me habéis visto retirar-los a una distancia de esta capital donde tendréis ocasión de observar su respeto a la autonomía del pueblo riojano.

"RIOJANOS: Gozad vuestra libertad y unidos sostenedla con vuestro propio brazo, como único tesoro de los pueblos soberanos. Os saluda vuestro compatriota y amigo. (Firmado): **ANTONINO TABOADA**".

Por su parte, el pueblo riojano, representado por su gobernador, hizo llegar un voto de "profunda gratitud" al general Antonino por la derrota que sus tropas infligieron a las de Varela.

El documento, que firmaron D. Cesáreo Dávila y caracterizados vecinos de la ciudad, dice textualmente:

"Los pueblos deben un voto de gratitud y un recuerdo de simpatía a los hombres que, como vos, general, tienen la gloria de haber roto sus cadenas, asegurando su bienestar, afianzando sus instituciones y abierto para sus compatriotas un horizonte de libertad.

"Los ciudadanos que suscribimos, interpretando fielmente los sentimientos que abriga la provincia de nuestro nacimiento, venimos, general, a pagar esa deuda que nuestro pueblo tiene para con su libertador, consignando aquí un voto de eterna gratitud y un testimonio de profundas simpatías al vencedor de Vargas, al soldado infatigable de los principios liberales que imperan en la República, al noble y valiente general D. Antonino Taboada.

"En esa lucha de cerca de medio siglo entre la civilización y la barbarie, entre la libertad y el despotismo, que con tanto encarnizamiento se disputaron el poder, vos, general, habéis revistado siempre entre los nobles defensores de la civilización y de la libertad de la República Argentina; y vuestra espada ha brillado victoriosa más de una vez en defensa de los principios que triunfaron definitivamente en Pavón, para bien de nuestra patria y para honor de la humanidad y de la justicia.

"En época no muy remota, cuando parecía otra vez dueño de los destinos del país el partido federal, que espantó al mundo con sus crímenes en la larga tiranía que hizo pesar sobre los pueblos argentinos, vos, general, también habéis peleado, casi solo, en el interior de la República a la cabeza de un pueblo valiente, por la bandera que abrazasteis con ardor desde niño, defendiendo en un ángulo de la República la causa de los pueblos, perdida ya en todo el interior. El resultado de esta lucha gloriosa para vos y para el benemérito pueblo de Santiago del Estero, os ha de honrar siempre, general, porque ella importa la valerosa resistencia de un pueblo contra los hombres funestos del pasado; y porque en esa lucha fermentaba la resolución salvadora que debía más tarde operarse en todos los pueblos del interior en pro de los mismos principios y de los mismos hombres que han triunfado en el glorioso combate de Vargas.

“Recibid, general, en premio de vuestros sacrificios, las bendiciones de un pueblo agradecido, que mira en vos a un noble libertador, como en los pueblos de Tucumán y Santiago del Estero las más firmes columnas del partido liberal de la República; recibid, también, general, las bendiciones y la gratitud de nuestras madres, de nuestras esposas e hijos, porque las habéis arrancado, a la par que a nosotros, de las garras de una chusma ebria de venganza y de una soldadesca embrutecida y licenciosa, que se preparaba para arrebatarnos el honor y la vida de nuestras familias.

“Al mismo tiempo os rogamos que conservéis esta leal y franca manifestación, como un testimonio de la justicia que hace un pueblo al valor, honradez y patriotismo del general D. Antonino Taboada, modesta pero noble recompensa que el desgraciado pueblo riojano ofrece a su libertador”.

* * *

En el combate de Pozo de Vargas algo extraordinario sucedió, según refieren la tradición y las crónicas de esa época. Cuando la derrota de las tropas de Taboada parecía inminente, el comandante Brizuela ordenó a la banda (la banda de música pertenecía a la tercera compañía de infantería de la provincia de Catamarca al mando del sargento mayor José Brizuela) que le acompañaba tocar una zamba, la que llevaba en sus notas una honda emotividad, que les dió suficiente vigor para proseguir con más furia la lucha contra las fuerzas de Varela.

Las tropas al oír la música de sus pagos, como electrizadas prorrumpieron en gritos, en vivas al general y muera al enemigo. Todos los soldados comenzaron a bailar, arremangándose el chiripá y tomando el fusil por el medio. Así lo refieren las crónicas de esa época.

Uno de los participantes activos del combate de Pozo de Vargas, D. Ambrosio Salvatierra, publicó el 10 de abril de 1906 un interesante relato en el diario **El Siglo**, de Santiago del Estero, referente a este hecho de armas.

El informante al ocuparse del combate que sostuvieron en Pozo de Vargas las fuerzas nacionales contra las “montoneras”, dice que “no tardó en oírse el primer cañonazo con que nos saludaba el ejército de Varela, y el general Taboada ordenó que el comandante Brizuela contestara con otro disparo de cañón,” pero como éste no tenía esa clase de arma, mandó que la banda de música tocara, y ésta hizo oír en seguida una zamba, llamada desde entonces **Zamba de Vargas**”.

Esta zamba se hizo famosa en todo el país. Su música (las versiones musicales que reproducimos en este trabajo, son las más difundidas en la Argentina) influyó poderosamente en el espíritu de los soldados de Taboada, dándoles suficientes fuerzas para recon-

quistar el terreno perdido y conseguir, de esta manera, la victoria definitiva con la que se consolidaba la tranquilidad ciudadana en La Rioja.

Desde esa época la "Zamba de Vargas" o "Zamba de Pozo de Vargas" encarnó profundamente en el corazón del pueblo argentino; su música y letra encierran lo más genuino de aquella frenética lucha civil que desalojó definitivamente el último vestigio de las "montoneras".

La "Zamba de Vargas" o "Zamba de Pozo de Vargas" paulatinamente fué dilatándose y sufriendo transformaciones, de las cuales salieron interesantes versiones anónimas. Algunas de las que incluimos en este ensayo pueden coincidir con otras ya publicadas en trabajos anteriores; pero si no llevan la fuente bibliográfica correspondiente, en cada caso, debe entenderse como que las mismas han sido recogidas por nosotros.

VERSIONES RECOGIDAS

1ª. VERSION RIOJANA

Esta es la cueca de Vargas
Y del campo del honor,
Que muera Varela,
Que viva el cura Campos
Con sus valientes;
Que vivan los vallistas
En el Pozo de Vargas.

Arbolito, arbolito
Naranjo Esquina,
El valiente Arredondo
Y el Seis de Linea.

Arredondo sí, el guerrero
Defensor de su bandera
Hoy se ve oprimido
En medio de sus compañeros.

A la carga, a la carga,
Dijo Taboada,
— Si esta guerra la pierdo
No cargo espada.

2ª. VERSION RIOJANA

Ciento cincuenta veces
Mi pensamiento,
Sale en busca de alivio
Y halla un tormento.

Y halla un tormento, sí,
Dijo Taboada,
— Si esta guerra la pierdo
No cargo espada.

No cargo espada, sí,
Pásate de alma,
De olivo en olivo
De rama en rama.
Y así es, y así es mi vida
Fiera y jodida.

3ª. VERSOIN RIOJANA (1)

Dicen que es muy alegre
La despedida,
Decile a quien te dijo
Que se despida.

(1) Versión recogida por Teófilo C. Mercado, en Famatina, provincia de La Rioja.

Que se despida, sí,
Dijo Taboada,
— Si esta guerra la pierdo
No cargo espada.

No cargo espada, sí,
Pozo de Vargas,
La despedida es corta
La ausencia es larga.

La ausencia es larga, sí,
Dijo Varela,
— Ya se van los norteños
La polvareda.

La polvareda, sí,
Agua y arena,
Donde no está mi negra
No hay cosa buena.

No hay cosa buena, sí,
Dale que dale,
Cuando más puñaladas
Más sangre sale.

Más sangre sale, sí,
Dijo Taboada,
— Les gané la partida
Del Pozo e Vargas.

Ciento cincuenta veces
Mi pensamiento
Sale en busca de alivio
Y halla un tormento.

Y halla un tormento, sí,
Truena y no llueve,
Así anda mi ñanita
Quiere y no quiere.

Quiere y no quiere, sí,
Dijo Varela,
— A la carga muchachos
Rompan trincheras.

Rompan trincheras, sí,
Dijo Guayama,
— La despedida es corta
La ausencia es larga.

La ausencia es larga, sí,
Dijo Cupido,
— Más vale andar ausente
Que aborrecido.

4ª. VERSION RIOJANA

Batallón de Varela
Pozo de Vargas
Formó sus escuadrones,
Manuel Taboada.

A la carga, a la carga,
Dijo Taboada,
— Si esta guerra pierdo
No cargo espada.

A la carga, a la carga,
Dijo Chumbita,
— Aquí no se me escapa
Niña bonita.

Al sentir esta zamba
Los santiagueños
Cosecharon laureles
Del entrevero.

A la carga, a la carga,
Dijo Elizondo,
— Por la calle de Vargas
De dos en fondo.

Batallón de Varela
Pozo de Vargas
La despedida es corta
La ausencia es larga.

5ª. VERSION RIOJANA (2)

Los santiagueños vienen
Campos de Vargas,
Tienen cañones y tienen
Las uñas largas.

Lanzas contra fusiles,
!Pobre Varela!
Pelean bien sus tropas
En la humareda.

Otra cosa sería
Con otras armas,
Ya no daría el frente
Manuel Taboada.

Que no basta el coraje
De los riojanos,
Armas les hacen falta,
!Vivan Los Llanos!

Si me muero, enterrame
Junto a tu cama,
Que me sirvan de luces
Tus ojos, mi alma.
Sí, ay, !ay, ay, ay!
Déjenme llorar.

Arriba de un olivo
Canta un zorrino,
Espuelitas de plata,
Poncho merino.
Sí, ay, !ay, ay, ay!
Déjenme llorar.

El amor de una rubia
Ausente vive;
No tiene más consuelo,
Sólo que silbe.
Sí, ay, !ay, ay, ay!
Déjenme llorar.

7ª. VERSION RIOJANA

6ª. VERSION RIOJANA (3)

En el barrio "Del Alto"
Un penitente,
Se robó una muchacha,
De quince a veinte.
Sí, ay, !ay, ay, ay!
Déjenme llorar.

La muchacha llorando,
Llorando decía;
— Este es el penitente,
Que yo quería.
Sí, ay, !ay, ay, ay!
Déjenme llorar.

Es la vida de amantes
Vida penosa
Algo dificultosa,
Pero dichosa.

Pero dichosa, sí,
Así decía
El bravo de Arredondo
Del Seis de Línea.

Del Seis de Línea, sí,
Firmes murallas,
Tu corazón y el mío
Formen batalla.

(2) Versión recogida por Julián Cáceres Freyre, en Los Llanos de La Rioja.

(3) Versión recogida por Héctor A. Barrionuevo, en Los región Oeste de la provincia de La Rioja.

Esta versión, aunque su letra no se refiere al combate de Pozo de Vargas, es muy difundida en la provincia de La Rioja, donde se la canta con la música de la Zamba de Vargas, de D. Andrés Chazarreta.

Formen batalla, sí,
Dijo Taboada.
— Que nosotros luchamos
Sin pedir nada.

Sin pedir nada, sí,
Dijo Guayama,
A la plaza muchachos
Que ya no hay nada.

8ª. VERSION RIOJANA (4)

Y ya marchamos de frente,
Con gran gusto y alegría.
Llegamos al Pozo i Vargas
Antes de tirar las "líneas".

Antes de tirar las "líneas".
Uu cañonazo largamos
.....
.....

— ! Soy el coronel Medina,
Jefe de la infantería... !
La bala barrió su tropa
Y toda la infantería.

— ! A la carga, dijo Arguello,
Militares advertidos... !
Cuando los quiso buscar,
Ya todos habían huído.

Le llegaron con el parte
Con orden que el jefe daba :
— "Si encuentran al enemigo,
No se rindiesen por nada".

9ª. VERSION RIOJANA (5)

Batallón de Varela,
Pozo de Vargas,
La despedida es corta
La ausencia es larga.

Batallón Cazadores
Dijo Paunero,
— Por derecha e izquierda
Rompan el fuego.

A la carga, a la carga,
Dijo Varela,
— Marchen los laguneros,
Faren bandera.

Batallón Cazadores,
Pozo de Vargas,
La despedida es corta
La ausencia es larga.

La ausencia es larga, sí,
Dijo Elizondo,
— Marchen los laguneros
De dos en fondo.

De dos en fondo, sí,
Dijo Chumbita,
— Ataquemos, ataquemos,
Pozo de Vargas.

10ª VERSION RIOJANA (6)

Batallón de Varela,
Pozo de Vargas,
La despedida es corta
La ausencia es larga.

-
- (4) Versión recogida por Juan Alfonso Carrizo, y reproducida en su libro **Cancionero popular de La Rioja** (Buenos Aires, 1942).
 - (5) Versión reproducida por Carlos Villafuerte, en su libro **El cantar de las provincias argentinas** (Buenos Aires, 1951). El referido autor la da como de origen riojano.
 - (6) Versión comunicada al autor por el educador Gerardo Garrott, de Punta de Los Llanos, provincia de La Rioja.

La ausencia es larga, sí,
Dijo Elizondo,
— Mire se van marchando
De dos en fondo.

De dos en fondo, sí,
Dijo Taboada,
— Si esta guerra la pierdo
No cargo espada.

1ª. VERSION CATAMARQUEÑA

Batallón de Varela,
Pozo de Vargas,
Aquí tiró su línea
Manuel Taboada.

A la carga, a la carga,
Dijo Elizondo,
— Batallón Colorado
De dos en fondo.

A la carga, a la carga,
Dijo Taboada,
— Batallón Colorado
Métale bala.

A la carga, a la carga,
Dijo Varela,
— Ya se van los santiagueños
La polvareda.

2ª. VERSION CATAMARQUEÑA

A la carga, a la carga,
Dijo Varela,
— Ya se van los jujeños
La polvareda.

La polvareda, sí,
Dijo Elizondo,
— Vámonos a la carga
De dos en fondo.

De dos en fondo, sí,
Dijo Guayama,
— Vámonos a la carga
Que ya no bay nada.

3ª. VERSION CATAMARQUEÑA

A la carga, a la carga,
Mandó Varela,
— Que se vayan los míos
A luz de vela.

A la carga, a la carga,
Mandó Chumbita,
— Vámonos todos juntos
Niña bonita.

VERSION JUJEÑA

Pregúntale a Varela
Qué es lo que baila,
Si baila la chilena
Del Pozo e Vargas.

Del Pozo e Vargas, sí,
Dijo Cornejo
— A la carga muchachos
Que ya no hay riesgo.

Que ya no hay riesgo, sí,
Dijo Chumbita,
— Que a mí no se me escapa
Niña bonita.

Negrita de mi vida,
Dijo Varela,
— A la carga muchachos,
Rompan trincheras.

Rompan trincheras, sí,
Dijo Elizondo,
— ¡Aura! pues laguneros
De dos en fondo.

De dos en fondo, sí,
Dijo Guayama,
— A la plaza muchachos
Tengamos fama.

A la carga, a la carga,
Mandó Elizondo,
— Vamonos marchando
De dos en fondo.

1ª. VERSION SALTEÑA (7)

En la plaza de Salta
Se oyen los ayes
Porque don Roque Frías
Vendió los Valles.

A la carga, a la carga,
Dijo Elizondo,
— Rompamos las trincheras
De cuatro en fondo.

A la carga, a la carga,
Dijo Guayama,
— Si la pierdo a esta guerra
No cargo espada.

A la carga, a la carga,
Dijo Varela,
— Se le cansó el caballo
Y montó en suk "agüela".

2ª. VERSION SALTEÑA (8)

Batallón de Varela,
Pozo de Vargas,
!Vivan los generales
Mitre y Taboada!

Mitre y Taboada, sí,
Pues nos salvaron,
Y al pérfido "montonero"
Lo desbandaron.

Lo desbandaron, sí,
Dijo Taboada,
— Si a esta guerra la pierdo,
No cargo espada.

No cargo espada, sí,
Pozo de Vargas,
La despedida es corta,
La ausencia es larga.

La ausencia es larga, sí,
Dijo Varela,
— Ya verán los norteros
La polvareda.

Siempre la polvareda,
Dale que dale,
Cuando más puñaladas,
Más sangre sale.

Batallón Cazadores,
Braves riojanos.
!Que vivan los salteños
Y tucumanos!

Apareció Varela,
Cayó Taboada
Y, con los santiagueños,
Glorió su espada.

Glorió su espada, sí,
Pozo de Vargas,
Donde tiró su línea
Manuel Taboada.

(7) Versión recogida por F. Ramón Cano Vélez, y reproducida en su libro **Amaicha del Valle** (Tucumán, 1943).

(8) Versión recogida por Carlos Gregorio Romero Sosa, en la provincia de Salta. Se la dictó D. José Dión Soliveréz.

Manuel Taboada, sí,
Dijo Cornejo,
— A la carga muchachos
Que ya no hay riesgo.

!Viva Martín Cornejo.
Jujuy y Salta!
Sólo bailar la zamba
Nos nace falta.

Rompamos las trincheras.
Dijo Elizondo,
— Rompamos las trincheras
De cuatro en fondo.

Mienten esos que afirman,
Que "Peque" Frías
Hizo venta del Valle
Con felonías.

Con felonías, sí,
!Maulas de Urquiza!
"Aunque me hagan cosquilla
No tengo risa".

No tengo risa, sí,
Causa a la rabia
Que me dan estos maulas,
Dirá Saravia.

Ni su propio caballo
Sirvió a Varela,
Cuando partió a la fuga
Tras de su "agüela".

Ya se fugó Varela
!Valientes tropas!
Con Cornejo y Taboada,
Dicha no es poca.

Dicha no es poca, sí,
Dijo Orihuela,
— Libres de laguneros
Y de Varela.

Batallón de Varela,
Pozo de Vargas.
!Vivan los generales
Rojo y Taboada!

Rojo y Taboada, sí,
Mitristas de alma,
A la patria argentina
Dan gloria y calma.

Ya se fugó Varela...
Don Manuel Sosa
Lo bailó en la trinchera
!No es poca cosa!

!Vivan los generales
Rojo y Taboada!
Batallón de Varela,
Pozo de Vargas.

1a. VERSION SANTIAGUEÑA

Batallón de Varela,
Pozo de Vargas,
Formó su pelotón
Manuel Taboada.

Aquel "bocón" (9) que viene
Ha de acabarnos,
Vamos a hacer un tiro
Guapos muchachos.

Al primer tiro que hizo,
Le dió en la boca,
Fugándose Varela,
!Valientes tropas!

(9) Cañón.

Desenvainó su espada,
Manuel Taboada,
— Si esta guerra pierdo,
No cargo espada.

Señores artilleros
Prendan la mecha,
Ya viene el enemigo
Por la derecha.

2ª VERSION SANTIAGUEÑA (10) Antonino Taboada,

Atención militares
Que voy a mandar
Con el flanco derecho
Paso regular.

Así decía :
— Si no gano esta guerra
No cargo espada.

4ª. VERSION SANTIAGUEÑA

Apróntense muchachos
Dijo Elizondo
— Marchemos de frente
De dos en fondo.

Batallón de Varela,
Pozo de Vargas,
Formó sus escuadrones,
Manuel Taboada.

Con valentía muchacos
“Priendan” la mecha
Que viene el enemigo
Por la derecha.

Al primer tiro que hizo
Le dió en la boca,
“Juyéndose” Varela,
! Valientes tropas !

Cantando esta zamba
Corro a mis males
Y queden las parejas
En sus lugares.

Desenveinó su sable,
Manuel Taboada,
— Si esta guerra pierdo
No cargo espada.

3a. VERSION SANTIAGUEÑA

Batallón de Varela,
Pozo de Vargas,
Tendieron la línea
por sobre el agua.

Batallón de Varela,
Pozo de Vargas,
La despedida es corta
La ausencia es larga.

5ª VERSION SANTIAGUEÑA (11)

Por sobre el agua, sí,
Dijo Elizondo,
— Tendieron la línea
De dos en fondo.

Batallón de Varela,
Pozo de Vargas
Aquí tiró su línea
Manuel Taboada.

(10) Versión recogida por Pedro Néstor Toloza, en Villa Salavina, provincia de Santiago del Estero, y comunicada al autor por B. Peralta Luna.

(11) Versión recogida por Cristóforo Juárez, en La Aurora, departamento Banda, provincia de Santiago del Estero, y comunicada al autor por Bailón Peralta Luna.

A la carga, a la carga,
Dijo Elizondo,
— Batallón Colorado
De dos en fondo.

A la carga, a la carga,
Dijo Taboada,
— Batallón Colorado,
Métale bala.

A la carga, a la carga,
Dijo Varela,
— Ya se van los riojanos
La polvareda.

A la carga, a la carga,
Dijo Chumbita,
— A las niñas bonitas
Que están solitas.

6ª VERSION SANTIAGUEÑA (12) La despedida es corta
La ausencia es larga.

Batallón de Varela,
Pozo de Vargas,
Estiraron la línea, zambita,
Por sobre el agua.

Señores artilleros,
“Priendan” la mecha;
Ya viene el enemigo, zambita,
Por la derecha.

Por sobre el agua, cierto,
Dijo Elizondo;
— Estiraron la línea, zambita,
De dos en fondo.

Antonino Taboada,
Así gritaba:
— Si no gano esta guerra, zambita,
No cargo espada.

7ª VERSION SANTIAGUEÑA (13)

Batallón Cazadores,
Dijo Paunero,
— Por derecha e izquierda
Rompan el fuego.

Batallón Granaderos.
Dijo Navarro,
— Por derecha e izquierda
Formen el cuadro.

Batallón Cazadores,
Pozo de Vargas,

8ª VERSION SANTIAGUEÑA (14)

! A la carga, a la carga!
Dijo Varela,
— ! A la carga, artilleros, zambita,
Rompan trincheras!

Rompan trincheras, cierto,
Dijo Elizondo,
— ! Batallón lagunero, zambita,
De dos en fondo!

(12) Versión recogida por Narciso Gómez, en Mailín, departamento Avellaneda, provincia de Santiago del Estero, y comunicada al autor por Bailón Peralta Luna.

(13) Versión recogida por Andrés Chazarreta, en la provincia de Santiago del Estero.

(14) Versión recopilada por Bailón Peralta Luna, en Villa Atamisqui, provincia de Santiago del Estero.

! A la carga, a la carga!
Dijo Taboada,
— ! Si esta guerra no gano, zambita,
No cargo espada!

Rompan trincheras, sí,
Dijo Guayama,
— La despedida es corta
La ausencia es larga.

! A la carga, a la carga!
Dijo Chumbita,
— ! Las ansias de quererte, zambita,
No se me quitan!

Dicem que da tristeza
La despedida,
Decile al que te dijo
Que se despida.

9ª VERSION SANTIAGUEÑA (15) Batallón de Varela,
Poza de Vargas,
La despedida es corta,
La ausencia es larga.

Batallón de Varela,
Poza de Vargas,
Formó sus escuadrones
Manuel Taboada.

VERSION TUCUMANA (16)

Dicen que da tristeza
La despedida,
Decile al que te dijo
Que se despida.

Al sentiresta zamba
Los santiagueños,
Cosecharon laureles
Del entrevero.

Porque Manuel Taboada
Para guerrear,
La zamba santiagueña
Mandó tocar.

A la carga, a la carga,
Dijo Taboada,
— Si a esta guerra la pierdo
No cargo espada.

Batallón de Varela,
Poza de Vargas,
Cuando tiran la línea
Las tucumanas, las tucumanas.

Las tucumanas, sí,
Dijo Arredondo,
— Por derecha y de izquierda
"Ruempan" el fondo, "ruempan"
[el fondo.

"Ruempan el fondo, sí,
Así nomás es,
Tan alegre para otros,
Triste para mí, triste para mí.

(15) Versión recogida por D. Amancio González Durán, y comunicada al autor por Carlos Gregorio Romero Sosa.

(16) Versión recogida por Isabel Aretz-Thiele, en Costilla, departamento Monteros, provincia de Tucumán, y reproducida en su libro **Música tradicional argentina — Tucumán** (Buenos Aires, 1946).

Las versiones que hemos reunido en este ensayo, dan cuenta de la popularidad de la "Zamba de Vargas" o "Zambita de Pozo de Vargas" y justifican plenamente, una vez más, que ella encarnó profundamente en el corazón del pueblo argentino.

El triunfo alcanzado el 10 de abril de 1867 por el Ejército del Norte sobre las "montoneras" (17) de Varela, es una de las epopeyas más gloriosa y brillante de nuestra organización nacional, y que sin duda alguna, día llegará en que se le ha de dar el lugar que le corresponde en la historiografía argentina.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- MARCELINO REYES: **Bosquejo histórico de la provincia de La Rioja.** Buenos Aires, 1913.
- GASPAR TABOADA: **Los Taboada.** Tomos I, II, III, IV, y V. Buenos Aires, 1929, 1933, 1937, 1946 y 1950, respectivamente.
- FERMÍN ALFREDO ANZALAZ: **La zamba de Vargas.** En revista "Sustancia". Tucumán; enero-febrero de 1943.
- FERMÍN ALFREDO ANZALAZ: **El combate de Pozo de Vargas.** En diario "La Gaceta". Tucumán, 10 de abril de 1945.
- FERMÍN ALFREDO ANZALAZ: **Pozo de Vargas.** La Rioja, 1945.
- FERMÍN ALFREDO ANZALAZ: **Cuentos y tradiciones de La Rioja.** La Rioja, 1946.

BIBLIOGRAFIA GENERAL

- GASPAR TABOADA: **Los Taboada.** Tomos I, II, III, IV y V. Buenos Aires, 1929, 1933, 1937, 1946 y 1950, respectivamente.
- LUIS BRAVO TABOADA: **La batalla del Pozo de Vargas.** En diario "La Nación". Buenos Aires, abril 10 de 1944.
- FERMÍN ALFREDO ANZALAZ: **Pozo de Vargas.** La Rioja, 1945.
- ALFREDO GARGARO: **La batalla de Pozo de Vargas.** Santiago del Estero, 1946.
- HECTOR A. BARRIONUEVO: **Primer repertorio de documentos sobre la batalla del Pozo de Vargas.** En "Revista de la Junta de Historia y Letras de La Rioja". La Rioja, enero-junio de 1946.
- PABLO ROJAS PAZ: **El combate de Vargas.** En diario "La Prensa". Buenos Aires, noviembre 17 de 1946.
- FERMÍN ALFREDO ANZALAZ: **Origen histórico de la zamba de Vargas.** En "Revista de la Junta de Historia y Letras de La Rioja". La Rioja, octubre — diciembre de 1946.

(17) Las "montoneras" se acabaron en la Argentina en 1867 al ser derrotado el coronel José Felipe Varela por el general Antonino Taboada, en Pozo de Vargas.

- HECTOR A. BARRIONUEVO : **Segundo repertorio de documentos sobre la batalla del Pozo de Vargas.** En "Revista de la Junta de Historia y Letras de La Rioja". La Rioja, octubre — diciembre de 1946.
- LUIZ BRAVO Y TABOADA : **Polémica sobre la batalla de Vargas.** Buenos Aires, 1947.
- PEDRO F. SORIA OJEDA : **Batalla de Vargas :** Santiago del Estero, 1947.
- AGUSTIN PACHECO : **! Viva Taboada !.** En diario "Los Principios". Córdoba, febrero 27 de 1947.
- EFRAIN U. BISCHOFF : **Pozo de Vargas.** En diario "Los Principios". Córdoba, abril 9 de 1947.
- DARDO DE LA VEGA DIAZ : **En torno a la batalla del Pozo de Vargas.** La Rioja, 1949.
- FELIX LUNA : **La Rioja después de la batalla de Vargas.** Buenos Aires, 1949.
- HORACIO G. RAVA : **Raíz legendaria de la zamba de Vargas.** Santiago del Estero, 1954.

La RIOJA (Rep. Argentina), 1955.



Dr. Luís da Silva Ribeiro

* A direção do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore não * * pode silenciar, nesta sua primeira aparição, após o passamento daquela bela figura de intelectual e de "gentleman" que o foi Luís da Silva Ribeiro, escritor rutilante que presidia o Instituto Histórico da Ilha Terceira.

Tivemos dêle, em tôdas as circunstâncias, palavras de estímulo e de aplausos.

E, dos seus feitos, melhor que nós dirá "Uma nota breve", da lavra de Manuel Greaves, nosso brilhante colaborador, publicada em "O Telégrafo", de 2 de abril pp., nº. 16.597, assim redigida:

Pela história ilhõa, sua etnografia, seu folclore, quantas velhas memórias rebuscou em esconderijos de arquivos locais, durante o último ciclo da sua atividade literária. Reviveu valores de passados esquecidos. Almas de gerações, seus costumes, sua vivença, sua fala, encontraram em Luis Ribeiro uma afincada permanência de estudo num idólatra insatisfeito. Sempre presente nêle a ânsia de descobrir para colher e perpetuar.

Os trabalhos do escritor e jornalista ilustre, dispersos por muitos lados, (as ilhas, o Continente, alguns centros estrangeiros), têm instruído as gentes do seu tempo, através meio século de labor incan-

sável, em colunas de prosa desafectada, calma, a rondar o fato, o incidente, com intuição e interesse. Não precisou pretensões de estilos, nem de formas. Bastou-lhe dizer bem e dizer claro, a prender o seu leitor à espera de mais.

Produziu bastante, integrado no precário meio açoriano. Noutro que fôsse, amplo, ter-nos-ia enriquecido mais, ao ganhar outros horizontes e outra consagração à altura do seu belíssimo talento. Deixou, entretanto, variadíssima obra de largo aprêço sempre presente onde há um cultor e um estudioso. **Palmam qui meruit ferat.**

HORTA, 1955.

* * *

ANO FOLCLÓRICO DE 1955

Depois do intenso labor folclórico de 1954, quando se realizou em São Paulo a maior concentração folclórica já havida, os trabalhos de 1955, se não tiveram igual fulgor, nem por isso deixaram de ser ativos e fecundos com numerosas iniciativas e realizações efetivas.

Ainda que estranho às atividades da Comissão Nacional de Folclore, mas com o seu aplauso caloroso, foi inaugurado em Recife, um Museu Folclórico, dirigido pelo sr. Abelardo Rodrigues, no Horto Zoo-Botânico dos Dois Irmãos, que é excelente mostra de riqueza de arte popular, de cerâmica, sobretudo, daquele Estado.

No fim de 1955 foram entabuladas negociações pela Comissão Nacional de Folclore com a Prefeitura do Distrito Federal, por intermédio do sr. Francisco Maciel Pinheiro, para a criação do Museu Municipal de Folclore, cuja inauguração se deve fazer a 20 do corrente, em anexo à Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro.

Em São Paulo, o prefeito Lino de Matos criou diversas comissões municipais de cultura, inclusive a de Folclore, que já iniciou auspiciosamente os seus trabalhos. O concurso anual de Monografias folclóricas do Discoteca Municipal passou a se chamar Mário de Andrade e a organização da Comissão julgadora foi alterada para ser constituída de representantes das Comissões Nacional, Municipal e Paulista de Folclore.

Numerosas foram as comemorações em todo o Brasil do 10º aniversário da morte de Mário de Andrade, tendo a Comissão Nacional de Folclore evocado a figura do grande folclorista e sua obra, no Dia do Folclore (22 de agosto), com uma conferência do professor Rossini Tavares de Lima, secretário geral da Comissão Paulista de Folclore.

A Comissão Nacional de Folclore prosseguiu na publicação de seu documentário com mais 25 trabalhos editados em 1955, e o seu

Boletim Bibliográfico e Noticioso saiu regularmente, aumentando de muito a sua tiragem, para o Brasil e o estrangeiro.

O Conservatório Brasileiro de Música criou a cadeira de Folclore, no Curso Oficial, sendo provida pelo prof. Renato Almeida.

Entre outros, foram feitos cursos de Folclore pelo sr. Edison Carneiro, no Departamento de Educação Complementar da Prefeitura do Distrito Federal: Wilson Rodrigues, no Centro de Estudos e Pesquisas Artístico-Musicais, também da Prefeitura; José Calazans, na Faculdade de Filosofia, da Universidade da Bahia. Houve igualmente Cursos no Instituto Luso-Brasileiro de Folclore, desta capital, e no Instituto de Educação de Porto Alegre, sobre Danças Gaúchas.

D. Marisã Lira iniciou na Rádio Roquete Pinto um programa de Folclore, às terças-feiras, às 19 horas, e Almirante voltou à Rádio Nacional, com seu programa "Recolhendo Folclore".

A Comissão Espírito-Santense de Folclore dirigida pelo prof. Guilherme Santos Neves, publicou dois números mais de seu jornal "Folclore", o primeiro número 32-33, é um documentário completo do Congresso Internacional, do Festival e da Exposição Interamericana, de São Paulo, em 1954.

A Comissão Catarinense, de que é secretário geral o sr. Osvaldo R. Cabral, publicou o novo número da "Revista Trimestral de Folclore", dirigida por Valter Piazza.

A Comissão do Rio Grande do Sul, dirigida pelo prof. Dante de Laytano, continuou a publicação da série de Monografias folclóricas.

A CIAP — Comissão Internacional de Artes e Tradições Populares — de que é presidente o prof. Rejder Th. Christiansen, da Universidade de Oslo e secretário geral o prof. Jorge Dias, da Universidade de Coimbra, elegeu membro da sua diretoria, na reunião de Arnhem, Holanda, de 21 de setembro de 1955, o sr. Renato Almeida, secretário geral da Comissão Nacional de Folclore.

Ao mesmo tempo e na mesma cidade realizou-se o Congresso Internacional de Folclore que se encontrou, igualmente, como nós em São Paulo, diante de dificuldades para suas decisões e comissionou o prof. Jorge Dias, secretário geral da CIAP para nomear uma comissão de especialistas de vários países para resolver os problemas pendentes. Tal como foi feito em 1954, em São Paulo. Em seguida, a Real Academia de Ciências da Holanda convidou, em Amsterdam, treze representantes de vários países para debater os assuntos e chegar a conclusões ainda não divulgadas.

Reuniu-se, em Oslo, de 29 de junho a 5 do corrente, a VIII Conferência Internacional da Música Folclórica.

Nessa reunião, foi reeleito para o Conselho Diretor do "International Folk Music Council" o sr. Renato Almeida, que nele tem assento desde a sua fundação.

O Conselho Internacional de Música, em colaboração com a

UNESCO, lançou recentemente duas novas séries de discos "Long-Playing": uma Antologia de Música Contemporânea e uma Coleção Mundial de Música e Música Folclórica, para as seleções incluídas na Antologia foram escolhidas composições dos principais compositores de trinta Nações.

A estante folclórica brasileira foi enriquecida este ano com os seguintes livros: 2a. edição de "Violeiros do Norte", de Leonardo Motta; o "Maracatu de Recife", do maestro Guerra Peixe; a "Dança de São Gonçalo", de Saul Martins; "Santos e Visagens", de Eduardo Galvão; "Folclore do Triângulo Mineiro", de Orlando Tôrres, com prefácio de Aires da Mata Machado Filho; "Melodia e Ritmo no Folclore de São Paulo", de Rossini Tavares de Lima; "Tradições e Superstições do Brasil Sul", de Valter Spalding; "La Condessa", de Téo Brandão, em separata da "Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares", de Madrí, Tomo X, 1954, Cuaderno 4º; "A Cozinha Baiana", de Hildegardes Vianna; "Estudos sobre Almeida Garret", coletânea de trabalhos sobre o grande poeta português, no seu aspecto folclórico, organizada pela Sociedade Luso-Brasileira de Etnografia, dirigida por d. Mariza Lira e com a colaboração dos srs. Adriano de Almeida Maurício, Renato Almeida, Fernando de Castro Pires de Lima, Joaquim Ribeiro, Elísio de Vasconcelos e Mariza Lira.

Foi publicado o II volume dos Anais do I Congresso Brasileiro de Folclore, que dá a resenha das atividades do conclave e continua a publicação de numerosas teses que lhe foram apresentadas.

O ano registrou a perda dos folcloristas Luiz Palmier, secretário geral da Comissão Fluminense de Folclore; Anísio Melhor, da Bahia; e Pedro Guedes, de Goiás.

Ao iniciar o seu oitavo ano de existência, a Comissão Nacional de Folclore não apenas espera e confia no crescente desenvolvimento de seus trabalhos culturais, no sentido do estudo do Folclore nacional, e sociais, no do resguardo e defesa do patrimônio das artes populares, como acredita na compreensão nacional, oficial e privada, principalmente das nossas Universidades e grupos culturais, a fim de poder aumentar e incentivar as suas atividades e revelar ao Brasil, de modo cada vez mais perfeito, o conhecimento exato do seu povo, a cujo estudo e pesquisa se consagra com tanto devotamento e amor.

NR. — Este relato estampado na edição do "Diário Carioca", do Rio de Janeiro, de 8 de janeiro do ano em curso, não assinala uma das grandes vitórias do Folclore Brasileiro: a tradução para o espanhol do livro de Oswaldo R. Cabral, "Cultura e Folclore", que será lançado pela Editora Raigal, da Argentina, traduzido pelo Prof. Daví Daoud, assistente do eminente Mestre do Folclore Argentino, Tobias Rosenberg.



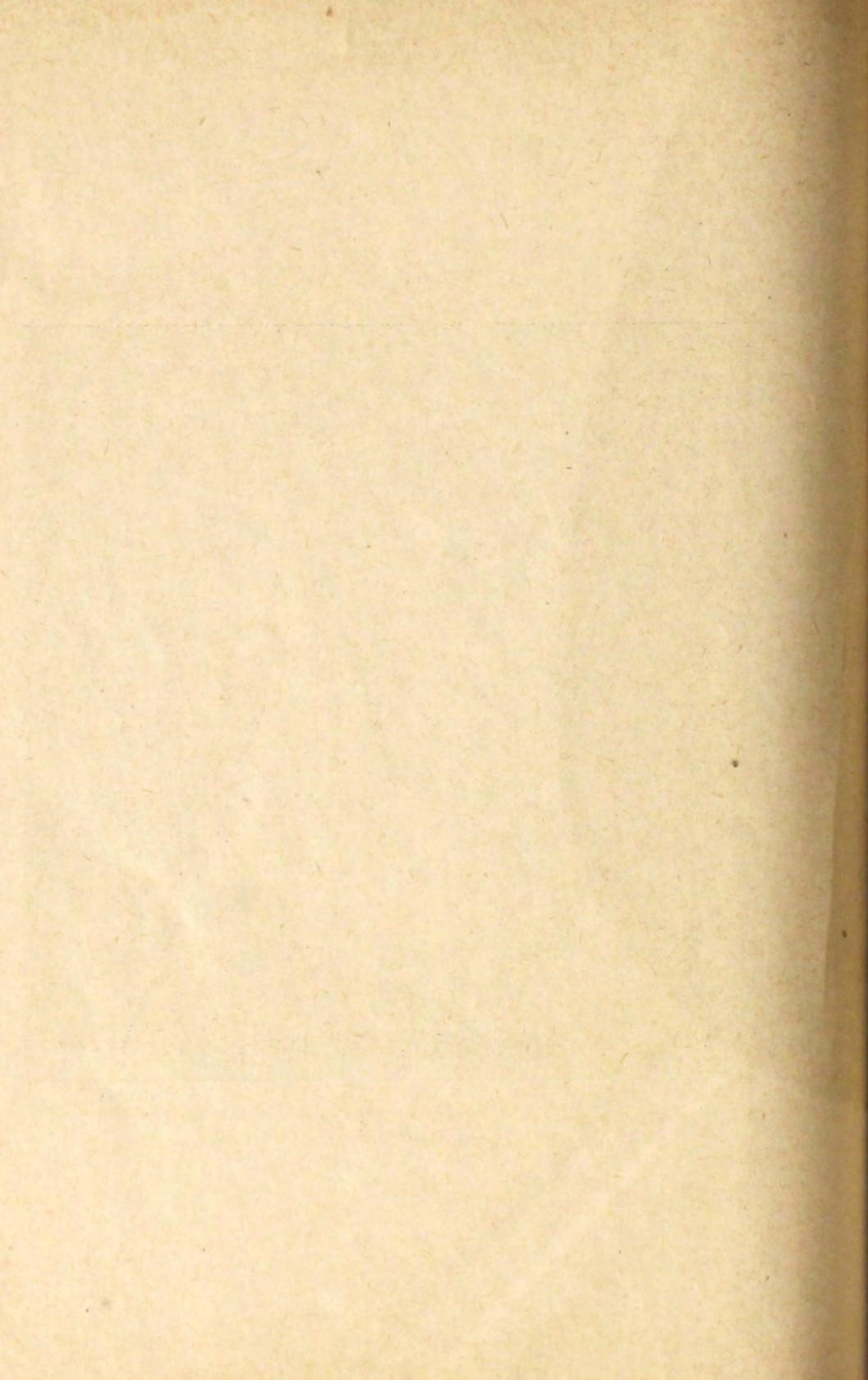


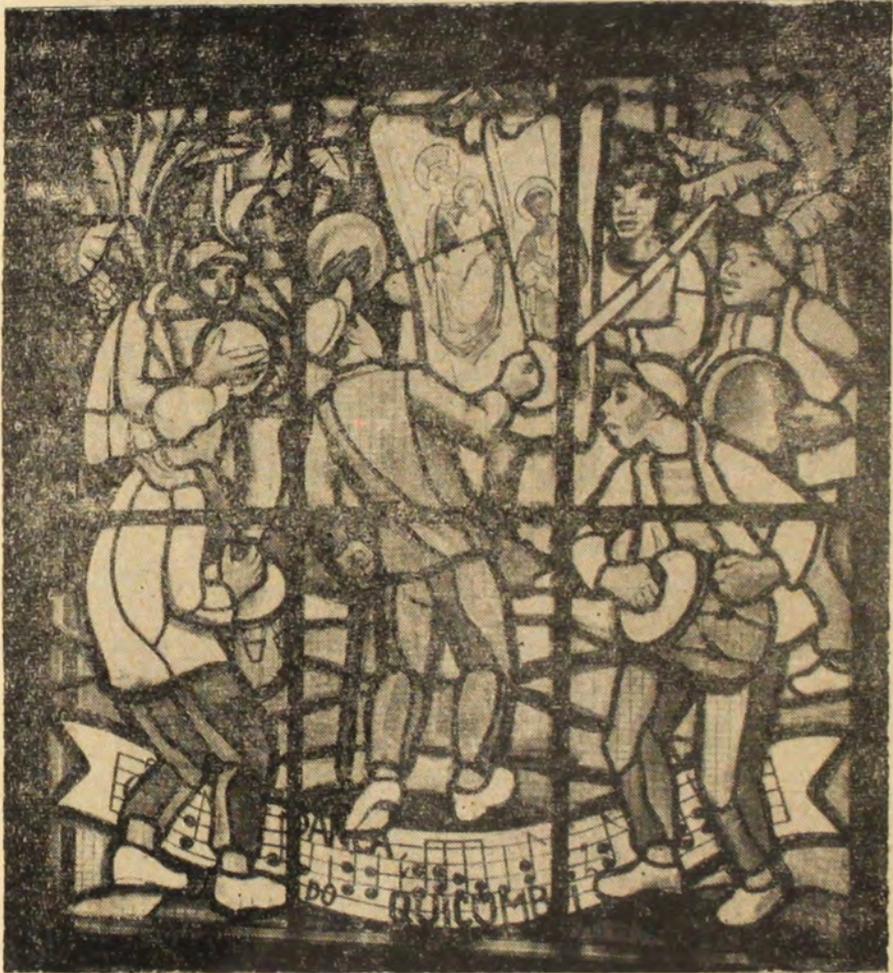
A CCF colaborou na obra magnífica da reconstrução do Teatro "Álvaro de Carvalho", em Florianópolis, fornecendo fotografias para a elaboração dos vitrais. O motivo acima é "Boi-de-mamão".



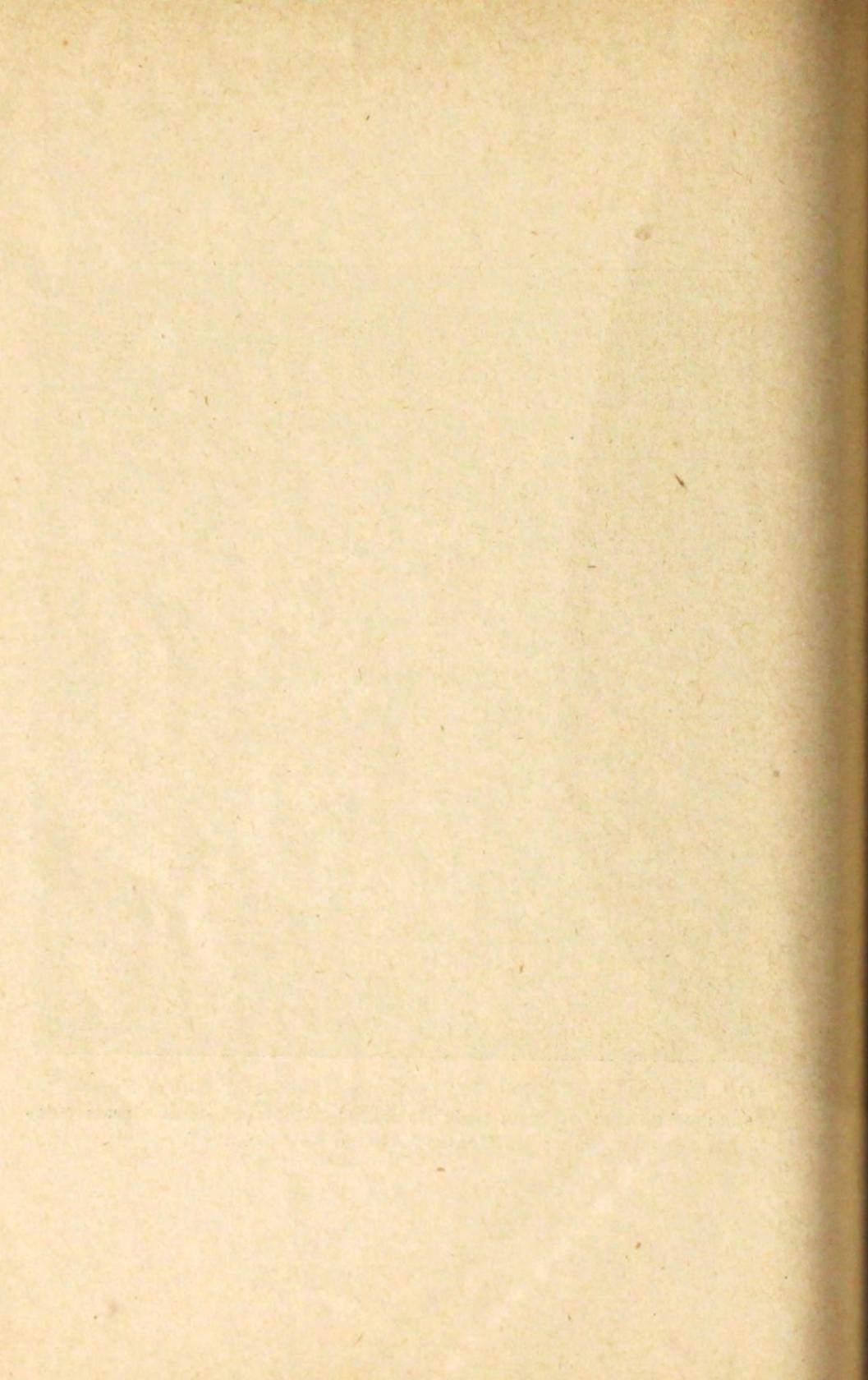


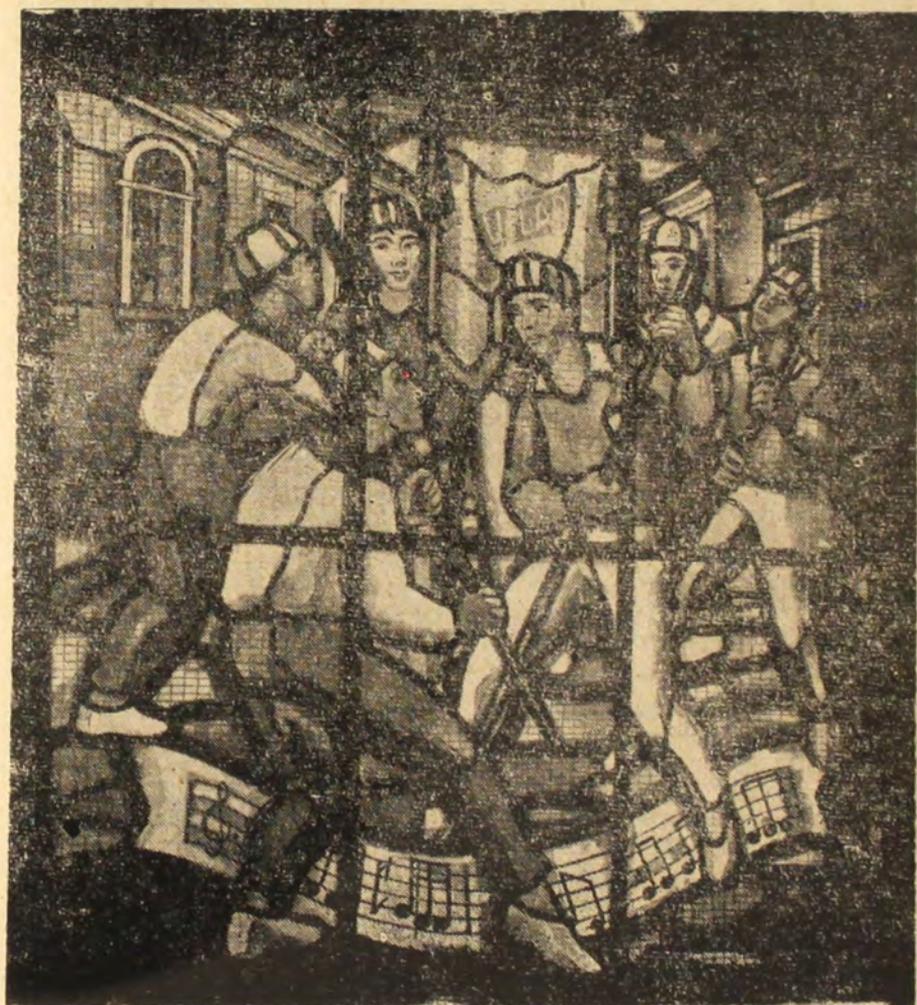
O "Pau-de-fitas", motivo de um dos vitrais do Teatro "Álvaro de Carvalho.



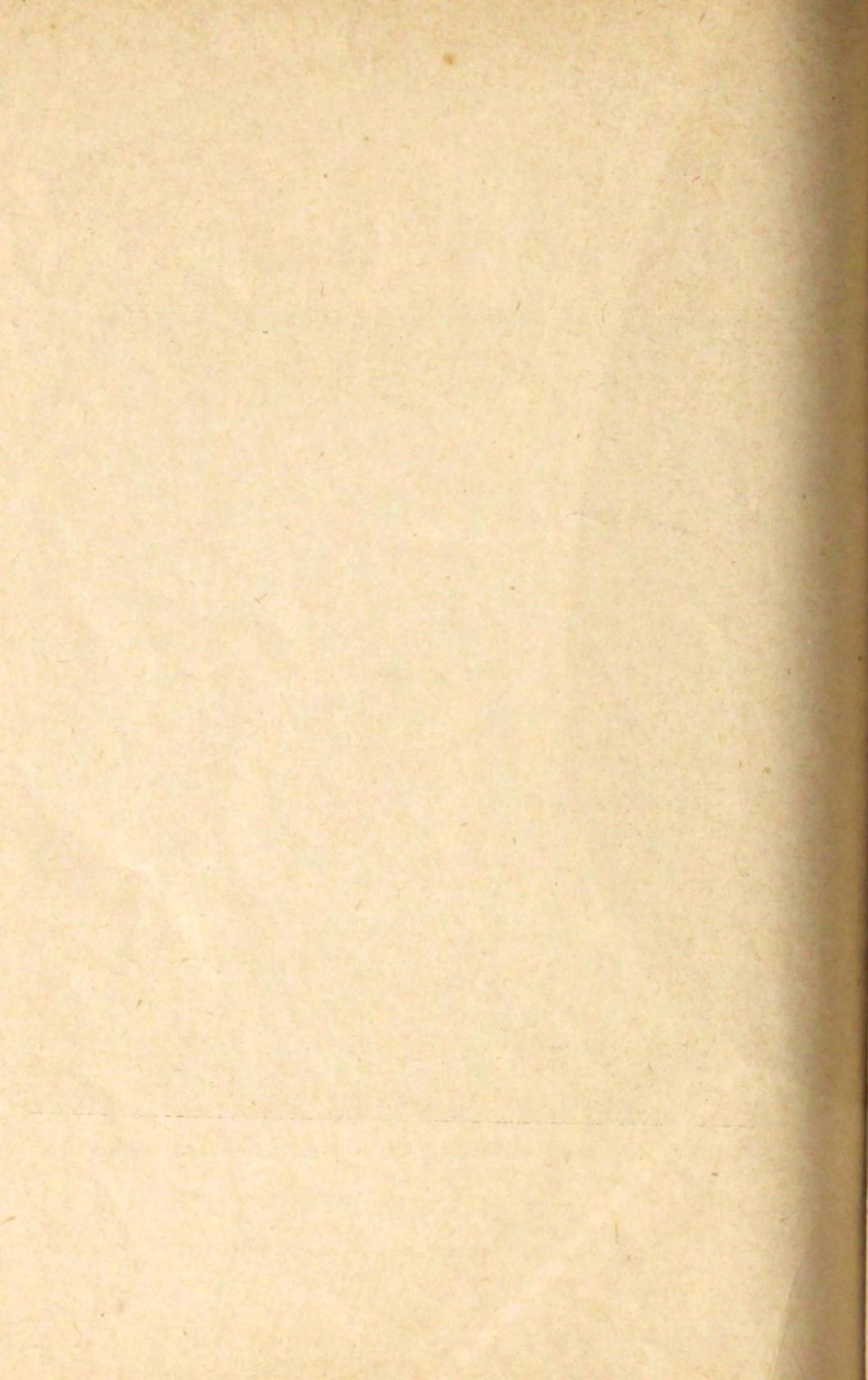


O “Cacumbí” ou “Quicumbí” (conforme registrou Walter Piazza, em suas pesquisas, no município de Biguaçu): é outro dos vitrais colocados no Teatro “Álvaro de Carvalho”.





"O Vilão": um dos vitrais, colocados no Teatro "Álvaro de Carvalho".





Folclore brasileiro-açoreano

O nosso constante colaborador e animador, Manoel Greaves, distinto escritor do Faial, publicou a nosso respeito, no jornal "Correio da Horta", daquela Ilha Açoreana, na edição de 27 de maio p. p. nº. 6.851, a seguinte nota, subordinada ao título acima:

O "Boletim da Comissão Catarinense de Folclore", números 20 e 21, que se publica em Florianópolis sob a hábil direção do escritor Walter Piazza, insere uma notável colaboração nas suas 120 páginas de texto.

De novo, o nosso patricio Júlio Andrade, professor e escritor, recordou as coisas antigas da sua ilha, inserindo no **Boletim** o interessante estudo — **A Folga**.

J. Andrade revive essa velha diversão do nosso povo ilhéu, famosa nos antigos tempos, em todas as freguesias da ilha. A Chamarrita, com as suas cantigas de desgarrada, que tanto exteriorizava a alegria campesina, é ali tocada com evidente e saudosa evocação. A nós, que conhecemos esses folguedos do Faial, Pico e Flores, o ensaio do nosso patricio trouxe-nos grata lembrança, com a origem e as modalidades desses folguedos populares, levados pelos imigrantes açoreanos, na época da colonização, às terras do sul do Brasil.

Felicitemos a Walter Piazza pelo êxito do recente "Boletim Folclórico", da sua distinta direcção.

Em Santa Catarina e Rio Grande do Sul continuaram os imigrados a sua vida e costumes das ilhas. Quanto a trabalhos femininos, lê-se no estudo de Noemy Valle Rocha:

“A mulher no passado dedicava-se quase exclusivamente a afazeres domésticos, menos pesados, pois os mais grosseiros eram feitos pela escrava. Pela manhã, em geral, punham as estrigas na rocas e no fim do dia vários fusos estavam cheios.

Depois faziam as telas para os bordados, quase sempre em linho. Nesses e noutros labores nossas antepassadas açoreanas eram peritas. Suas mãos ágeis trocavam com perfeição os bilros e dessa troca graciosa tiravam as mais lindas rendas, com que guarneciam sua roupa interior, a da cama e a da mesa”.

* * *

Buenos Aires, 30 de marzo de 1955

Señor

Dr. D. Walter F. Piazza

Comissão Catarinense de Folclore

Rua: Tenente Silveira, 69

FLORIANÓPOLIS (Sta. Catarina)

Brasil

Mi muy querido y distinguido amigo y colega:

He recibido el nº.20-21 del Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclore. Muchísimas gracias y todas mis felicitaciones por tan interesante y valiosa publicación. Están Ustedes salvando un verdadero tesoro espiritual. Llas poesías, los refranes, las tradiciones, las leyendas que recogen del pueblo y estampan en el papel son trozos de alma que se hacen inmortales en la historia de la sabiduría popular brasileña. Ellos revelan miles de cosas. Su lectura es sumamente atrayente.

Hasta pronto. Lo saluda con todo afecto, su admirador y amigo devotísimo.

Dr. Enrique de Gandía

* * *

Do Diretor da Biblioteca Pública Municipal “Pedro Fernandes Tomás”, de Figueira da Foz, Portugal:

“Exmo Snr.

Diretor do “BOLETIM TRIMESTRAL DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE”

Casa de Santa Catarina

Rua Tenente Silveira, 69

Caixa Postal 301

FLORIANÓPOLIS Santa Catarina BRASIL

Exmo Snr.

Muito reconhecido, agradeço a V. Excia. a gentil oferta feita a esta Biblioteca, do “BOLETIM TRIMESTRAL CATARINENSE DE

FOLCLORE", que pelo seu magnífico texto, muito veio valorizar as coleções regionais deste Estabelecimento, e dar maior incremento ao recheio da sala aqui existente, dedicada ao Brasil.

Não querendo ser importuno, concedo-me rogar a V. Excia. a oferta de futuras publicações dessa Exma. Comissão, pelo que desde já me confesso muito grato.

Aproveito a oportunidade para cumprimentar V. Excia e subscrevo-me com elevado apreço,

De V. Excia.

A Bem da Nação

O Diretor da Biblioteca

Antônio Vítor Guerra

* * *

Do ilustre beletриста argentino, — Dr. ANDRES J. ABAD, recebemos a seguinte carta:

San Martin, 28 de Junio de 1955.

Sr.

Walter F. Piazza

Brasil

Mi buen amigo:

Muchas gracias por los ejemplares nº. 17/19 y 20/21 del Boletín Trimestral de la Comisión Catarinense de Folclore bajo su inteligente y dinámica Dirección.

Los he leído con gusto y encontré en ellos muchas cosas de interés. Es una publicación folklórica de real valer, bien presentada, bien documentada y con muchas y buenas colaboraciones.

Dada mi profesión me satisfizo la extensión dada a los temas médicos y muchas observaciones, verdaderamente originales, han de servirme en ocasiones futuras.

Su trabajo "O quicumbí" es una expresión monográfica completa, suficientemente explicada, ilustrada, de un tema digno de estudio. La significación dada, las acotaciones y la amplia descripción permiten una puesta al día del mismo, que mucho debemos agradecerle.

Al reiterarle mi gratitud y mis felicitaciones por la obra magnífica que realiza, junto a sus cordiales colaboradores, le hago llegar las seguridades de mi personal amistad y estima.

Andres J. Abad

* * *

Folclore catarinense

Subordinado ao título acima o conhecido escritor e antropólogo patricio, dr. Manuel Diégues Júnior, na sua coluna dominical do

“Diário de Notícias”, do Rio de Janeiro, assim se expressou a respeito do nosso **Boletim** :

“Em seu número 20-21, referente a setembro-dezembro de 1954, circula o “Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclore”, contendo, como sempre, escolhida matéria de colaboração, não só de autores nacionais como estrangeiros, além de farto noticiário. Destacam-se artigos de Carlos da Costa Pereira sobre a figueira, de Lucas Boiteux, com novas achegas à poranduba catarinense, de Vitor B. Caminha sobre o tupi nos locativos catarinenses, de Noberto de Souza sobre têço para São Gonçalo, de Olímpio Ferreira sobre credices e superstições, de Florival Serainé sobre o reisado no interior cearense, de Walter Spalding sobre ditados e comparações gaúchas, etc. De colaboração estrangeira destacam-se artigos de Luís Chaves, Félix Coluccio, Júlio Andrade e Castillo de Lucas. O Boletim tem como diretor o folclorista Válter F. Piazza.”

COLABORADORES

Nacionais:

Acílio Acacio Pereira Pires
Adão Carrazoni
Almiro Caldeira de Andrade
Alceu Maynard Araujo
Alvaro Tolentino (†)
Pe. Alvino Bertoldo Braun, S. J.
Altaír Mazon
Bento Aguedo Vieira
Constantino Medeiros
Custódio F. de Campos
Carlos da Costa Pereira
Domingos Vieira Filho
Egon Schaden
Elsiário Pereira
Euclides J. Felipe
Pe. Evaldo Pauli
Eduardo Campos
Eustorgio Wanderley
Florival Seralne
Fausto Teixeira
Felix Lima Júnior
Felte Bezerra
Francisco Machado de Souza
Hermínio Mills (†)
Henrique da Silva Fontes
Hildegardes C. Vianna
Horácio Paz
Hermógenes Lima Fonseca
Idefonso Juvenal
Jaime Mazon
Jefferson Davis de Paula
João Dornas Filho
João Palma da Silva
João dos Santos Areão
Pe. João Reitz
Jorge Lacerda
José Jorge
José de Lima
Levi Hal de Moura
Lucas A. Boiteux
Luiz Alípio de Barros
Luiz R. de Almeida

Maria de Lourdes Henriques
Mariza Lira
Mario Campos Birnfeld
Moacyr Santana
Neusa Nunes
Orlando F. de Melo
Oswaldo Melo Filho
Othon D'Eça
Otávio Silveira
Plácido Gomes
Renato Almeida
Renato José da Costa Pacheco
Rossini Tavares de Lima
Ruben Ulssela
Rui Vieira da Cunha
Saul Martins
Silveira Junior
Teobaldo C. Jamundá
Téo Brandão
Tassilo Spalding
Urbano V. Cama Salles
Verissimo de Melo
Victor B. Caminha
Vitor Peluso Jr.
Walter Spalding
Zedar Perfeito da Silva

Estrangeiros:

Antonio Castillo de Lucas — Espanha
Augusto C. Pires de Lima — Portugal
F. Carreiro da Costa — Açores
Fermin A. Anzalaz — Argentina
Fernando de Castro Pires de Lima —
Portugal
Felix Colluccio — Argentina
Júlio Andrade — Portugal
J. A. Pombinho Jor. — Portugal
Jorge Ramos — Portugal
Luiz Chaves — Portugal
Luiz Ferreira Drumond — Açores
Manoel José de Andrade — S. Domingos
Manoel Greaves — Açores
Tobias Rosenberg — Argentina
Wilhelm Gliese — Alemanha

